



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
PORTUGUESA

KEY ASPECTS OF INTERVENTION TO SUPPORT RUNAWAY  
YOUTHS: THE EXPERIENCE OF IAC

Relatório de Estágio apresentado à Universidade Católica  
Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Serviço  
Social

Por

Sofia Della Casa

Faculdade de Ciências Humanas

Março 2023



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
PORTUGUESA

KEY ASPECTS OF INTERVENTION TO SUPPORT RUNAWAY YOUTHS: THE  
EXPERIENCE OF IAC

Relatório de Estágio apresentado à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Serviço Social

Por

Sofia Della Casa

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação de Ana Maria da Costa Oliveira

Março 2023

## **Abstract**

This report is the result of the integration of literature analysis and qualitative research analysis conducted during an internship at the Instituto Apoio Criança, in Lisbon. Documental analysis, direct observation, the construction of biograms and interviews were performed to investigate social work interventions with runaway youths. The target group in question is vulnerable youths and their families who have engaged in runaway behaviour, meaning they have permitted one or more nights outside of their homes without the consent from their parents, or they spend extensive time on the streets.

The main objectives of the investigation are to identify the causes for runaway behaviour, paying particular attention to the role of the family, and to explore the suitable social work interventions aimed at this group. Specifically, to identify the positive aspects of intervention and the existing challenges, to highlight which methods can guarantee a greater success, and how intervention can be made more efficient. The report's theoretical foundations are built on the ecological perspective as it considers the social environment of an individual and in turn, the challenges this implies for intervention.

Results show that positive aspects include building trust and collaborative relationships with the youth, their families and other entities. To do so, values of listening, care, flexibility, tolerance, patience, empowerment and support must be encouraged. Furthermore, although risk factors are commonly found in the family context, they are present in multiple environments (individual, family, school, community, society), implying the need to conduct holistic needs assessments and establish a multidisciplinary intervention for a more guaranteed success. Lastly, considering the heterogeneity and uniqueness of runaways, intervention should be flexible and individualised.

**Key Words:** The Ecological Perspective; Social Work Interventions; Runaway Youths

## Resumo

Este relatório é o resultado da integração da análise da literatura e da análise da investigação qualitativa realizada durante um estágio de mestrado em Serviço Social no Instituto Apoio Criança, em Lisboa. Foram realizadas análises documentais, observação direta, a construção de biogramas e entrevistas para investigar intervenções de Serviço Social com jovens em fuga. O grupo-alvo em questão são os jovens vulneráveis e as suas famílias que se envolveram em comportamentos furtivos, o que significa que permitiram uma ou mais noites fora das suas casas sem o consentimento dos pais, ou que passam muito tempo nas ruas.

Os principais objetivos da investigação são identificar as causas do comportamento furtivo, prestando particular atenção ao papel da família, e explorar as intervenções do Serviço Social adequadas dirigidas a este grupo. Especificamente, identificar os aspetos positivos da intervenção e os desafios existentes, para destacar quais os métodos que podem garantir um maior sucesso, e como a intervenção pode ser tornada mais eficiente. Os fundamentos teóricos do relatório são construídos na perspetiva ecológica, uma vez que considera o ambiente social de um indivíduo e, por sua vez, os desafios que isso implica para a intervenção.

Os resultados mostram que os aspetos positivos incluem a construção de confiança e relações de colaboração com os jovens, as suas famílias e outras entidades. Para tal, os valores de escuta, cuidado, flexibilidade, tolerância, paciência, empoderamento e apoio devem ser encorajados. Além disso, embora os fatores de risco sejam normalmente encontrados no contexto familiar, estão presentes em múltiplos ambientes (individual, familiar, escola, comunidade, sociedade), implicando a necessidade de realizar avaliações holísticas das necessidades e estabelecer uma intervenção multidisciplinar para um sucesso mais garantido. Finalmente, considerando a heterogeneidade e a singularidade das fugas, a intervenção deve ser flexível e individualizada.

**Palavras-chave:** A Perspetiva Ecológica; Intervenções de Serviço Social; Crianças em fuga

## Table of Contents

Abstract.....	1
Resumo .....	2
List of Figures .....	5
List of Abbreviations .....	6
Introduction .....	7
1. The Runaway Youth, perspectives and challenges .....	11
1.1 Children’s Rights and the Portuguese Legal System .....	11
The Convention on the Rights of the Children & the Concept of the Child.....	11
The Evolution of the Portuguese Promotion and Protection System.....	12
Situations of Risk and Danger & the LPCJP .....	14
The Measurements of the LPCJP .....	15
1.2 Overview of Runaway Youths .....	17
The Importance of Definitions and the Profile of Runaway Children.....	17
1.3 Risk & Protective Factors .....	21
Risk Factors .....	21
Risk Factors in Runaway Youths.....	24
Protective Factors .....	27
Resilience in Runaway Youths.....	31
1.4 Social Work Intervention .....	33
1.4.1 The Ecological Perspective.....	34
The Ecological Perspective & the Role of Social Work Intervention.....	37
1.4.3 Intervention with Runaway Youths.....	40
1.4.4 The Role of the Family in the Development of Children and in Intervention with Runways ....	46
2. The Internship .....	50
2.1 Instituto Apoio á Criança.....	50
2.1.2 Projeto Rua – em Família para Crescer .....	54
2.3 The Partnerships of IAC.....	57
2.4 The Target Population of the CDIJ .....	58
2.5 The Course of the Internship .....	59
3. The Analysis of the Key Aspects of Intervention with Runaways .....	63
3.1 The Methodology of Research.....	63
3.2 The Analysis of Cases: Reasons, Sentiments, Key Aspects of Intervention. ....	65

Case 1: Linda .....	66
Linda’s Runaway Experience.....	67
Linda’s Mom View.....	69
IAC’s Intervention with Linda.....	71
Case 2: Paul .....	72
Paul’s Runaway Experience.....	74
Paul’s Mom View .....	75
IAC’s Intervention with Paul .....	76
Case 3: Sam .....	78
Sam’s Runaway Experience.....	78
Sam’s Mom View .....	80
IAC’s Intervention with Sam.....	81
3.2.1 The Common Reasons for Runaway Behaviour & some Key aspects of Intervention .....	83
3.3 The Risk and Protective Factors of Runaway Youths based on the Case Studies.....	85
3.3.1 Risk: New Environments, Parents’ Separation, and New Family Members .....	86
3.3.2 Risk: Development and Maturity .....	87
3.3.3 Protective factor: Determination.....	89
3.3.4 Risk factor: Family Relationships .....	89
3.3.5 Protective factor: Family Relationships .....	90
3.3.6 Protective Factor: Sports .....	91
3.3.7 Risk factor: The School Context .....	92
3.3.8 Protective Factor: The School Context.....	93
3.4 The Positive Aspects of IAC’s Intervention based on the Case Studies .....	95
3.5 The Challenges of IAC’s Intervention based on the Case Studies.....	101
4. Guidelines for a More Efficient Intervention .....	107
Conclusion.....	112
Reference List.....	114
Appendix .....	120
Appendix A – Biograms .....	120
Appendix B – Interview Guides .....	123
Appendix C – Consent Form.....	125
Appendix D – Interview Questions .....	127
Appendix E - Interview Transcriptions .....	131

## List of Figures

Figure 1: Protective Factors for the Wellbeing of Youths.....	30
Figure 2: The Organisational Structure of the Institute.....	52
Figure 3: The axes of Intervention of the Projeto Rua.....	56
Figure 4: The Intersection of Risk and Protective Factors .....	86

## **List of Abbreviations**

**ACEs** – Early Childhood Experiences

**CAC** - Centro de Apoio Comunitário

**CDIJ** – Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil

**CEF** – Centro de Educação e Formação

**CPCJ** – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

**CRC** – Convention on the Rights of the Children

**DGRSP** – A Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

**IAC** – Instituto Apoio á Criança

**LPCJP**- Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

**LPI** - Lei para a Proteção da Infância

**LTE** – Lei Tutelar Educativa

**OTM** – Organização Tutelar de Menores

**PSP** – Polícia Segurança Publica

## **Introduction**

The present report, a component of the master's degree in social work of Universidade Catolica Portuguesa, arises from having concluded an internship with the Instituto Apoio Criança in Lisbon where the social work interventions with youths at risk and particularly runaway youths was observed and studied. The choice of topic evolved from an initial interest in exploring the theme of human trafficking and missing children, and later transformed into a wish to contribute academically and personally to the field of social work. The opportunity to participate in a practical experience with Projeto Rua was thus very appreciated, as well as suited to my curiosity. This choice therefore stems from personal and academic interest as well as a motivation to contribute socially.

This report combines the observed reality of practical experiences with the insights of ecological theory. This perspective was chosen because it takes into consideration the social environment of the target population and the reciprocal interactions within it that continuously evolve and affect one another. This theoretical model is important as it takes into account the societal context of the youth and their families, this being the barriers and limits imposed by society, rather than only looking at the individual or family context.

This report has two thematic objectives. The first is to identify the main causal factors driving runaway youth at risk in the context of Portugal. This involves:

- Assessing how vulnerable youth are protected by the Portuguese welfare system;
- Exploring the definitions and general characteristics (profile) of runaway youth globally;
- Identifying the main causes and risk factors that lead a young person to run away from their homes or institutions;
- Exploring the role of families in causing young people to run away.

The second thematic objective is to explore interventions which aim to remedy this issue, and to assess their efficacy, in order to understand which factors define and contribute to their success. This objective involves:

- Determining the obstacles preventing runaway youth from accessing healthcare and social services;

- Exploring the main social work intervention processes with runaway youth and their families;
- Identifying the key features (positive and the challenges) of these interventions;
- Determining the sentiments and perspectives of runaway youth and their families regarding the social work interventions, including their satisfaction or dissatisfaction and other concerns;
- Investigating the effectiveness of interventions in tackling the needs of runaway youth based on the results of the analysis and suggest ways in which they can guarantee more successful practices and become efficient;

For context, the goal of the internship experience that this report is based on is to familiarise with social work interventions with youths at risk and their families, and to understand their importance as well as the challenges they face in a Portuguese setting. The methodology adopted throughout the course of the work of this report is of qualitative research, following a model in which the analysis is the result of interpretation and integration with wider literary research. In the initial stage, a systematisation of runaway cases was performed with the help of the Instituto Apoio Criança's (IAC) social workers in order to identify three case studies. Following this, biographical research was conducted with the production of biograms, based on documentation provided by IAC, documenting the life histories of the three young people, highlighting key life events and trying to detect meaning based on these occurrences. Additionally, semi-structured interviews were administered to the three young people, their mothers and their assigned case workers. These interviews focused on understanding the reasons for running away as well as what type of support was provided after the occurrence. A final round of interviews was also conducted with two social workers to understand their perspectives of working with runaway youths. Direct observation was another key method utilised throughout the internship. As the mother tongue of the researcher is not Portuguese, the report is written in English but the transcriptions of the interviews are kept in their original language to avoid losing their full meaning through translation.

From the literature research and the experience through the internship it was possible to determine various key aspects of social work interventions in general and at the IAC. Positive factors identified revolve around creating a strong relationship based on confidentiality and trust

with the youth, with the aim of understanding their point of view and jointly creating healthy life projects. In order to do so, as well as to preserve the relationship, values of listening, care, safety and non-judgment must be promoted. Furthermore, believing in the youth and their abilities, and being patient but persistent were also important factors. Moreover, supporting them with a range of different needs originating from multiple spheres of life (individual, family, education, sports), and in collaboration with other entities - referred to as a multidisciplinary intervention - is also key. Approaching each case with flexibility and individuality is at the heart of intervention, as runaways will have unique experiences and thus unique responses are necessary.

On the other hand, challenges identified include the building of the aforementioned relationships with the youth, as well as collaborating with the families and other entities in a shared effort to stabilise their lives. Moreover, the public's lack of awareness of IAC is another factor that contributes to challenges in accessing healthcare services and in identifying runaways in our continuously evolving social context. Lastly, a combination of these challenges as well as possible societal obstacles create difficulties in recognising clear cause and effect of an intervention.

**The first chapter** discusses the evolution of the concept of the Child throughout history, in a global and Portuguese context, introducing the concepts of protection and autonomy and analysing them in terms of various international instruments and by looking at the Portuguese welfare system. Furthermore, the chapter delves into the legislations and measurements in place for the protection of children at risk to experience danger. It also introduces the concept of runaways and its main characteristics, highlighting the importance of definitions for research, reporting and intervention matters. Finally, in the last two sections of the chapter, risk and protective factors of runaway youth and the most suitable evidence-based interventions are presented, highlighting the role of the family and the importance of looking at the matter from an ecological perspective.

**The second chapter** introduces the institution in which the internship took place, describing its mission overall structure and partnerships, and delves deeper into the project in question (Projeto Rua) and the function of the team working with youth at risk, and runaway youth specifically. The target population is presented, and the course of the internship is described with more accuracy in order to clarify what interventions I observed.

**The third chapter** engages in the analysis of the data by looking at the specificities of the case studies and identifying reasons for escape, risk/protective factors, as well as positive elements and challenges of intervention.

**The final chapter** engages in a general discussion and draws conclusions on the main guidelines for successful interventions.

## **1. The Runaway Youth, perspectives and challenges**

This chapter will look at the notion of the ‘child’ through time, analysing it in the context of Portugal and the Portuguese protection system, as well as in the global context, looking at international instruments such as the Convention on the Rights of the Children. It will also introduce the definition of runaways and describe their main characteristics, including exploring risk and protective factors that lead to runaway behaviour. Lastly, it will discuss social work interventions in working with runaways, highlighting the role of the family.

### **1.1 Children’s Rights and the Portuguese Legal System**

#### **The Convention on the Rights of the Children & the Concept of the Child**

Throughout history, the concept of child has undertaken various changes in meaning. Prior to the late 17th century, children were not viewed as having individuality or rights, instead they were seen as young adults waiting to become grownups (Verhellen, 2015, p.45). It was only during the enlightenment era that children started to be respected as valuable members of society and considered in decision making about the future (ibid). At this time, especially in Western countries, child protection regulations and institutions started to develop increasingly (ibid). Children were then recognized as distinct from adults, having their own socialization regime, still, a categorisation originating from a sense of paternalistic protection over children, denying them from autonomy and participation.

It was thanks to the evolution of the school of thought, ‘the Children’s Rights Movement’, that children started being respected as “individuals with their own human rights, and as competent to exercise these rights independently” (ibid). The first international instruments which emphasised this idea were the Universal Declaration of the Rights of the Child in 1959, and the Convention on the Rights of the Child in 1989 (CRC), both adopted by the UN General Assembly and transforming the view of children as autonomous legal subjects with the possession of full rights (Carvalho, 2015, p.17-18). In regard to the CRC, it contains two innovative elements, namely, dependency (expressed as protection) and autonomy (expressed in the form of rights) (Verhellen, 2015, p.50). The importance of these elements is explained by Martins (2004) who considers that childhood autonomy is a gradually evolving goal, and not a given, and thus, parents and other members of society still have a crucial role as protectors of children’s rights (p.73). Dependency and autonomy can be noticed in the four encompassing

guiding rights recognised by the committee of the CRC: “the right to equality and non-discrimination (Art. 2 CRC); the best interests of the child (Art. 3 CRC); the right to life, survival and development (Art. 6 CRC); and respect for the views of the child, sometimes also referred to as the right to participation (Art. 12 CRC)” (Verhellen, 2015, p.31). As of today, 194 states parties have ratified the convention, making it the “the most widely ratified international human rights treaty in the world” and leading to a quasi-universal understanding and agreement on what constitutes the rights of children (ibid, p.43-44).

Portugal, one of the first countries to ratify the CRC in 1990, demonstrated a societal willingness to work towards the protection of children. The Portuguese constitution follows the concept of the child as stated in article 1 of the CRC: “For the purposes of the present Convention, a child means every human being below the age of eighteen years unless under the law applicable to the child, majority is attained earlier” (OHCHR; Carvalho, 2015, p.33). With this definition, it is understood that children and young people are subjects, holders of rights, with particularities due to development phases they experience till their reach a psychological, physical, moral, spiritual, emotional, social and civic maturity that is associated with adults (Carvalho, 2015, p.41).

### **The Evolution of the Portuguese Promotion and Protection System**

Although as seen, the CRC was signed in 1990, the attention on the protection of children and young people in Portugal can be dated back to the 1911 when the Law for the Protection of Infancy (LPI) emerged. The law focused on the protection of unsafe and abandoned children who were on a criminal path (Carvalho, 2015, p.18). Before its implementation, children were treated as adults before the law, and they were constantly being violated in comparisons to today’s reality, thus the LPI is considered to be a milestone in the protection of children’s rights (de Abreu et al., 2010, p.13-14; Carvalho, 2015, p.20).

In 1962, the LPI went through a process of reform and another legislation, the ‘organização tutelar de menores’ (OTM) was established (de Abreu et al., 2010, p.15). During this time, the approach was very protection focused, and minors with maladaptive and criminal behaviours were seen as victims deprived from protection. The intervention was exclusively comprised by protection, reduction and accompaniment strategies (ibid, p.16). For these reasons, the OTM was criticised for lacking a recognition of children’s rights, as well as not having

answers to the pressing needs and expectations of society in addressing juvenile delinquency (ibid, p.18). It was with the constitutional government in 1996, that a new plan reformed the system, distinguishing between situations of malfunctioning and social deprivation to situations related to minors' delinquency (ibid, p.17).

This legal push, amongst others, culminated into the establishment of the decree law 147/99 also named 'Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo' (LPCJP) and decree law 169/99 'Lei tutelare educativa' (LTE) (de Abreu et al., 2010, p.18). With the introduction of these legislations, the model ultimately transformed from one of protection, to one of justice. The LTE is applicable to young people between the ages of 12 and 16 years, who have committed a criminal act under the law, after this age, young people are punishable under the penal code, whilst under the age of 12, the LPCJP is applied (Mendes, 2021, p.21). The LTE is directed at the correction of the young peoples' actions through an educational approach, term named by de Abreu et al., (2010) as "educação para o direito" (p.19). Protecting and educating minors is aimed at the wellbeing of all citizens, as seen "educação para a cidadania" (ibid, p.20). In this way, the enforcement of minors' responsibilities through education on the judicial system meant that the state exercised its right and duty to reinforce the rules of social coexistence and value the community.

On the other hand, the intervention of the LPCJP is aimed at removing minors from contexts of danger and establishing long term care. This measurement is going to be described in more detail in the following section.

Nevertheless, it has been described how the reformed Portuguese system moved away from a welfare state focused on protection, yet not viewing children as subjects of rights, and instead moved towards the protection of their rights and promotion of their responsibilities through education. It has to be noted that in order to do so, the reshaping of the roles of the family, community, and state, as responsible figures in the protection of all children, was crucial (Mendes, 2021, p.21).

As seen in this section, the Portuguese Promotion and Protection System has gone through an extensive evolution, comprised by the confrontation of new issues, proposing solutions and changing legislation (Mendes, 2021, p.23). In the next section, the LPCJP is going to be described in more detail.

## **Situations of Risk and Danger & the LPCJP**

In order to outline the functions of the LPCJP it is necessary to start with the concepts of risk and danger. Although these terms share similarities and the boundary between them is still a subject of study within academics, it is important to understand what distinguishes them and how the state and other entities act in a situation of risk and of danger respectively. Risk refers to finding oneself in an unfavourable situation regarding one's development and health, with a high likelihood of leading to more issues in the future and amount to a situation of danger. The factors that lead to risk will be discussed in much further detail in the next chapter, however, briefly, they can be summarised as the following: child's own biological or personality traits; family aspects (dynamics and parental competence); socioeconomic factors and quality of social networks; environmental factors such as the physical living space (Antunes, 2020, p.9).

On the other hand, a situation of danger is defined in art. 3 of the LPCJP, as seen: (a) is abandoned or has been left to his/ her own devices; (b) suffers physical or psychological maltreatment or is a victim of sexual abuse; c) Does not receive care or affection in relation to the age and situation; (d) is obliged to perform work that is unreasonable or inappropriate to his/ her age, dignity and personal situation or detrimental to his/her development; (e) is subject, directly or indirectly, to conduct that seriously affects his/her safety or emotional stability; (f) engages in behaviour or in activities or consumption that seriously affect their health, safety, training, education or development without the parents, legal representative or guardian opposing them in an appropriate way to remove this situation (ibid, p.10). However, as emphasised by Carvalho (2015), these are only examples, and each case needs to be assessed individually (p.40). Thus, as risk is a precondition to danger, the role of the LPCJP is to mitigate risk and remove minors from situations of danger.

The orientating principles of intervention of the LPCJP, (art.4) are the following: Best interest of the child; Privacy; Precocious, minimal, proportional, and actual intervention; Parental responsibility; Prevalence of family; Obligation of Information; Obligatory audition and participation of children or of responsible; Subsidiarity principle (de Abreu et al., 2010, p.82). The first one implies that intervention should be focused on what best safeguards the rights and needs of the child, thus, each case needs to be considered carefully and individually. The

intervention needs to occur promptly but only once the situation of danger is known, applying only strictly necessary measurements and involving only the essential stakeholders. Furthermore, intervention should respect the intimacy and privacy of the children and their families (ibid, p.83). Prevalence must be given to interventions within the family context, meaning that issues are resolved in the natural environment of the child and the family members, encouraging and reinforcing the incorporation of parental responsibilities (ibid, 84). In this regard, it is important to highlight the right of the child, the family and/or of custodians, to full information, including knowing their rights, the motivations behind an intervention, how the case is evolving, and to participation in judicial hearings. Lastly, in accordance with the principle of subsidiarity, intervention should occur on a primary instance by entities with knowledge on infancy and youth; on an intermediary stage, by the non-judiciary commission of the protection of children and young people (CPCJ); and on a final decision-making stage, by the courts - for example when the parents of a child or the child himself/herself (older than 12) do not consent to the intervention established (ibid, p.85).

As seen in this paragraph, the LPCJP follows orientating principles and process aimed at acting in the best interest of the children, reducing risk and avoiding danger. In the next section, the specific measurements adopted by the various entities involved in intervention, are going to be discussed.

### **The Measurements of the LPCJP**

As already introduced with the principle of subsidiarity, the LPCJP intervening system comprised by entities, the CPCJ and the courts, acts at three levels of intervention.

When a child is identified as being in danger, the LPCJP (art.35) provides for a set of measures that the commission, or the court can apply. There are two types of measures:

1. **Measures carried out in a natural living environment**, these are specified as: support to the parents; support to another family member; trust in a suitable person; support for independent living (Mendes, 2021, p.68).

Following the logic of the prevalence of the family, these measures must be prioritised, as they offer a solution in the family context, avoiding disruption of familiarity and affective

relationships. The intervention aims at empowering and preparing families to care for their children and thus in accordance with articles 11,12,13 of the LPCJP, support must be given in the social, psycho-pedagogical, and economic areas of life (ibid, p.69).

Measures in the natural living environment are usually applied for a duration of 12 months but can be extended to 18 months, in which case, the opinion of the child is always considered (ibid, p.65). The reasons for termination of the measures (art.63), are when the duration of the measure ends; when, after being reviewed, it is decided to terminate it; in the decision of adoption; when age of majority is reached, and the person decides not to continue. Moreover, with the revision of the legislation in 2015, when the person expresses interest and other specific conditions are met, the measures may continue until the age of 21 and exceptionally to the age of 25, with a focus on support in placement and autonomy (ibid, p.66).

Moreover, after the execution of these measures, families and custodians are not able to take care of their children, and thus, only once all possibilities are exhausted, the court may decide to implement measures carried out in a placement environment, yet, always with the intention to return the child to the families of origin (except in the case of adoption) (ibid, p.74).

2. **Measures carried out in a placement environment**, which include family foster care; residential foster care; trust in a selected person, family or in an institution with a view to adoption (Mendes, 2020, p.67).

When all other options have been exhausted, namely, the parents cannot take care of the child, there is no extended family, child is not autonomous or there is no affective relationship with a suitable person, the courts have to recourse to these measures. Although only applicable by the jurisdiction of the courts, this intervention requires the removal of minors from their biological environment to be placed into a new reality, hence they have a greater impact on their lives (ibid, p.64). There is no standard duration or maximum time in the case of these measures, on the other hand, what is considered, are the age and the life projects of the child, which are reviewed within a maximum period of 6 months (ibid, p.74). Similarly, in the case of adoption or fostering, the measures are always designed considering the opinions of the young people, respecting their rights to be listened to and of participation (ibid).

To conclude, it has to be noted that, although the most applied measures at the national level are the 'support to the parents', there has been an increase throughout the years in the application of

the residential centres' reception (ibid, p.65). Still, this report wants to emphasise that the Portuguese promotion and protection system is based on two fundamental values: firstly, the best interest of the child, emphasising listening, and secondly the prevalence of family measures in intervention. All child protection intervention is designed with the help of the state, through the application of the measurements in the natural life environment or in a placement environment, with the aim of safeguarding and promoting the Rights of the Child.

This section has outlined the evolution of children's rights on a global scale, to then concentrate on the Portuguese system, and looking at how the government intervenes in situations of danger. The next section is going to introduce the target population of this report. This, in order to in a later stage, discuss the risks and dangers they might encounter.

## **1.2 Overview of Runaway Youths**

### **The Importance of Definitions and the Profile of Runaway Children**

Runaways are youths at risk of encountering danger, thus, the promotion and protection measures described above concern the lives of this target group. In this section however, it is important to introduce the concept of a runaway child and explain why its definition is important for research and intervention. Statistics and research on runaways will also be presented to include a general overview of their characteristics.

To reach the definition of runaways, it is first necessary to explore what constitutes a missing person and a missing child. Unfortunately, in most countries, regulations on definitions are lacking and it is the police who have the authority upon situation, to assign the status of missing person to someone. This is because they are often at the frontline of these cases (European Commission, 2014, p.11). Furthermore, the distinguishment from a 'missing person' to a 'missing child' is rarely reported. Yet, in general "the definition is derived from the definition of "missing person", in conjunction with that of "child" (ibid, p.13).

Subsequently then, as a subcategory of missing children, the Members of Missing Children Europe identify runaways as "Children who run away from home, from the people responsible for their care or from the institution where they have been placed" (ibid, p.13-14). In

this study and in accordance with the Social Exclusion Unit (2002) the term runaway child, is used to mean “a child or young person under the age of 18 who spends one night or more away from the family home or care without permission or has been forced to leave by their parents or carers” (p.8).

Still, these classifications are yet to reach a legally binding definition. According to Greene et al., (2003), these children are denominated as runaways, throwaways, homeless, pushbacks and street children, in a disorderly and inaccurate manner (1-1). What these concepts involve, how they differ and overlap with each other, is not easy to articulate (ibid). Some describe the conditions in which children have left their homes or institutions, voluntary or involuntary for example, while some describe the conditions in which they live. For instance, some children can be runaways but not necessarily homeless as they might be staying with a friend, yet still considered street children as they might spend most of their time on the streets. Others could be technically homeless but as their families might have dissolved around them rather than having had to leave or have decided to leave, they are not considered as runaways/throwaways (Greene et al., 2003, 2-3). Furthermore, the complexity of finding a definition is linked to whose perspective - the act of running - is based on, as seen:

“A parent, for example, may say that their child has run away, while the child may think that he or she was forced to leave. The police may see a child as a missing person, social services as a child ‘at risk’, a children’s home as someone who is ‘absent without permission’, and benefits staff as an ‘estranged young person’. To an outreach service, a runaway may be homeless, while a drop-in centre may not know that they have run away at all” (Social Exclusion Unit, 2002, p.8).

Nevertheless, researchers explain that not adhering to a clear definition, leads to difficulties in identifying and reporting cases, resulting in wrongful estimations (Greene et al., 2003). The measurements used to calculate the frequency of a certain behaviour or effect are: ‘prevalence’- “defined as the total number of cases of an outcome in a population group as of a specified time interval” and ‘incidence’- “defined as the number of new cases of an outcome in population group within a specified time interval” (Greene et al., 2003, 2-4). Research explains that although runaway episodes and homelessness are more sporadic than chronic experiences, “estimates of average duration are biased upward, and estimates of annual prevalence and incidence are biased downward” (ibid, 1-2). Estimating the number of runaway children and teens is also difficult because they are considered a “hidden” target audience, meaning that they are

hard to locate, to distinguish from other youth, and to approach as well as highly mobile - moving and diffusing across the communities and in and out of the streets, institutions, and homes – tending to avoid contact with the police and other service providers (ibid, 1-1).

Another limitation deriving from having an inaccurate definition of the various experiences of runaway children, is that it leads to less multidisciplinary and accurate intervention approaches (European Commission, 2014, p.68). In fact, Carmo (2010) emphasises this can have two types of negative consequences in the implementation of social intervention strategies, namely the internalisation of stereotypical attitudes or false knowledge, and the adoption of inappropriate intervention strategies (p.39). In fact, in the last couple of decades, runaway children have gained much attention by the media channels; mainly depicted in association with juvenile delinquency, child prostitution, drug addiction and other problems of deviant behaviour (ibid, p.40).

When looking at global studies and statistics, it is thus necessary to reflect on the contextual diversity of runaways, including the country they live in. Still considering the value of international research in recognising shared traits. To an extent, research in the UK has been able to establish rates and patterns of runaway behaviour, for example, some differences between the sexes have been found with females somewhat more likely to run away (11.5%) compared to males (8.5%) (Social Exclusion Unit, 2002, p.8) Males are also more likely to run at a younger age, more often and for a longer period of time. Data demonstrates that black and ethnic minorities are less inclined to run away, while young people from the queer community report higher runaways (ibid). No significant difference was found between children running away from urban or rural areas. Regarding rates of running away, according to the social exclusion report (2002): “Around half of all runaways run away only once. A further quarter run away twice, while one in eight runaways have run at least three times. Young people who run away at a younger age are more likely to become repeat runaways” (p.8). Majority of children report they escaped voluntarily, while a 1/5 report being forced to leave their family or care situation. Children who have experienced living in foster care are more likely to run, meaning that close to half of young people living in residential or foster care have run away at some point in their lives (ibid).

Academics suggest that children who run away tend to be in search of independence, more freedom of movement and safety, however “The often brutal reality of street life is marked

by hunger, violence, drugs, and exploitation” (Martinez, 2006, p.77). Once on the streets, youths are forced to be involved in so called survival behaviours, meaning criminal activities such as stealing, selling drugs, selling sex and begging (Social Exclusion Unit, 2002, p.18). Scarcity of safe places to spend the night increase the risk of being re-victimised by strangers, acquaintances or friends (ibid; Martinez, 2006, p.77). Although dangerous, the creation of social affiliations with street people (often gangs) and street life (involvement with drugs) provides teens and children with a level of emotional comfort and material support for survival (Martinez, 2006, p.81-82).

When referring to runaways and street children in Portugal, according to the Instituto Apoio a Criança as seen in Sirgado (2015), there are two different definitions to take in consideration: “as crianças da rua” and “as crianças na rua” (p.34-35). The former is explained as a child who has interrupted relationships with the family and/or community in a significant way, by choice or by being forced to leave. This child finds itself in a situation of marginality, surviving by sleeping in homeless peoples’ centres, performing illicit acts, and progressively developing antisocial behaviour. On the other hand, children “on the streets”, is defined as minors who spend an extensive amount of time on the streets, while maintaining their ties with family and community (ibid). There is often a process of transition from the first to the second concept, as children gradually spends more and more time outside of the home, missing school, aggravating relationships with peers and losing their familiar roots (ibid, p.48). It is in the street that these children become the main protagonists of their own behaviour, creating their own vocabulary and their own rules and in turn forming their own subculture (ibid).

To conclude, the information provided in this section has clarified the difficulties in categorising runaway children despite the advantages in doing so. Moreover, it has provided an overall picture of the profile of runaways and street youths on an international as well as country specific basis. As explained by Greene et al., (2003) using the appropriate definitions as well as acquiring the right information on this target group, not only leads to higher identification, reporting and estimation, but also facilitates the interventions of service providers (1-1).

As this section has focused on the definition, characteristics and statistical overview of runaway youth, the following section will look at the reasons for escaping, examining the risks factors that lead to danger and runaway episodes. Next, protective factors will also be discussed, including how they might lessen the risk of runaway behaviour.

### 1.3 Risk & Protective Factors

In this section, risk and protective factors will be introduced and discussed. Literature shows there are various risk factors that can contribute to an environment of danger for children and teens. At the same time, protective factors are certain skills such as resilience, that instead better prepare children from situations of risk, protecting them from danger. In the context of this study, the relevance lays in better understanding what drives runaways to escape or to be pushed out, as well as what capabilities help them to deal with situations of risk. It has to be highlighted that the meaning of a situation of risk signifies that the undesired condition, such as depression or delinquency for example, has not fully been achieved yet, but because of certain circumstances the risk to arrive at such stage is elevated (Fonseca, 2004, p.15). All children may encounter risk in their childhood; hence, runaway youths are (initially) youths at risk for becoming runaways.

#### **Risk Factors**

Although scientific research has since long recognised risk due to biology, it was only during the 1980s when the complexity and intersectionality of biology, psychology and socio-cultural aspects were analysed in relation to risk (Martins, 2004, p.13-14). According to Martins (2004) “o risco refere-se à probabilidade de ocorrências desfavoráveis num dado domínio ou conteúdo: individual ou colectivo, físico, psicológico ou social ou, mais especificamente, em áreas concretas ou de aplicação: risco escolar, de doença mental, de acidentes, etc.” (p.13). While according to Reis (2009), a child finds oneself in a risk situation when his/her needs are not met, these can be of a physical kind such as “alimentação, abrigo, segurança, saúde e higiene” or of a socio-emotional kind such as “interacção, afecto, atenção, estimulação, contacto, aceitação, jogo” (p.123).

Fonseca (2004) divides the characteristics of children at risk into 5 broad categories: 1. Deficits associated with scholarly competences such as difficulties in learning and bad grades leading to less engagement in school and in turn school abandonment, issues at work, various stress, and other forms of inadequacy in life (p.23); 2. The inability of conducting a positive and realistic analysis of oneself as well as of others, in different contexts, leading to the experiencing

of extreme emotional states such as depression and violence. Studies have often linked this inability with juvenile delinquency, as youths have justified their acts by expressing their lack of understanding about the possibility of being caught (ibid); 3. Lacking social competences, problem-solving skills, and the ability to view situations from others' perspectives, leading to issues in the family and work environments and in general in relating to others from different contexts (ibid); 4. The inability to deal with stressful, frustrating, and negative experiences and rather displaying inadequate coping skills such as acting out, seeking isolation, or negating difficulties (ibid, p.24); 5. Shortfalls in the areas of auto-control, particularly in controlling immediate wants and needs. These categories are not exclusive, and the author emphasises other social factors such as parent's educational level, local unemployment rate, aspects of the area of residence as well as other biological and cultural factors as important to take in consideration when considering children development and their involvement with risk (ibid).

Important to highlight is that risk is temporal and accumulative, meaning that negative occurrences can be primary or secondary to an experience that has already taken place (Martins, 2004, p.13). Prematurity, neonatal distress, parental separation, drug and alcohol addiction, chronic illness, death, socio-economic deprivation, and migrant statuses are all examples of the intersectional interaction between categories, which often strengthen each other leading to cumulative results (Reis, 2009, p.143). Variability in the results of such experiences depends on factors such as age, duration, and context, implying that it is important to take in consideration these aspects at different stages of development (ibid, p.153). In fact, research points out that duration and intensity of exposure to risk is a determining condition in the severity of the possible negative consequences, further decreasing the probability of overcoming the nature of the effect (Martins, 2004, p.21). When it comes to age, it has been reported that because young children lack sufficient maturity and autonomy when confronted with these situations, they experience these more heavily; while older children often have higher knowledge and control ability in the adoption of resources needed for their protection (ibid, p.23). Therefore, as stated by Martins (2004) "Esta constitui uma justificação plausível para a convicção generalizada sobre o impacto dramático das experiências precoces de risco" (p.23).

Research in the 90s began to show a clear connection between negative early life occurrences and their impact on the mental, behavioural and physical state of children growing up as well as their adulthood (Bellis et al., 20014, p.2; Ellis & Dietz, 2017, p.86). Early risk

experiences also referred as ‘early childhood experiences’ (ACEs), have been found to be strongly correlated to runaway behaviour. They are understood as a variety of stressful and traumatic occurrences that may occur to an infant, a child, a young person or at any time whilst growing up (NHS, 2018, p.9). This may occur in a direct form, through abuse or neglect at a physical, sexual, or verbal way, or through the environment surrounding the child, for example through parental separation, poor family dynamics (abuse, drugs, criminality) amongst others (ibid). ACEs “disrupt neurodevelopment, leading to social, emotional and cognitive impairment, which increases the risk of the adoption of health risk behaviours and influences long term outcomes related to disease, disability, social integration and as much as twenty years lower life expectancy” (NHS, 2018, p.11). More specific poor health outcomes detected have been obesity, substance use, cancer, various cardiovascular and chronic diseases, depression, anti-social behaviours, higher rate of unintentional pregnancies, higher propensity of being victims of crime and violence as well as of committing crime and violence (Bellis et al., 20014, p.2; Ellis & Dietz, 2017, p.86; NHS, 2018, p.29). As well as “strong relationships between adverse childhood experiences and early sexual behaviour, drug and alcohol use, mental health and reported suicidal behaviour or self-harm” (NHS, 2018, p.27). On the other hand, research shows that absence of these stressors is associated with a higher resilience to pressures on drinking, smoking, abusing drugs, adoption of unhealthy nutrition, involvement in violence and criminality (Bellis et al., 20014, p.9).

Stress may also derive from an environment of socio-economic deprivation characterised by poverty and unemployment as well as food and housing instability (Ellis & Dietz, 2017, p.87; NHS, 2018, p.15). In turn, poverty, may also lead to tension, conflict and violence within the family that may in turn lead to its disruption (NHS, 2018, p.20). It has been noted that these stressors are often recurring, coexisting, and interlinked, thus it is the accumulation of these over the years as well as their combination that results in the suffering of stress and adversity (NHS, 2018, p.14). According to Miyashita et al., (2021):

“Running away is frequently a symptom of a combination of one or more Adverse Childhood Experiences (ACEs) present in their lives. The most common ACEs identified are violence, abuse, and mental health. The top three contexts identified where ACEs are most likely to occur are the family home, the care home, and school” (p.61).

Furthermore, as these ACEs are often experienced within families and communities, they unavoidably lead to a process of intergenerational passage (Bellis et al., 2014, p.2).

As the meaning of risk and how it can occur has been observed, in the next section, this study is going to look specifically at runaway youths and the contexts in which more risk is reported, namely in the home, institutions, and schools.

### **Risk Factors in Runaway Youths**

When observing the family context, studies have reported elevated rates of physical, psychological and sexual abuses and neglects, as well as poor communication, little support, minimal monitoring and uncaring family members (Holliday et al., 2016, p.248). Furthermore, the restructuring of families including introducing new members and losing some, can cause families dysfunctions that in turn create stresses triggering children to runaway (Social Exclusion Unit, 2002, p.12).

Parental problems concerning substance use have also been reported (NHS, 2018, p.17). In fact, McMorris et al., (2002) study, shows the effect parents with issues of substance use have on their children, particularly in the adoption of similar behaviours as well as how this is linked to abusive parenting styles (p.35). It is therefore important to consider the development of substance use amongst youths before and after they find themselves on the streets. A study in the UK has shown a strong correlation between runaway behaviour and youths reporting having issues with substances such as drugs and alcohol (Social Exclusion Unit, 2002, p.9). Furthermore, parents abusing of alcohol, had a negative impact on their children, because of their adoption of parenting styles characteristics of abuse and rejection. This in turn leading youths to spend more time on the streets, and being more exposed to risk (McMorris et al., 2002, p.40).

When analysing the context of the school, a study found a significant linkage between ACEs and rate of school absence, showing that absence of more than 20 days per year “was seven times higher in those reporting four or more adverse childhood experiences compared to those reporting none” (NHS, 2018, p.32). Moreover, research points to the relation between runaway teenagers and poor engagement with school, as seen: “Youth who run away report inconsistent attendance at school, including high rates of truancy, suspensions, expulsions, and dropping out” (Holliday et al., 2016, p.249). Expulsion and suspension from school, have been associated to social isolation, in fact academics explain that these consequences may symbolise

another rejection in one's life, leading to a profound sense of lost value, purpose and belonging, resulting in runaway episodes and accumulated trauma (NHS, 2018, p.32; Holliday et al., 2016, p.249).

When it comes to running from institutions, literature points to the fact that “the background and circumstances of the majority of children who enter care mean that they are more likely to run away” (Social Exclusion Unit, 2002, p.14). Meaning that, because of adverse childhood experiences leading to maladaptation in social contexts, when entering a situation of care, one is already prone to be unsuited for the environment (ibid). Furthermore, reports show that compared to all other groups of society, youths living in institutions are “most likely to experience multiple adversity and least likely to experience the protective influence of a secure attachment” (NHS, 2018, p.33). However, research points at some specific factors that may lead to higher runaway behaviour due to the specific care setting situation and above all is the aspect of separation: youths do not want to be separated from their families and thus the reason for escaping tends to be to see one’s relatives. Other such reasons are the introduction in one’s life to rules and boundaries, the unsatisfaction of one’s needs causing unhappiness, and the existence of a runaway culture creating pressure to escape (Social Exclusion Unit, 2002, p.14).

In Portugal, research reports that institutions are a difficult environment to manage and to be in, as it can be a place of great emotional tension in which aggression and violence are the norm (Oliveira, 2016, p.30). Oliveira (2016) suggests that children and teens living in institutions lack a sense of belonging, do not feel at home and they dislike their relationship with the staff (p.39). In order to address these sentiments, the author calls for an improvement in the spaces, allowing for more welcoming and loving areas and staff members (ibid, p.30 and 36). Moreover, it is suggested that an increase in workers and less rotations, will guarantee an increased work focus on the personal development of the youth, rather than in managing conflicts (ibid, p.30). Lastly, as the Portuguese judicial system is considering, the author stresses the need to offer alternatives to the measure of institutionalisation, especially for children who run away from institutions (ibid, p.32). These options could be adoption or civil sponsorship for example, as recommended by the Portuguese Civil Registry Code (ibid, p.35).

When looking at the Portuguese context, Carmo (2010) uses the terms “caldo da cultura” (cultural broth) and “comunidade de residencia” (community of residence) to explain the culture and physical areas in which street children have grown up in and are familiar with, before

moving onto the streets (p.42). These terms are useful in understanding runaway behaviour as they categorise typical patterns of poverty subculture, which can be classified in eight different situations:

1. The survival economy by which households are trying to survive financially on a daily basis. This aspect is linked to high rates of unemployment, underemployment, and low earnings. It is common for these households for example, to use moneylenders to access quick money in order to survive, often however putting them into further debt (ibid, p.43).
2. Degraded and rundown accommodation characterised by overcrowding and rare space for intimacy, limiting the conditions to live a socially acceptable quality of life.
3. Poor health characterised by high rates of morbidity.
4. Poor diets both in quantity and in quality.
5. Low levels of education and vocational training.
6. Permanent preoccupation with the present - no space for imagining the future except for fragile fantasies often detached from reality. This excessive focus on the present when money is available, facilitates consumerist behaviour (ibid, p.44)
7. All of the above leading to, high rates of psychological pathology and social problems (alcoholism, drug addiction, prostitution, etc.).
8. Furthermore, as a result of the above factors, many of these families are already fragmented, or live at high risk of disintegration.

These characteristics constitute a framework of repulsive factors that lead some children to be excluded or to exclude themselves from the communities of residence. The process of exclusion can be gradual - the child progressively distances himself/herself from the family, spending more time away from school and eventually the home - or it can be sudden, as the child makes a hasty decision or is abruptly expelled from the home (ibid, p.44). Along the process, new emotional ties are rooted outside of the initial community of residence, and the children create new social support networks, often with other street children, finding a new sense of belonging and family (Carmo, 2010, p.45; Sirgado, 2015, p.48). These new areas, known as “runaway communities”, correspond to relatively run-down former residential areas on the periphery of the commercial and administrative urban city (Carmo, 2010, p.45).

To conclude and summarise the above presented sections, research identifies amongst others, the following risks: negative early life occurrences or adverse childhood experiences (and the time, duration and intensity of these), biological predispositions, socioeconomic deprivation, physical and psychological vulnerability, as well as contextual risks (including parental competences). The consumption of substances and the consequences relate to it, may also aggravated these situations. These risks have been identified in runaway youths, implying that they are likely to be determinants to runaway behaviour because of past experiences, current circumstance as well as the intersection of many influencing factors. In fact, in accordance with studies “there is no single factor that leads to running away, but rather a combination of risk factors that increases the likelihood of young people going down this path” (Miyashita et al., 2021, p.12). These factors can be biological, psychological, and social traits of the child, family, or community, which in turn lead to high probability of exposure to deprivation and carelessness, jeopardising the satisfaction of material and emotional needs for children (Reis, 2009, p.124). In the next paragraph, this report is going to discuss the factors that help children better deal with situations of risk and stress.

### **Protective Factors**

According to Martins (2004), in the 1980s, during the process of acquiring knowledge in the field of psychiatric risk, that another type of factors emerged, called by different names, such as containers, compensators, or protectors and identified to act as contenders against the emergence of problems accelerated by risk factors (p.29). The Administration on Children, Youth and Families (ACYF) explains that “Protective factors are conditions or attributes of individuals, families, communities, or the larger society that, when present, promote well-being and reduce the risk for negative outcomes” (ACYF, p.1). In evidence here, is the importance of a positive environment and secure and nurturing caregivers. These elements are important because they possess the nurturing possibility for the development of resilience: a competence presented by certain individuals to overcome adversity by mobilising internal and external resources useful for dealing with difficult situations (Martins, 2004, p.30). As seen by Fraser in Gilligan (2004) resilience may be presented as “overcoming the odds ... [or] sustaining competence under pressure ... [or] recovering from trauma” (p.94). Protective factors related to resilience can be categorised into three levels:

1. At the intrapersonal level, these involve personality dispositions and features: autonomy, self-esteem, positive social orientation, intelligence, problem-solving skills, and other valued skills (physical, artistic etc.) (Martins, 2004, p.33; Reis, 2009, p.139).
2. At the family level, these involve a supportive family environment: family cohesion, affinity, emotional warmth, availability of support, extended network of family, balanced supervision and involvement, setting clear boundaries, consistency in parenting (Martins, 2004, p.33; Reis, 2009, p.139; Social Exclusion Unit, 2002, p.15).
3. At the societal level: engagement in pro-social institutions and activities, school achievements, strong social relationships, supportive community (Reis, 2009, p.139; Social Exclusion Unit, 2002, p.15).

Yet, at the intrapersonal level, it is necessary to emphasize other important research; Werner & Smith as seen in Williams et al., (2001), highlight that “Personal qualities and behaviours such as easy-going temperaments, high intelligence, an inner locus of control, high self-esteem, and strong self-efficacy” as contributors to the formation of resilience (p.2). This has been supported by Zolkoski & Bullock (2012) who identify self-regulation and self-concept as key factors for protection from risk and the fostering of resilience. The former is related to the regulation of emotions, in particular it explains that releasing and expressing positive emotions is correlated to prosocial behaviours and resilience, facilitating overcoming issues and viewing obstacles as opportunities while failures as lessons learnt (p.2298). The latter demonstrates the relationship between self-conception, self-esteem and significant attachment figures in offering protection (ibid). Studies have also showed that when children manage to “win” over certain stressful situations, feeling stronger than before, this reinforces their sense of self-concept and confidence to take on future challenges (ibid).

Other research highlights traits such as having a positive outlook on life or a “positive future orientation” as the ability to set future plans and objectives, even when stressful events occur (Sasser et al., 2019, p.3). This is very challenging as studies show that majority of children who have experienced early life trauma have decreased hopes and ambitions for their future. However, children who report having positive prospects are “likely to develop competency and less likely to participate in problem behaviours, compared to youth with lower expectations” (ibid).

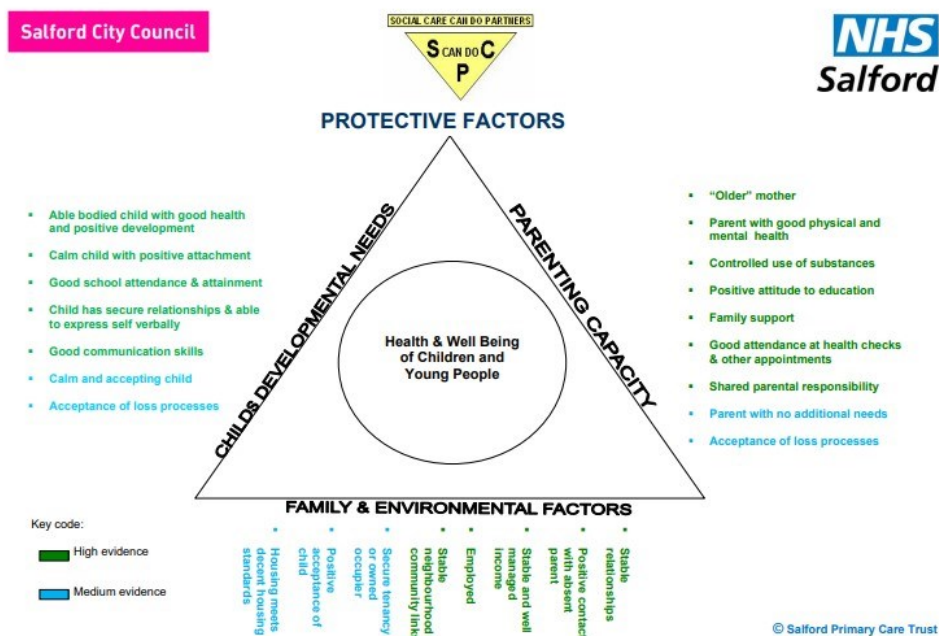
When looking more specifically at the family level, according to Fallon (2018), “the most critical developmental protective factor for modulating stress responses and recovering from trauma is a young child’s relationship with a stable, responsive, and competent caregiver” (p.98). According to Sasser et al., (2019) a supportive bond with an adult and especially with a parent lead to better adaptation to situations, less likelihoods of mental health issues, and less engagement in aggressive and delinquent behaviour (p.3). The monitoring and surveillance of one’s children also lead to less antisocial conduct and the externalisation of problems, as well as fewer depressing symptoms, indicating that it may also affect the internalisation of issues (ibid). In fact, Zolkoski & Bullock (2012) emphasise the parenting style of a responsive and demanding parent, explaining that “responsive parents are supportive, warm, and loving while also providing a cognitively stimulating environment. Moreover, they are demanding in the sense they are firm, rational, and consistent, but not overbearing or controlling over their children” (p.2298). The authors also mention other protective factors related to the family context that have not been mentioned so far, these are: maternal manifestation of positive feelings, stimulating environments, and a stable and appropriate income (ibid). As seen, self-esteem and self-efficacy, are facilitated by supportive relationships characterised by “warmth, affection, emotional support, and structure” (Williams et al., 2001, p.2).

Considering one’s social context, it is also important to think of the role of the community and the society, as well as the existing influential adults, professionals and peers, involved in the fostering of resilience. As stated by Sasser et al., (2019) “Neighbourhood collective efficacy is defined as a connection of social cohesion, mutual trust, and shared expectation for the common good of the community” and deemed to be a protective factor for children and teens at risk (p.3). Neighbourhoods with these characteristics, have the ability to offer support and encouragement in times of need as studies have showed their benefits in lowering the externalisation and internalisation of issues (ibid). This has been supported by other research which suggests that “supportive relationships, in or outside the family, foster resiliency among at-risk youth; feeling loved, trusted, and having a sense of belonging can cultivate resiliency” (Tozer et al., 2015, p.6).

The English national health system (NHS Salford) provides the public with a graph showing the interconnectedness of the three levels of protective factors that lead to the wellbeing of youths (Figure 1). The graph highlights the following child’s needs: “able bodied child with

good health and positive development, calm child with positive attachment, good school attendance & attainment, child has secure relationships & able to express self verbally, Good communication skills, calm and accepting child, acceptance of loss processes” (NHS Salford). In the parental sphere the factors are: “older mother, parent with good physical and mental health, controlled use of substances, positive attitude to education, family support, good attendance at health checks & other appointments, shared parental responsibility, parent with no additional needs, acceptance of loss processes” (ibid). And finally, regarding family and environmental factors, the ones identified are: “stable relationships, positive contact with absent parent, stable and well managed income, employed, stable neighbourhood/ community links, secure tenancy, positive acceptance of child decent housing standards” (ibid).

Figure 1: Protective Factors for the Wellbeing of Youths



(Source: NHS Salford. Risk and Protective Factors. Salford Primary Care Trust. Accessed on the 20<sup>th</sup> of January 2023)

Lastly, it is important to remember that protective factors do not only depend on contextual and social factors, and rather they fluctuate depending on the timing of development of a person; a factor that is beneficial at a certain time may not work in the same way at a later stage. A good example of this is the parent-child bond which may play a more significant role in early rather than late adolescence, as when growing older, teens increasingly look for autonomy - reflected in spending more time with friends rather than with parents (Sasser et al., 2019, p.4).

As seen, resilience and other protective traits are essential when encountering a situation of risk. Moreover, they are not a permanent trait, rather they result from a process “of repeated interactions between a person and favourable features of the surrounding context in a person’s life” (Gilligan, 2004, p.94). As the concept of protective factors and particularly of the fostering of resilience have been explored in the above writing, in the next paragraph, these are going to be analysed in relevance to this study, namely the resilience and protective factors of runaway youths.

### **Resilience in Runaway Youths**

As we have seen in an earlier section, substance use is highly linked to youth with adverse childhood experiences and thus with possible runaway youths. It is therefore important to explore research which has identified protective factors within runaway youths and linked to substance use. In the study by Tozer et al., (2015) the following competences were found to be protective of runaway youth in engaging with injection drug use: at the individual level, fear and self-worth; at the social level, stigma, support, and responsibility; at the physical/economic level, safe and engaging spaces (p.4). The fear of needles and the known consequences related to drug injection, such as the unavoidable journey towards a maladaptive pathway, were identified as obstacles and thus protective factors (ibid, p.5). Meanwhile, this was aided by one’s willingness to improve one’s life and having a strong sense of self-worth (ibid).

In the social context, youths felt stigma and pressure from society not to inject, especially from friends and family who previously or currently used and were experiencing adverse consequences (ibid). Engaged family members and supportive relationships from friends and mentors also served as protective factors as they offered a sense of belonging and in turn increased resilience against drug use (ibid, p.6). Furthermore, when other individuals were

present, particularly children or relatives, a sense of responsibility evolved, preventing injection and rather highlighting the necessity to care for these people instead (ibid, p.7). At the last level, youths identified safe spaces like a home, as important to avoid peer pressure to inject as well as to avert the necessity to take drugs to stay awake and warm during the night out in the streets (ibid). This level also included the need for spaces and workshops in which competences could be worked on in the support with job placements (ibid). As observed in this study, resilient competences and the ability to redirect detrimental situations, can be found in one's personal characteristics but also encouraged by certain people, whilst certain contexts can provide for a favourable environment for the fostering of these.

The study by Williams et al., (2001) shows that youth at risk can turn moments of crisis into a developmental turning point - an ability that improves with age according to the author (p.3). The growth in resilience of five women who had engaged in high-risk coping strategies including runaway behaviour, demonstrates that resilience is neither a biological trait, nor a fixed one, rather, maturity helps in fostering this ability (ibid, p.9). Four categories were found to be associated with the growth of resilience in this study: 'Determination' - persistence, diligence, internal strength, and pride in overcoming adversity and achieving set objectives, helped in building confidence and self-sufficiency that translated into great personal growth (ibid, p.7); 'Meaning and Purpose to Life' - a spiritual connection, hopefulness, gratitude, humour, and the ability to care for oneself – which translated into a willingness to help the community and others, express appreciation for being alive, and using humour to talk about everyday obstacles (ibid, p.8); 'Caring for self' – being aware of own needs and protecting these if necessary such as placing boundaries and avoiding negativity, as well as actions related to self-care and problem solving (ibid, p.9-10); 'Accepting help from Others' – the acceptance and willingness to ask and receive help from others, leading to the creation of meaningful and trusting relationships with professionals and other people, allowing for further positive personal transformations (ibid, p.11-12). As explained by the authors:

“Learning these new attitudes and behaviours enabled the more resilient young women to set boundaries in relationships and have successful experiences in independent functioning. These behaviours gave them a sense of accomplishment and mastery, as well as, helped them acquire a more solid sense of self” (Williams et al., 2001, p.13).

This study shows that women became more resilient when they were able to endorse new approaches and behaviours that in turn created a higher sense of self-esteem and self-efficacy.

Furthermore, the study proved in accordance with previous mentioned research by Gilligan (2004), that resilience is related to one's interactions in the environment and thus a resilient demeanour can be adopted at different stages of development (p.94). Yet noticeably, adulthood per se, does not lead to resiliency, as the other two women in the study were still struggling with high-risk, maladaptive conduct.

To conclude, this section on protective factors has explored what they signify, particularly when and how resiliency and other important competences can be fostered. These have been analysed in the general contexts of childhood and adulthood but also in the specificity of the study in question, namely in the runaway population. A mixture between favourable biological, psychological and environmental factors to deal with risk have been discussed. These can be summarised as having certain predisposed traits such as autonomy and adaptability to new situations and behaviours; possessing fears and a sense of responsibility; a supportive and loving family and community; as well as having safe and supportive physical spaces.

Until now, a general view on how the law serves to protect youths at risk and in danger, as well as a more specific look at the target population in question, including characteristics, statistics and risk and protective factors representative of them, have been presented. In the following sections, the intervention approaches and strategies of expert entities and individuals when working with this target group, will be discussed. As a reminder, it is important to keep in consideration that although the CPCJ and the courts may be involved with measures to enforce support, entities with knowledge on infancy and childhood intervene on a first-hand basis in cases of risk. This with the aim in a later stage to identify the interventions strategies of Instituto Apoio Criança and if they reflect those of the literature.

## **1.4 Social Work Intervention**

In this section, the framework of the ecological perspective developed by Bronfenbrenner in 1979 is going to be introduced to better understand the complexity and interplay between different contextual factors of life and in turn to understand why risk and protective factors are present in different times and contexts. The ecological model is relevant to talk about social work interventions with runaway youths as it helps to understand to a greater extent the target group in

question, facilitating a better construction of preventative and intervention approaches to reduce risk and increase resilience.

### **1.4.1 The Ecological Perspective**

In discussion about interventions with runaway youths, a holistic approach needs to be considered; having looked at risk and protective factors, it is clear that what leads one to run away is not merely linked to biological factors but rather environmental factors influencing the individual to behave or react in a certain way. This analysis then, follows a theoretical framework called the ecological perspective, a model that considers the individual and its environment and the interactions, or transactions, that play between them (Bronfenbrenner,1979). Jack (1997) explains this model as the act of shaping oneself and others through behaviours, habits, and influences, which are found in reciprocal interactions at the individual, community, and wider societal level (p.109). This means that the shaping of oneself is also influenced by the environment itself. As seen, risk and protective factors in runaway youths are strictly linked to their environment, it is thus only right to consider this model in the prevention and intervention phases of runaway behaviour.

Bronfenbrenner (1979) uses concepts such as the microsystems, mesosystems, macrosystems and exosystems to explain the various environmental systems in which transactions occur. Transactions - meaning activities, roles, and interrelations - occurring in the immediate setting (the physical space) of the individual, are referred to the microsystems (ibid, p.22). In turn, the interrelations occurring between microsystems - between two or more settings - are the mesosystems (ibid, p.25). An example of these, are the relations one maintains between personal, social, and work life. While the macrosystems, comprise norms and beliefs of various systems such as socioeconomic, cultural, religious and so on, meaning the culture, politics, norms and lifestyle of a given society (ibid, p.26). Lastly, the exosystem “refers to one or more settings that do not involve the developing person as an active participant, but in which events occur that affect, or are affected by, what happens in the setting containing the developing person” (ibid, p.25). For a child this could mean the job the parents hold, or the social affiliations the family has with other adults (ibid).

Important to highlight in the ecological model, are the “ecological transitions-shifts in role or setting, which occur throughout the life span”, with this, the author means the

development of a person due to the shifts of positions (role or setting) in one's environment (ibid, p.6). Examples of ecological transitions are: "the arrival of a younger sibling, entry into preschool or school, being promoted, graduating, finding a job, marrying, having a child, changing jobs, moving, and retiring" (ibid). When a transition occurs, the expected societal behaviour for that certain position, changes, in turn changing the way one behaves, believes, and feels, as well as altering how one is perceived and handled by others (ibid). The ecological perspective then explains that because of these multiple interacting systems, assuming one's position in society, that of a parent for example, does not merely depend on the person itself, but "depends on role demands, stresses, and supports emanating from other settings (...) related to such external factors as flexibility of job schedules, adequacy of child care arrangements, the presence of friends and neighbors who can help out in large and small emergencies, the quality of health and social services, and neighbourhood safety" (ibid, p.7). Moreover, this model also stresses that it's not about the quantity of relations and transactions, but rather their quality and availability, as Jack (1997) suggests, to be beneficial they must be supportive and recurrent (p. 109-110).

The ecological framework also explains that as a result of various interactions in the different environments, building and fostering skills that can serve as protective factors varies in each context, as a result they are present in certain physical and temporal spaces but not in others (Gilligan, 2004, p.94). For example, the study by Smyth & Darnody (2021), looks at youths in various settings, categorising six types of behaviour in the following contexts: individual, family, school, peer, and community. The behaviours comprising externalising behaviour (such as 'acting out' and concentration problems), internalising behaviour (conduct aimed at the self, such as emotional struggles and problems in socialising with peers), prosocial behaviour (reflecting positive interactions and positive development), antisocial behaviour (measured by misconduct in the wider community such as the damaging properties), misbehaviour at school, and truancy (ibid, p.vii). The results show that different behaviours are linked to the risk and protective factors found in each setting. In the context of the family, a positive relationship with the main caregiver, is correlated to reduced absenteeism and misconduct in school, less antisocial behaviour, while increased prosocial behaviour (ibid, p.71). Socioeconomic deprivation did not lead to problematic behaviours in the home; however, financial strain was seen to create more internalising and externalising problems in the school environment. Still, behavioural issues were

found in all contexts when it regarded a one-parent family or the separation of parents had occurred (ibid, p.86).

Regarding the peer context, an environment consisting of multiple friends was correlated to fewer internalising issues however having an extensive friend group was linked to higher externalising issues, misconduct at school and antisocial conduct. The researchers explained this behaviour as “young people showing off to ‘an audience’” (ibid, p.74). Moreover, an older friendship group was linked to higher misconduct and antisocial behaviour, externalising difficulties, and truancy (ibid).

In the school context, “The quality of relationships with teachers” has been identified as the most relevant protective factor (ibid, p.76). As seen, positive relationships with teachers at age 13, meaning positive interactions such as praise and feedback, resulted at age 17 in high prosocial conduct and low levels of all negative behaviours. Positivity in relationships was also correlated to positive engagement in school. On the other hand, “more negative interaction with teachers was strongly associated with all types of negative behaviour (except internalising difficulties) and lower levels of prosocial behaviour” (ibid, p.77-78). Regarding the engagement with school, results showed that students who did not enjoy school and felt less engaged, had higher internalising problems, misconduct at school and low levels of prosocial behaviour.

In the community context, “Having an adult to talk to about their problems appeared to operate as a strong protective factor for all types of behaviour, with much lower incidence of negative behaviours and enhanced prosocial behaviour” (ibid, p.82). Being involved in a structured sport is also positive in reducing internalised difficulties and absence from school while being part of an unstructured sport was linked to negative behaviours. Interestingly, this highlights the fact that physical activity per-se is not effective, rather it is the social context of a legitimate sport that protects the young person (ibid, p.83). Furthermore, “There was no consistent evidence that behaviour difficulties were greater in more disadvantaged areas, when individual and school factors were taken into account, though externalising behaviour was more prevalent in the most disadvantaged quarter of areas” (ibid, p.87). The internalisation of problems and antisocial conduct were more dominant in communities in which gangs were more prevalent as well as in locations identified as chaotic by parents (ibid).

Considering the results from this study and the ideas from the ecological perspective, it is clear that behaviour does not occur without causation, rather it is essential to consider the broader context of these youths (ibid, p. 87). In fact, as seen, responses to conducts, individuals or environments can take various shapes, demonstrated by the different types of behavioural issues. Furthermore, these responses exist and change between physical and temporal spaces of life because they are influenced by the environment, the people in it, stages of development, interactions and societal expectations, which constantly influence behaviour. This is important because it highlights the role of social work interventions in targeting the protective factors of individuals and working in developing those in the reduction of behavioural issues. As seen, the ecological model explains how, due to the different aspects of each environment, the changes that occur within them (ecological shifts) and the interactions between them, risk and protective factors are present across contexts, highlighting the need to focus intervention on identifying and fostering protective factors in each context.

### **The Ecological Perspective & the Role of Social Work Intervention**

In this section, the link between the ecological perspective and social work practice is going to demonstrate the unavoidable necessity of adopting the ecological model when intervening in this field.

In social work intervention, as stated by Barker in Trevithick (2012), ecological perspective is “An orientation in social work and other professions that emphasizes understanding people and their environment and the nature of their transactions” (p. 323). Based on Bronfenbrenner (1979), development concept, defined “as the person's evolving conception of the ecological environment, and his relation to it, as well as the person's growing capacity to discover, sustain, or alter its properties” (p.9), it can be said that the role of the social worker is to help strengthen the skills of clients in meeting their needs as well as adapting social responses demanded from the environment, in order to improve their social transactions in the ecosystem (Skarupská, 2016, p.100). In fact, this role is essential considering that the accumulation of negative experiences tends to awaken one's vulnerable competences, while at the same time, the accretion of positive experiences as well as their positive results, tend to empower and encourage coping mechanisms and competences (Martins, 2004, p.21). Considering the environment and its risk (negative experiences) and protective (positive experiences) factors, intervention must be

multidisciplinary, encompassing a social component (mobilising resources in the community), a family component (assuring an educational environment), a school component (proportionate to the individual characteristics of the child), and finally, an individual component (promoting the acquisition of social competences) (Fonseca, 2004, p.30; Miyashita et al., , 2021, p.42; Holosko et al., 2013, p.115).

Furthermore, as already highlighted, an intervention should not only focus on the reduction and elimination of risk factors, rather, it is important to facilitate the acquisition of protective factors and resilient skills, since the negative or positive outcome is not permanent and will depend on a balance between these (Fonseca, 2004, p.22; Gilligan, 2004, p.97). Yet research stresses the importance of considering other factors in intervention and particularly when life changes are detected, namely “developmental changes, age-related changes, the family context, and the service setting in which the intervention is being delivered” (Holosko et al., 2013, p.43).

The advantages the ecological perspective model brings for social work practice is that broader societal and cultural influences can be detected through comprehensive assessments, observing and improving their impact (Trevithick, 2012, p. 325). Furthermore, the model tends to avoid the demarcation of issues and resolutions, and rather focusing on the complexity and broadness of interactions. Lastly, it facilitates the creation of impactful relationships between the professionals and the patients, avoiding power unbalances and authoritarianism (ibid). On the other hand, the limitations identified are related to the complexity in observing, detecting, and unravelling the interactions of one’s whole environment, in turn limiting the intervention. Moreover, in reality, “most social workers are not trained – or encouraged – to develop the skills necessary to intervene effectively in ways that influence wider social factors and organizational and political systems” (ibid). Nevertheless, adhering to the line of thought of Haber et al., (2004) “the ecological perspective is a general framework that can guide research, intervention, and policy (p.145).

In regard to the role of social work intervention and adopting a general outlook on its practices, this study wants to highlight important values, that although already established, stand out to the more traditional approach. These are based on advocacy, partnership, participation, empowerment, and user involvement (Adams et al., 1998, p.31). A study investigated the clients’ perception of professionals as well as the intervention itself, and found that: empathy, investment

in qualifications (educational and professional), active listening, reflexivity, collaboration, trust and availability, were some of the most empowering factors for both (Barrocas, 2017, p.34-35).

The values of responsibility and participation are highlighted by a recurrent and increasing dialogue on emphasizing both parents and children as responsible, participatory, and capable agents (Roose et al., 2012, p.452-453). In fact, as seen, research in the UK has brought to the forefront the need to include children in social work decisions with more consistency (Gallagher et al., 2012, p.75). However, in the same study, results show that although social workers perceived themselves as trying to listen and involve the children more, majority of the children did not feel listened to. McLeod as seen in Gallagher et al., (2012) suggests that this is because children believe that from a conversation with a social worker, an action, or a change (often involving greater autonomy for them) would follow (ibid). It was deduced that the children and the social workers understood and sought-after different values from the idea of listening: “young people sought autonomy, self-determination and empowerment, while the workers emphasised respect and empathy” (ibid). This meant that even though the social workers believed to be listening, the children were left misunderstood.

Lastly, Gilligan (2004), rather than urging intervention due to elements of rescue and excitement that are easily associated to it, stresses the importance of remembering the value of humility in social work intervention (p.98). Similarly, Harris’ as seen in Gilligan (2004), accentuates the importance of the client-professional relationships and suggests that they “may be more valuable coming in the form of a ‘milk van’ (low key, discreet, inobtrusive, nurturing, regular, reliable, long term) rather than a ‘fire brigade’ (sudden, one off, invasive, crisis driven, hyped)” (p.97). Meaning that sometimes, “non-intervention” - intervention not merely associated to the start/end of a case - results in higher productivity (ibid, p.98).

So far, we have looked both at the ecological perspective as a theoretical model, and at social work as a general practice, in association with the general population of youths at risk, paying particular attention to the necessity of this model for a successful intervention. The following paragraphs will explore social work interventions with specificity to runaway youths, highlighting practices that are specific to their unique needs.

### 1.4.3 Intervention with Runaway Youths

Limited research exists on interventions with runaway youths due to their transitory and heterogenous nature, leading to difficulties in categorisation, as well as difficulties in gathering specific cause-effect results of interventions. In this section, some general guidelines and the most common interventions addressing the needs of runaway youths are going to be discussed.

Because the target group in question is heterogenous and its needs vary due to the amount, type, length of risk or trauma they have experienced - before, during and after running away- it is suggested by research that the intervention may be systematic, multidisciplinary and comprehensive in order to identify individual needs (Karabanow et al., 2004, p.95). As explained, due to their uniqueness in experiences, there is no standard intervention approach suitable for all, rather it is important to consider the runaway episodes in more detail, including its motivations, and the complexities of each case (Jeanis et al., 2018, p.184-185). As suggested by Slesnick et al., (2009) “Interventions need to consider the cognitive and emotional developmental stage of youth, but also, the specific content or targets of intervention will vary based upon the youths' reasons for running away or homelessness” (p.741). In order to do this more efficiently, research stresses the importance of listening to youths in order to understand their motivations for running away, as well as their needs, and in turn improve prevention and intervention strategies (Miyashita et al., , 2021). As seen: “Understanding the views of street youth is essential for developing effective intervention programs” (Morewitz, 2016, p.211).

The methodology mostly adopted in social work practice, is referred to as “case management” or “patient-centred interventions”, meaning an individualised approach to intervention (Bounds et al., 2019, p.100). According to Skarupská (2016), case management is considered as the more traditional approach in social work, referred as “a coordinated action leading towards client support, with participation of all available sources (family, professionals, social and health services etc.) (...) evaluating client's needs and together with the client and other people, who are interested in it, creates an individual plan” (p.99). As seen, case management starts with an evaluation of needs, followed by the formulation of an individualised plan and the development of a support network for the client (ibid). Thus, case management with runaway youths may signify an individualised plan which comprises social services that support in the general satisfaction of needs, including medical needs such as programs to reduce high risk

behaviours, services that offer therapy as well as competence building services (Karabanow et al., 2004, p.98).

Bounds et al., (2019), stresses that case management may lead to “variability in its effectiveness” as the level of experience and competence changes within professionals and they might prioritise and highlight different needs or be able to deal with limited amounts of trauma (Bounds et al., 2019, p.100). To diminish this possibility, the enforcement of training and monitoring is needed. Furthermore, the intensity of case management and its duration are still an aspect of discussion between academics (Slesnick et al., 2009, p.740; Morewitz, 2016, p.217).

Regarding runaways needs, a European study concluded that the needs mostly highlighted were those of “safety, support tools, emotional support and stability” (Miyashita et al., , 2021, p.13). Furthermore, “most youth described the importance of trust, confidentiality, not feeling judged, with the authors of the studies concluding that flexible, caring and tailored services that meet the needs of the youth are essential for successful engagement and maintenance into services” (Slesnick et al., 2009, p.741). Particularly, runaway youths want to be part of a social fabric, yearning for attention and the creation of strong social bonds, thus various authors emphasis the cultivation of trust for a successful intervention (Miyashita et al., , 2021, p.84). Trust can manifest in the form of a “trusted adult” who can be a teacher, social worker, educators and so on, who is often perceived as more adept to help and protect (ibid, p.81); an “anchor” such as a sport in which a sense of team and belonging is cultivated (ibid, p.84); or a “life expert” - a peer with a similar background who can act as a mentor or a spokesperson in intervention (ibid, p.98). Peers are especially beneficial when there is an element of mistrust with adults and professionals; they can help in the provision of counsel, education and outreach, as they are more likely to listen in a non-judgemental way, facilitating disclosure (Karabanow et al., 2004, p.102). Another important figure for the creation of trust in intervention, is the presence of a “caring role model” who acts as mentor and can be fostered through social/recreational activities (ibid, p.102). Caring role models are highlighted for their role in reducing substance use and increasing scholarly attendance and in turn, employment (ibid). According to Miyashita et al., (2021), all the above-mentioned positive figures and relations should be open, listen and understand without judgement, and form a stable and positive relationship of care and compassion (p.81).

Except from the cruciality of trust, intervention should focus on increasing the patient's sense of control over internal and external experiences, reducing the perception of stigma, improving self-esteem and selfcare (Davies et al., 2017, p.24; Karabanow et al., 2004, p.94), as well as strengthening competences, rather than focusing on shortfalls (Morewitz, 2016, p.211). In order to work on empowerment elements, Karabanow et al., (2004), believes that a safe and caring environment allows for the youth to get back on track in their own paste and using their own competences (p.94). Research suggests that there is value in involving children and youth at risk in prosocial activities such as doing sports, going on nature excursions, attending a theater play, or going to a museum (ibid, p.103). These activities are often referred to as “experiential therapy” and are an example of social work interventions used with runaway youth which uses leisure and recreational activities with the purpose of growing, healing, and learning by doing (ibid). They follow a format which involves four components: the activity, observation and generalization of what occurred and finally reflection on what has been observed and learnt and how it can be applied to other occurrences in life. Furthermore, “activities are often facilitated using a strength-based approach, which provides positive encouragement and recognizes the youth's potential” (ibid). Although the quantitatively results of such therapy are hardly measurable, social workers have reported a higher self-esteem in youth, including an improvement in making decisions, solving problems, and making friends (ibid).

Although this report will look at the role of the family as a separate section, the importance of intervention at the school and community levels, following the ideas of the ecological perspective, need to be considered. The school environment is seen as an optimal place for prevention work and ACEs screening, as youth experience it as a safe space to share and seek advice from teachers (Miyashita et al., 2021, p.81). This is also true for the general population of youths at risk, in fact, the school environment, although unrecognised, is an optimal place for offering opportunities for development through its many activities and the presence of responsible teachers who should emanate confidence, trust and mentorship (Gilligan, 2004, p.96; Miyashita et al., 2021, p.98). As seen, “A sense of ‘membership’ of a school may have great psychological and social value for a vulnerable child” (Gilligan, 2004, p.96). Although when it comes to runaway children, the family environment should remain the first place for intervention (Miyashita et al., 2021, p.98), an assessment of the dynamics of the school is also crucial (Jeanis et al., 2018, p.185). Teachers and other school personnel can be trained to

better identify and support children and teens who most struggle at school and who are highly absent, and especially those who are perceived to struggle with mental health issues (Morewitz, 2016, p.210; Smyth & Darmody, 2021, p.95).

The quality in the relationship between teachers and students, fortified by praise and positivity rather than negative feedback, is a key finding of the study by Smyth & Darmody (2021) who when it comes to school-based interventions, support a positive school environment above all (p.x). Furthermore, as disputes and disagreements are a common element of school environments, and especially as seen of youths living in institutions, to better equip teens to deal with these, professionals inside and outside of schools should help youths in developing competences that help resolving these conflicts (ibid, p.94). As seen: “The use of conflict resolution and restorative justice approaches has shown considerable potential as a basis for managing behaviour in schools (...) Such an approach may also have positive spill-over effects in enabling young people to handle potential conflict with their peers and parents” (ibid, p.91-92). Yet, as everyone manages feelings and expresses them in different ways, teachers, mentors, and peers should be trained accordingly, and focus on building relationships of trust (ibid, p.92).

Haber et al., (2004), although emphasises the importance of looking at family dynamics, stresses the effectiveness of intervention that extends to the broader level of society, such as the dynamics of a certain community (p.147). In fact, runaway behaviour and homelessness can be understood as the cause of malfunctions in the parent-child relationship, however, when assessing the family’s circumstances in a wider context, other community and societal structures such as disadvantaged neighbourhoods, availability of services and poverty may play a role in injecting stress into the relationship (ibid, p.146). Indeed, Smyth & Darmody (2021) find that a neighbourhoods characterised by delinquency and the prevalence of gangs, are correlated to increased behavioural difficulties in youths (p.95) The authors suggest an encompassing approach to confronting the issue, including “education and employment opportunities, improvement in the physical infrastructure and service integration, and policies to tackle crime” (ibid).

Furthermore, as described in an earlier section, peers play an influential role in a teenager’s life and can take part in increasing or reducing risk. The authors encourage the promotion of extracurricular activities and sports, organised by schools and neighbourhoods and aimed at disadvantaged populations and particularly women (ibid, p.94). During these

experiences, children and teens as well as their families, have a higher opportunity to make like-minded friends and create a sense of belonging, an aspect identified earlier as important.

Therefore, at the community level, the competences, and resources of runaway and homeless people, as well as the barriers and resources in their environments, should be reviewed through assessments, working on changing these for the better (Haber et al., 2004, p.145).

At the societal level it is also necessary to look at the role of organisations working with the target population in question, in fact they can implement certain elements in their practices with the aim to improve their overall quality and efficiency. Gwadz et al., (2018), analysed low quality and higher quality service organisations (also referred to as setting) for runaway and homeless youth and found that, although both types of organisations had strengths and challenges, the higher quality settings were better equipped in dealing with setbacks and maintain their efficiency due to four main elements (p.213). The first element is an agreed program philosophy, including shared objectives and goals. This, decreased tension within the organisation, served as guidance and permitted the maintenance of efficiency in the provision of services (ibid). The second element is related to the philosophy itself, centred on ‘positive youth development’, with particular attention to the fostering of the patient’s autonomy and enhancing motivation with the objective of establishing and accomplishing individual goals (ibid). The higher quality settings are more disposed on this regard, and especially in finding a balance between allowing the development of autonomy and assisting in the patients’ needs, as not always, autonomy leads to the best decisions for a patient. Yet this dilemma is embedded in their intervention strategy, in fact, service providers took runaways’ difficult and nonlinear life trajectories as the norm and were therefore better able to balance the two aspects and deal with their choices, even in time of crisis (ibid, p.213-214). The third element explains that higher quality settings have a higher commitment to the provision of individualised services, catered to each patient and promoting a sense of belonging, equal to that of a foster family, meeting both their physical and emotional needs (ibid, p.214). The fourth and final element, is that of a better management of the staff, including avoidance of burnouts and keeping the teams incentivized, motivated and skilled (ibid). Effective monitoring, social support and sense of control were qualities found in this regard. The authors conclude that cultivating these four elements improve the quality of services and in turn, the welfare and developmental outcomes of their patients (ibid). This is then supported by Heinze et al., (2010), who found that the perception of

organisations by homeless and runaway youths “is driven more by agency climate, interpersonal interactions and opportunities for personal growth than material goods, services, or other resources obtained through the agency” (p.1370).

At this point, it is important to look at challenges that limit intervention. Miyashita et al. (2021) highlights several obstacles perceived by youths in accessing help that may affect support both before, during and after an escape. Firstly, the lack of trust in adults and authorities due to the fear of judgement, fear of not being believed, fear of confiding, and fear of stigmatisation, were stressed (ibid, p.79). Upon further examination, it was understood that these fears had been previously experienced with parents or other professionals who had judged them or betrayed their trust (ibid). Another common reason for not accessing help amongst runaways, is related to the unfamiliarity and the intimidation of new spaces (ibid, p.78-80). Still, a major reason is due to the lack of knowledge on the existence of such services, requiring the organisations themselves to reach out first (ibid, p.79). It has to be noted, that a similar reality is represented by the general population of children and teenagers at risk, which extensively underutilise the system of care and reports struggling in knowing where to access help and who to trust (Holosko et al., 2013, p.113). In order to tackle some of these issues, Miyashita et al. (2021) suggests the use strategies such as spreading knowledge through word of mouth, doing more outreach, as well as focus on the promotion of empowerment, openness, and positive relationships (ibid, p.13). Furthermore, in order to address the above-mentioned challenges, collaboration is a key feature, as seen, “local authorities should work with other local agencies to develop common and agreed ways of assessing the needs of runaways, and referring them, so that runaways get more consistent and faster access to the services they need” (Social Exclusion Unit, 2002, p.74).

To conclude, although runaway youths are children and teens at risk in the general sense and the ecological perspective model rooted in social work practices should be adopted in intervention, as seen in this section, there are specific methods and approaches, as well as challenges related to runaway youths. Because of the multiple and often interlinked needs of the population, individual case management in intersection with a multidisciplinary outlook (individual, family, community, societal) is the most suitable form of intervention. At the same time, the key characteristics highlighted have been to listen in a non-judgemental way, to emanate care and trust, to create a safe space and to build on competences while reducing potentiality to risk. Other aspects such as how to enhance awareness of service providers as well as how organisations can

improve their practices and structure have also been discussed. As already described, when intervening with runaway youths, research stresses the importance of examining the context of the family with primary concern because of the associated risk factors. On the other hand, we have seen the importance of protective factors in the family context and stressed the importance of focusing on these in intervention. Thus, in the next paragraph, the role of the family will be explored in further detail.

#### **1.4.4 The Role of the Family in the Development of Children and in Intervention with Runways**

As seen, the family setting, a space in which youths spend extensive time, can serve as an environment of risk and of protection. According to Reis (2009) the role of the family is crucial when it comes to the development of sociability, affectivity, and the physical well-being of its members (p.114). Furthermore, the family allows for the construction of an internal character, serving as a psychosocial protection, and another external character, which is the appropriation and transmission of culture (ibid). As explored with the functions of the CRC and the LPCJP, in a family, a child should be able to find crucial conditions such as love, protection and security for one's rightful development (ibid, p.115). On the other hand, the absence of family, or even belonging to an unbalanced one, jeopardises the child's integral development and may increase the potential for deviant behaviour (ibid).

According to de Abreu et al., (2010), children learn a crucial skill through the family, namely that of socialisation, yet it can also be an environment of risk when certain factors prevail. These include poverty, unemployment, low or lack of professional and educational qualifications of the parents, inadequate living situations, deviant behaviours, and health problems. The author means to suggest that these are factors of risk that lead to social exclusion and affect the most vulnerable members of a family- children and young people (p.81). In this regard, Fallon (2018) outlines the 'Human Development Top Ten'- a list of indicators related to parenting skills and other environmental factors, proven to facilitate children's positive life trajectories, by encouraging a positive and integral development free from risk. These are: a stress and toxin free pregnancy; breastfeeding; a childhood free from harm and illness; attachment; exposure to language, play and cultural norms; avoidance of early exposure to screens and technology; free from corporal punishment and a livelihood characterised by poverty (ibid, p.98-100).

With a particular focus on attachment, academics have since long highlighted this element as crucial in development. Children who lack a secure, positive attachment often possess a negative relation towards themselves as well as with others. This often happens when there is an imbalance in the satisfaction of needs characterised by over or under stimulation and in essence, a failure in achieving developmental objectives (Reis, 2009, p.119-120). Therefore, considering attachment, the role of the family as well as other attachment figures in a child's life, are of critical importance.

Since the family is an environment of risk and protection, it is fundamental to consider its role in intervention. Particularly, the family, as explored in a previous section, is a setting known to be of risk for experiencing adverse childhood experiences and as such, research urges to consider this space with primary concern. In fact, as suggested by Karabanow et al., (2004), the environment of the family has to be stabilized first in order for the intervention to have any effect on the child's life (p.99). Thus, the role of professionals is to explore family dynamics, identifying unexposed factors that may be motivators for runaway and other behaviour (Jeanis et al., 2018, p.184). Miyashita et al. (2021) therefore urges the importance of needs assessment (p.42) as well as other crucial intervention strategies, based on best practices identified in various European countries after a home escape: psychological support for the family; facilitation of communication within family; mediation strategies; efficient responsiveness from social services; constant monitoring of the family; promote a relationship of trust (ibid, p.106-107).

Since this report is based on the ideas of the ecological perspective it is important to consider the various contexts that influence the lives of families and consider them in intervention. Thus, it is necessary to reflect on the multiple transitions that families go through in life, such as the welcoming of new family members including their death, getting a new job or moving house, as well as current states of being, such as economic deprivation, poor health, or pressure from work (Pardeck, 1996, p.61). Changes, new or recurrent, can lead to stress and the need for adaptation, if not dealt with appropriately they can affect the individual or the family dynamics, weakening the system as a whole. Pardeck (1996) suggests that as pressures can derive from both within and outside of the family, social workers need to work on fostering protective skills, but also change structural factors that may be of obstacles for their wellbeing (p.61). As seen in the study by Smyth & Darmody (2021) financial strain played a significant role in aggravating behavioural issues in youths and relationships within the family. This, suggests

looking at the problem with a holistic view, pressing policy makers to work in enhancing antipoverty measures and creating beneficial outcomes for youths (p.93). Yet it also means supporting parents “incorporating information and advice, emotional and practical supports as well as more formal interventions (ibid, p.93). Therefore, in the fostering of the parent-child quality bond, the role of social workers is to encourage and support parents to seek for the existing resources in their communities or for the improvement of these, including income, adult education, childcare quality, neighbourhood safety amongst others (Gilligan, 2004, p.96). As seen, “This may take time, sensitivity, skill and much encouragement. The pay-off may often be subtle but very real” (ibid).

Furthermore, these stressors can be linked to issues of substance use commonly identified in runaways’ families. A consistent pattern of abusive parenting styles coupled with incidents of ACEs may occur and lead to coping mechanism such as substance use in order to survive both in the family and in the street contexts (McMorris et al., 2002, p.40). Thus, alcohol and substance misuse are important issue to understand, as they may lead to dependency, issues in reunification with families and in turn a persistent state of homelessness for many youths (ibid, p.41).

When it comes to other beneficial techniques of intervention with families and their children, according to Gilligan (2004), less intrusive and more naturally occurring interventions, such as the customization of family routines may help them in dealing with stress. Routines associated to time schedules (meals, waking up, going to sleep) and excursions, may support families in providing order and structure to their members (p.95). They can also be found in school settings, providing a sense of secureness throughout the day (ibid). Moreover, they extend to the normal everyday life schedule, and encompass annual and seasonal festivities in the family, school and community context. Routines are important because, they are not merely enablers of order according to the author, but also a celebration of family identity (ibid). As seen routines may symbolise the “anchor” or “social fabric” above mentioned.

Furthermore, regarding the return of youths from an episode of running away, however difficult to perform, experts recommend the family to welcome them with warmth and positivity, in order to avoid multiple run-away episodes, as seen “Research has found that one in eight young runaways run away three times or more” (Social Exclusion Unit, 2002, p.56). In fact, when the approach is more supportive, the rate of runaway episodes decreases by 21% (ibid,

p.56). Often, when a child returns home, parents respond with punishment and negative reinforcement, impeding the opportunity for a productive conversation to understand what went wrong and what needs to change. This step may occur in the form of an interview with the presence of a third person, in order to more easily identify urgent risks and needs (Miyashita et al., 2021, p.107).

Another important aspect in intervention, as already mentioned in the values of social work, is that of collaboration and partnership between the youths, their families and professionals. Partnership consists in more involvement of families in the intervention process (keeping them up to date, sharing information and involving them in the decision-making procedures), and favoring a more open communication setting and a restructuring of the power imbalance, with parents assuming more responsibility (Adams et al., 1998, p.285). Greater engagement of parents in the intervention have shown more positive outcomes in the lives of children as involvement led to more agreements upon rules and arrangements within their relationship, stronger commitments and engagement with other important adults, as well as progress in the child's general development (ibid). As seen in Gallagher et al., (2012), parents involved in social services experienced intimidation and stress, however they also reported that having a good relationship with their social workers helped (p.82). The characteristics needed to develop a relation of quality were kindness, sociability and humour, whilst general sought-after qualities were, respect, politeness, openness, accountability and expertise (ibid). Furthermore, social workers viewed parental expertise and involvement as important, as seen: "Practitioners demonstrated respect by acknowledging parents' understanding of their family and by seeking some degree of input from the parent about the nature of the situation and the solutions to it" (ibid).

To conclude, this section of the chapter has looked at the role of the family, concluding that it is a space in which a child should find protective factors such as safety, care and the conditions for a rightful development. If these conditions and others discussed above, are not present, the family can be an environment of risk, damaging the development and the mental and physical state of children and teens. It is clear then, that intervention with youths at risk should be conducted on an individual basis and with their families. When it comes to runaway behaviour specifically, the family is the primary context of concern, and social workers need to on a first-

hand basis try and understand the reason for escape. Thus, relationships between professionals and families should be built on good communication, trust and support. Parents know their children and their family dynamics and thus, they should be listened to and respected; the partnership with them in working towards alleviating risk, should be emphasised. Especially when considering parental substance use and parenting styles, which have been identified as factors of risk. Another crucial intervention step is to look at the interplay of family dynamics in conjunction with external, environmental factors, as changes might need to occur in the community context and in the society at large.

As the final sections of chapter one have focused on social work interventions with at-risk youths, particularly runaways, the next chapter will introduce IAC along with its main characteristics and explore the course of the internship completed during the autumn semester.

## **2. The Internship**

The elaboration of the current report as part of my master's degree in social work, resulted from my participation in an internship at the Instituto Apoio á Criança in Lisbon. This chapter starts with describing the mission and the services of the institute, to then delve deeper into the project in which the internship has been evolved in, namely “Projeto Rua- em familia para crescer” and in particular with the team of the ‘Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil’ (CDIJ). The activities and the target group worked with during the internship will be described. As a reminder, the aim of this report is to understand through the analyses of the interviews, the general practices including positive and challenging aspects of the intervention of IAC, with youths and their families, who run away from their homes or institutions.

### **2.1 Instituto Apoio á Criança**

The Instituto Apoio á Criança was founded by Manuela Ramalho Eanes in 1983 in Lisbon, the same year as the start of the International Year of the Child – reflecting a change in the view of children as subjects of rights. The inauguration of the institute at this time was considered an innovation, as the autocratic history of Portugal did not facilitate the union of numerous

professionals and academics from civil society, to work on a cause that was yet to gain great visibility and attention<sup>1</sup>. However, as the country was experiencing a social and financial crisis, with high unemployment, an unstable economy, and struggling families, IAC was seen with great affinity and necessity by academics, social workers, doctors, nurses, psychologists and teachers (ibid).

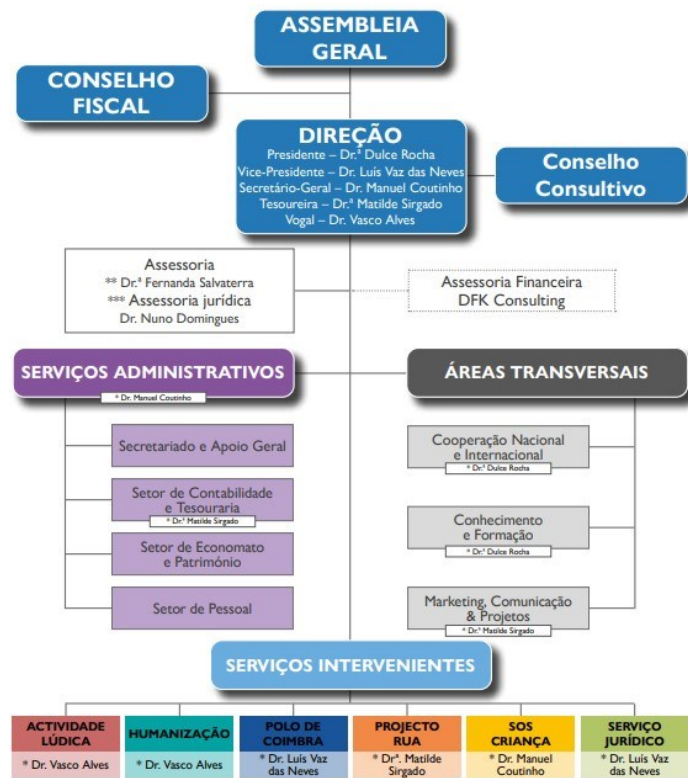
IAC is a non-governmental organisation financially supported by protocols with the state, ministries, as well as donations and external support from other entities. Its main objective is to provide for the full development of children through the protection and the advocacy of their rights (IAC, 2021, p.19). The values that direct its work are those of ethics, accuracy, capability, transparency, commitment, and respect. The institute's strategy is to develop research, programs, and activities in order to find solutions and answers in regard to childhood related issues and in the promotion of their rights, and at the same time to guarantee that their voices are heard in the process (ibid). Moreover, IAC works in close relation to communities - providing information and organising awareness-raising programs; supporting and working together in partnership with other entities to bring innovative projects and research with the scope of evolving this matter further and at a global scale. Promoting thus also studies, seminars, colloquiums, training actions and other initiatives that enable debate and reflection on the problems of childhood in today's society (ibid).

The structure of the Institute (Figure 2) is composed of: the general assembly, the fiscal council, the direction board and the executive council; the administrative services are composed of the department of the secretary and general support, the department of countability and treasury, the department of savings and assets, and the staff department. The transversal areas are composed of teams that work with: National and international cooperation, training and information, and marketing and communications. Lastly, the sectors of intervention are the following: Atividade Lúdica; Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança; Polo de Coimbra; Projecto Rua “Em Família para Crescer”; SOS Criança; and Serviços Jurídico (IAC, 2021, p.25). These will be described individually to offer a better description of what their specific tasks are.

---

<sup>1</sup> <https://iacrianca.pt/mensagem-da-presidente/>

Figure 2: The Organisational Structure of the Institute



(Source: IAC, 2021, p.25)

## 1. Atividade Ludica

Atividade Ludica in English means playful activity; the project’s aim is to contribute to every child’s happy childhood, promoting the right to play found in article 31 of the CRC; to work in partnership with other entities at the regional, national and international level; to support the existing spaces attributed for play and to encourage the creation of new ones (IAC, 2021, p.101)

## 2. Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança

In English - Humanization of Child Care Services – the intervention’s objective is to promote the full development of the child as a subject of rights in all areas of reception, care and permanence; to advance a comprehensive training plan aimed at children, teens, professionals and families; to support the entities involved, in the social, education, health, and justice areas, in respecting the rights of the child in their daily practices (IAC, 2021, p.111).

### 3. Polo de Coimbra

The IAC centre in Coimbra works in divulgating the work of IAC across all areas and in finding new answers to issues related to childhood and development. This centre has affirmed itself as a reference point for the central and northern regions of the country (IAC, 2021, p.123).

### 4. Projeto rua- em familia para crescer

The street Project- in the family to grow, works for the reduction of cases of children and young people at risk or in danger and promotes their social and family reintegration. This department is divided into three different projects: Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil (CDIJ), Centro de Educação e Formação (CEF) and Centro de Apoio Comunitario (CAC). These will be explored in further detail in the following section (IAC, 2021, p.141-142).

### 5. SOS - criança

SOS – children is also divided into three projects: Linha SOS- criança (3 telephone lines), Personalised Attendance and Educational Social Intervention. The department's aims are to allow the voices of children and their families to be heard through the right to speak, support and protection of the SOS - telephone line; as well as to offer advice and services related to adoption matters and collaborate in investigation related to missing or abused children (adoption and missing children lines); to evaluate and accompany children and teens at the psychological, social and legal level and to support in their psychosocial integration through personalised attendance; to develop actions that contribute to the needs of the educational community, ensuring equity and social inclusion and diminishing problems related to this context through the Social and Educational Intervention (IAC, 2021, p.177-178)

### 6. Serviço juridico

Legal services serve to clarify and inform on all legal matters and to offer advice to the directorate as well as to the other services of IAC (IAC, 2021, p.203).

After presenting a general view on the history of the institution and its structure, in the next section, the Projeto Rua and its evolvment through time will be outlined.

### 2.1.2 Projeto Rua – em Família para Crescer

This section is going to describe the organisation of the Projeto Rua and its main activities by focusing on its recent development from 2010 to the current time.

The intervention project “*Projeto Rua- em familia para crescer*”, originated from another project started on the 16th of October 1989 named "Street Work with Children at Risk or in a Marginalised Situation" which was aimed at interrupting the cycle of marginalisation of children<sup>2</sup>. These interventions started in the downtown area of the city of Lisbon, where a lot of children would sleep close to the railways.

As Projeto Rua has existed for a long time, the institute recognises four phases throughout time up until now, distinguishable for their various dynamics, actors and methodologies. These are: Phase 1 (1989-1994), Phase 2 (1995-2000), Phase 3 (2001-2009), Phase 4 (2010-until now) (ibid). Due to the purpose of this study, and to give a more recent description of what has happened with the project, this report will focus on the most recent phase describing it in more detail.

In 2010, the social context started changing and new problems started to become evident, in fact there was an increase in missing children and sexual abuse cases, including trafficked children. This coupled with the heterogeneity of the target population the project worked with, meant that the strategies needed restructuring (ibid). In order to cover more areas of intervention, Projeto Rua created two ‘Centres for Youth Development and Inclusion’ (East and Centre), with the aim to support youths with deviant behaviours - especially those who were on the run or sexually abused - and to promote the learning of competences, guiding them towards the construction of healthy life projects (ibid). The intervention evolved to adapt to the characteristics and the rhythms of the target group, meaning that the youths started taking more decision-making responsibility.

The project started developing its educational side and in the school years between 2012-2014, “o Projecto foi entidade beneficiária do financiamento PAQPIEF – Programa de Apoio e Qualificação da Medida PIEF” which resulted in the running of multiple PIEF courses (ibid). Social inclusion, socio-educational skills and the prevention of school absenteeism were of focus. At the same time, Projeto Rua was involved with the reintegration of youths in

---

<sup>2</sup> <https://iacrianca.pt/intervencao/projecto-rua-em-familia-para-crescer/>

communities and neighbourhoods at risk in Lisbon. It has to be noted that this intervention, highlighted values of collaboration and the sharing of good practices.

Furthermore, with the "Learning in the Street" intervention and using the Pedagogical-Mobile Unit as a resource, the teams has been able to continuously work on and promote, interpersonal skills, reaching a wider and at times inaccessible target group. This action was facilitated in 2019, with the inauguration of a new mobile recreational/pedagogical unit, allowing for an increase in activities amongst the communities, schools and streets (ibid). Direct intervention with street children and their families has allowed for a better understanding of the reality, adding value to IAC's partnerships and promoting further cooperation, in turn improving its general work and challenges (Sirgado, 2015, p.115). As of today, Projeto Rua is constituted by three projects, each with their own objectives, teams and centres, as seen:

- Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil (CDIJ): The Centre for Youth Development and Inclusion intervenes in emergency situations regarding missing or sexually exploited children and young people, and in particular at the ones who are on the run; works in collaboration with the 'consultório social - Espaço Luz Verde à Criança' in Lisbon, a multidisciplinary team which has allowed greater complementarity in the accompaniment of vulnerable youths in the social, psychological, and legal spheres (IAC, 2021, p.215).

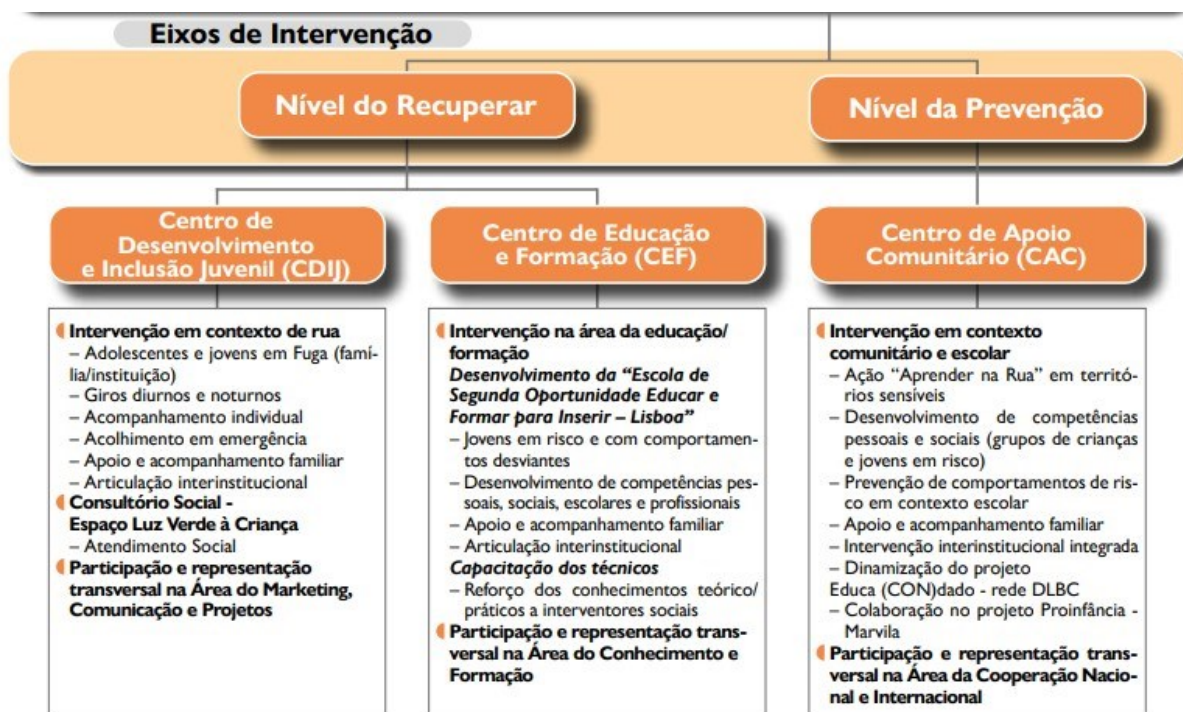
The internship involved the participation with the team of the CDIJ and thus, the activities performed, will be described in further detail in the following section.

- Centro de Educação e Formação (CEF): The Education and Training Centre works in helping to develop personal/social competences and to attain knowledge in the school/professional areas for a group of 45 teens (IAC, 2021, p.151).

- Centro de Apoio Comunitario (CAC): The Community Support Centre prevents situations of children at risk in three communities and schools with adverse contexts (IAC, 2021, p.161).

In a coordinated work between these teams, the Projeto Rua continues its intervention following two levels of intervention: Recovery and Prevention (Figure 3).

Figure 3: The axes of Intervention of the Projeto Rua



(Source: IAC, 2021, p.142)

Matilde Sirgado who is the treasures, head of marketing and communication, as well as coordinator of the Projeto Rua, highlights the challenges and successes of the project in her research. She underscores the value of the financial and credibility struggles that the project encountered, in creating strong and tailored intervention objectives (Sirgado, 2015, p.118). Maturation and adaptation processes have contributed to the creation of specific methodologies of intervention, while considering all the interacting subsystems of youths and their families. Furthermore, the teams value the co-responsibility of families, proximity and informality, with the aim creating and sustaining relationships of trust and empathy, in intervention (ibid, p.115). Through the development of its programs, the project has been able to implement a holistic approach to intervention constituted of educational and recreational activities, as well as serving as a point of reference in their socialisation process of its youths (ibid, p.119). As emphasised by Sirgado (2015):

“Com uma metodologia centrada na Educação/Formação, utilizando o lúdico como auxiliar pedagógico, através de uma relação personalizada, em que se aliam a afetividade e a técnica, indo ao encontro, recorrendo a equipas multidisciplinares e reforçando o trabalho em parceria,

o Projecto Rua consegue transformar reais obstáculos em utopias possíveis” (p.117).

Lastly, as observed in the above paragraph with the highlighted challenges and transformation of the Projeto Rua, it can be said that it is a permanently evolving project (Sirgado, 2015, p.119).

### **2.3 The Partnerships of IAC**

Projeto Rua and the institute in general, value the work of collaboration and partnership, as they deem them essential aspects to advance knowledge and rightful practices in the field. The partnerships are numerous due to the heterogeneity of the target group, as well as the intervention involving the families, communities and other institutions. Thus, this section will highlight some of the most important stakeholders that have contributed to the project’s mission throughout time.

In 2012, “o Protocolo com a DGRSP – Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais” was signed<sup>3</sup>. This protocol aims at accompanying teens who have to comply to the tutelary educational measures of social reintegration. In 2016, in order to keep working with the objective of reducing the number of children and teens in danger and to contribute to the fight against poverty and social exclusion, the team noticed that the areas of education and training were lacking. In this regard, a protocol was signed with the Fonseca Benevides Secondary School in order to promote and better schooling for a group of girls from a neighbourhood in Lisbon (Dr. Alfredo Bensaúde) (ibid). Similarly, in 2020, an inter-ministerial protocol with the justice, education and solidarity ministries and the social security ministry was signed in order to develop multiple and more flexible qualification responses for these youths. These responses are similar to a previous project developed by Projeto Rua- the “Educate and Train to Insert Action”, in partnership with the D. Dinis School, consisting in moulding and adapting courses to facilitate their scholarly success, by giving them the possibility to enter the year at different points throughout, allowing for more flexibility (Oliveira, 2016, p.28).

As already mentioned, the Projeto Rua is highly involved in the street context, and even in this regard it collaborates with other street teams that distribute food for example, including at

---

<sup>3</sup> <https://iacrianca.pt/intervencao/projecto-rua-em-familia-para-crescer/>

times, street children. As these teams have mobile units and follow specific routes, cooperation is fundamental as more locations can be covered at various times of the day (Oliveira, 2016, p.29).

Regarding the team in which this internship evolved around (CDIJ) the following partnerships are highlighted: Ajuda de Mãe; Associação para o Planeamento da Família; Associação das Crianças Desaparecidas; CAFAP da Amadora; CPCJ'S; Centros de acolhimento (Casa do Gradil; Casa da Estrela; Lar Adolfo Coelho - Centro de acolhimento temporário Mãe de Água; Centro de Acolhimento Temporário - Centro de Proteção á Rapariga, em Faro; Porta Mágica); Centro Social e Paroquial da Arrentela; DGRSP; ECJ de Loures; EMAT; GAAF do Agrupamento de Escolas Miguel Torga; NPISA; PIEF do Monte da Caparica; PSP; Rede Regional de Lisboa e Vale do Tejo de Apoio e Proteção à Vítima de Tráfico de Seres Humanos; Segurança Social - Equipa de Admissões; SCML; Tribunal de Família e Menores de Cascais (IAC, 2021, p.173). As seen the partnerships are numerous and multidisciplinary.

#### **2.4 The Target Population of the CDIJ**

As the internship evolved around the work of the CDIJ team of the Projeto Rua, this section is going to look at its target group, highlighting some key features.

Throughout history, it is important to note that the target population in question has undertaken various changes, culminating in today's reality, which is characterized by the absence of children living on the streets (Sirgado, 2015, p.112). In fact, as already mentioned, changes in the societal context have led to problems related to human trafficking and disappearances (ibid). The target group involved in the Projeto Rua and particularly in the CDIJ, is currently recognised as the most heterogeneous as it has ever been, with children and teenagers at different stages of development. However, it can be generalised to include children up till the age of 18 and their families living in the city of Lisbon (IAC, 2021, p.143). The families of these youths are characterised by low self-esteem, unable to tap into their potential, living in a context of economic and social instability, and unable to invest in the education of their children (ibid). The youths may be missing school and instead making the streets their preferred environments for surviving and learning. Furthermore, they exhibit antisocial behaviours and adversity in adopting rules - often due to a lack of imposition of discipline in their daily life and routines (ibid).

There are various ways in which children and teens reach IAC and the CDIJ team. On one hand, the team does daily and nightly rounds with the project's Pedagogical and

Recreational Mobile Unit (the so called “giros”), performing diagnosis in case of necessity. Here, the team might conduct a specified round in the most adverse and busy parts of town or follow up on a lead, which might mean that they drive around to check the situation or talk to someone in the area. As already explained, other entities such as food trucks may be present in the streets, distributing food to the homeless and attracting hungry street children, thus, the team is also on the lookout at these specific times. The mobile unit is recognised as a privileged methodology as it facilitates the identification of children at risk, at the same times as it limits the possibility of danger to the team.

On the other hand, children and teens are assigned to the CDIJ team through referrals made by private individuals or other entities, including the other services of IAC such as the SOS- Criança helpline. In these cases of missing children, both the CDIJ and the police are contacted (Oliveira, 2016, p.25).

As seen, the team of the CDIJ works with a heterogenous group that although not referred to as children living on the streets, it is a vulnerable group spending extensive time on the streets. In the next section, a detailed account of the activities of the internship will be presented.

## **2.5 The Course of the Internship**

The internship with IAC involved observation as well as participation in various interventions. This section then, will focus on outlining these in more detail to explore the reality of working with vulnerable populations in Lisbon.

The internship, which began September 5<sup>th</sup> and ended December 17<sup>th</sup> was held with the CDIJ team of the Projeto Rua. This meant working closely with children, teens and their families who had run away, or were exhibiting delinquent and deviant behaviour at home, in school, or in institutions. The CDIJ is a multidisciplinary team who engages in various activities, mainly in developing youths’ skills and helping them build healthy life projects, as well as, working in proximity with their families, especially their mothers, by empowering them and enhancing their parenting skills.

Personal and social competences are worked on by conducting recreational and educational activities in group settings. These activities include amongst others, canoeing, going to the beach, cycling, as well as visiting museums and science and cultural centres. They usually

take place during the summer and winter school breaks; hence, many activities had already taken place before the start of the internship, still, I was able to participate in the last activity for the summer, a barbeque. During this event, pictures and reflections over the summer activities were shared and it was a great opportunity to meet some of these young people, as I was able to observe their interactions with each other as well as with the professionals. These educational and recreational activities constitute a privileged mean to strengthen the child-worker bond and to address relevant aspects of the youths' lives (IAC, 2021, p.146), as playing and learning together is a valuable experience in which a strong bond of trust can foster.

Another methodology adopted by the CDIJ is that of the individual accompaniment and monitoring of children and teens. This individualised work is a privileged time to work on the solidification of relationships and in the restructuring of routines (IAC, 2021, p.147). Strategies are adapted in accordance with each case and the varied needs; interventions include home visits, individual educational activities, meetings with different stakeholders, and accompaniment to services. Home visits are a highlighted intervention method as they are a means to observe and diagnose the child or teen in question, under the context of the family environment, as well as observe the roles played by the family members in the household (IAC, 2021, p.148). Professionals also engage in follow-up monitoring including communication with adults from the school or sports centres, as well as the parents in question. During my internship, I was able to accompany and observe some cases, attending meetings and consultations whenever possible. For example, I attended a meeting with a family in collaboration with Santa Casa da Misericórdia in which prioritise, and responsibilities were arranged.

Education and empowerment are aspects worked on together with the parents, as formative online actions (workshops and meetings) or sporadic in-person meetings, are conducted with the aim to listen to the parents and the issues they might be experiencing, share stories and challenges, reach possible solutions together, and present guidelines for the future. At times, the other teams of the Projeto Rua (CEF and CAC) collaborate in these activities, as joining has proven to be beneficial for the mothers of the other teams. The workshops are held by two psychologists (external to the organisation) who work around a general theme. This autumn's theme was that of emotions, and during my time there we discussed anger, frustration, and sadness. The mothers as well as the professionals all took turns to share stories in which they experienced these feelings, or what they envisioned when they thought of these feelings, coming

up with questions or describing challenges and solutions they might have encountered. The psychologists provided the audience with practical guidelines to deal with obstacles as well as offered exercises that facilitated the awareness of emotions. Although the mothers have more emotions to explore throughout the year, I noticed the importance of a non-judgemental and safe space for sharing experiences and feelings, which at the same time promotes growing and learning together in a community space.

Furthermore, the team is prepared to work in partnership with the various entities knowledgeable and responsible in the areas of childhood. As many of the youths involved are monitored by the state with ‘Promotion and Protection measures’ and ‘Educational Guardianship Measures’, the team engages in report writing, sharing information on individual cases and attend stakeholders’ meetings. For example, during the internship, I have observed the partnership with the ‘Regional Network of Lisbon and Tagus Valley Regional Support and Protection to Victims of Human Trafficking Human Beings’ (IAC, 2021, p.149). The collaboration involved multiple online meetings, in which important information was divulged and good practices were shared. Furthermore, IAC’s various online platforms and physical spaces were used to further spread information in the forms of booklets.

On the same topic of collaboration, the team works in partnership with other national and international projects in order to develop and foster educational initiatives. Examples of these which were active during the internship, are the Projeto Rede juvenil- Crescer Juntos <sup>4</sup>, and the Projeto Radar <sup>5</sup>. The first one is based at the national level and involves working with a group of youths in promoting and developing participation skills through the sharing of experiences based on a specific theme. This year’s theme is the digital environment and its dangers. The youths of the Projeto Rua have met at different times throughout the autumn and will continue doing so during the year, working on the topic through discussion, play and activities with the aim of sharing relevant knowledge and help navigate the challenges of the 21<sup>st</sup> century. At the end of this project, a final workshop will take place in which young people from other regions of the country (Coimbra, Algarve e Alentejo) will meet and share their work with the objective of reaching conclusions and discuss future recommendations.

---

<sup>4</sup> <https://iacrianca.pt/projeto-rede-juvenil-crescer-juntos/>

<sup>5</sup> <https://iacrianca.pt/projetos-transversais/projeto-radar/>

The second project, Project Radar, is an international project which focuses on understanding the experiences of children on the run, with the aim to improve the help they receive before, during and after they run away (ibid). During the internship, with the approval and funding from Project Radar, the CDIJ team started developing a digital application that would serve runaway youths to better seek services and receive support in the city of Lisbon. Services encompassing food and shelter, as well as assistance in reaching long-term and sustainable support more efficiently. I assisted this work by attending meetings and collaborating in the workshops where ideas were shared for the development of the application. This partnership is an example of the innovative side of the team and of IAC, who continuously seek to find answers to the challenges of the target group, and explores new, untapped areas of work. The information and knowledge deriving from this application, may prove IAC's value on the international arena as other countries part of Project Radar may adopt similar technologies, following their steps.

Lastly, important to mention is that, as the team conducts daily and nightly rounds to try identifying the target population in the street context, the team is prepared to conduct emergency intervention usually related to runaways who might be in need of emergency reception and shelter. In fact, IAC has rooms at its disposal, in which a child can reside until a plan has been established. During the internship, the recourse to emergency interventions were not needed, however, I accompanied a nightly round and although we did not encounter any child at risk, I got the opportunity to observe the movement of the city and its people, with a particular attentiveness to the most vulnerable.

To conclude this section and chapter, I would like to engage in a short reflection on my internship with the CDIJ team. As seen, the intervention strategies adopted by the team are numerous and I was able to observe and participated in several of them. This involvement has increased my knowledge of the social work field, both theoretical and practical and in particular of runaways and youths at risk. Although I have observed the reality of social work practice in the context of Portugal, I believe the knowledge I have acquired is transferrable and adaptable to different countries and contexts. I can say with certainty that I have a greater understanding of the importance of proximity, listening and patience when working with vulnerable populations as well as of needs assessment and the child protection field.

So far, chapter one has provided information taken from the literature, focusing on international children protection systems, the profile, risk and protective factors and social work interventions of runaways and youths at risk. In chapter two, IAC and its particularities, including its structure and objectives have been described in detail. The goals of the CDIJ team and its target group have also been explained in conjunction with the recounting of the interventions observed during the internship. It is clear that Projeto Rua focuses on the young people and their multiple environmental contexts. In the next chapter, the research segment of this report will be presented. This will include the description of the methodology used and the characterisation of the case studies following an in-depth analysis of the data gathered from the interviews conducted as part of my internship.

### **3. The Analysis of the Key Aspects of Intervention with Runaways**

Chapter three is going to introduce the research methodology adopted for the scope of the study, including the utilisation of case studies, biograms, and interviews, justifying their implementation and presenting identified limitations. Thereafter, the chapter is going to delve into the analysis of the data, dividing it into three parts each with a respective focus. The first part is a case-by-case analysis, observing the particularities of each case and analysing the views of each stakeholder (young person, mother, case worker) on the motivations to escape, sentiments, and key aspects of intervention. The second part is going to analyse risk and protective factors identified in runaway youths with a more general view, while the third part is going to look in detail and categorise the positive elements and the challenges of intervention of IAC.

#### **3.1 The Methodology of Research**

This research has adopted a qualitative methodology, focusing on the case studies as the overall aim, enriching them by gathering information through the construction of biograms, and the use of interviews, documental analysis, and observation. Strauss and Corbin (2008) refer to qualitative research as research that does not obtain results through methods of statistics or other quantitative methods, instead, the evaluation occurs as a result of interpretation (p.23). As

described: “interpretive researchers start with individuals and try to understand their interpretations of the world surrounding them” (Dammak, 2015, p.5-6). In this report, this has meant focusing on the interpretation of meanings, attitudes, and consequences of relationships amongst the runaway youth and their assigned case workers from the Projeto Rua.

The teens were selected through the help of the team and because they fulfilled two preestablished requisites, namely, they were living with their families at the time of escape and at least one parent was involved in the intervention. In order to construct the biograms - documentation, including reports from previous involvement in services or psychological consultations were provided by IAC - and served to construct life narratives, identifying key events and interpreting their meaning. According to Yin (2006) Interviews are an essential source of information when investigating an object of study (p.116). Semi-structured interviews were conducted with the three teens and their mothers respectively, in order to understand their perspectives on the runaway episode(s), motivations for running away, sentiments and assistance received during and after the escape, as well as opinions on the intervention of IAC. The case workers assigned to these cases were also interviewed to better understand the intervention procedure and any further information regarding each case. Lastly, another interview conducted with IAC’s technicians, was dedicated to understanding IAC’s general view on runaway youths, the successful factors of intervention from their perspective, and the challenges in working with this population. The interviews followed ethical standards of research and the participants were fully briefed about data collection and privacy rights, consenting to the interviews (see appendix C). These were recorded, then transcribed and subsequently analysed using Taguette software, from which the following categories were identified: Reason for Runaway; Runaway Behaviour; Context/family relations; Relationship with professionals and Process of Intervention. It must be noted that direct observation was conducted throughout the duration internship as this is important to obtain evidence of relevant relational and environmental condition that one would not be able to research in other ways (Yin, 2006, p.120).

When analysing the content of the data, elements including intuition, sensibility and a critical and open mind are taken into account. In fact, flexibility, an open mind and “logica indutiva” are important elements to try adopting when dealing with interpretation, as the topic, the observations and data, are complex and may hold multiple meanings and realities (Strauss and Corbin, 2008, p.19; Countinho, 2013, p.233-234). Similarly, Amado and Freire (2013)

emphasise the importance of self-reflexivity and being aware of one's own preconceptions as well as the ones resulting from theories (p.123).

It is possible to identify limitations in the methodology of this investigation. At times, the documentation provided by IAC was unclear or lacking, affecting the production of rich information in regard to the biograms and narratives. This is because when a case is referred to IAC from another entity, the information from the case is not always included or existing, and the individual starts on a blank state. Furthermore, the team does not document information gathered from the initial meetings with the youth or other individual/group activities, instead they record the occurrences of these on a data management software with minimal details (aidhound). From my experience it seems that this is a way to protect the privacy of the youth at this stage. Additionally, as the investigator of this report is not native in Portuguese, language was at times a barrier during the interviews itself. Although the researcher does not believe there were any significant misunderstandings, the clarity of the questions and the difficulty in asking prompt follow-up questions were felt. Lastly, due to contextual circumstances such as the time unavailability of some of the participants, interviews were not conducted in the most suitable places (time concern), possibly affecting the presence of the participants and how comfortable they felt answering these questions. However, the impact of these factors seems to be minimal based on the depth of the interview data collected.

### **3.2 The Analysis of Cases: Reasons, Sentiments, Key Aspects of Intervention.**

Once the three case studies were selected (case 1: Linda; case 2: Paul; case 3: Sam), information was gathered through documentation in order to construct biograms and the narrations presented below. As already mentioned, the participants were chosen in order to better understand the runaway experience itself and the reasons behind an escape, including potential risk and protective factors that led to this occurrence, as well as to understand what was done, and how, in terms of intervention. The first section of this chapter is presented with a narrative of each individual case, following an analysis of the point of view of the teen, their mother and their case workers on the runaway experience as well as on some key aspects of intervention. As a reminder, in this part, only key intervention aspects specific to each case will be highlighted,

while the focus on positive and challenging aspects of intervention of IAC will be explored and systematised in the third part of this chapter.

### **Case 1: Linda**

Linda is currently 20 years old and although she has lived most of her life in Lisbon, she and her parents are from Cape Verde, Africa. In Cape Verde, the family did not live together, it was the father who decided to move to Lisbon first, and after some time the mother followed him while Linda joined them at the age of 8. They started off living in the same house but when Linda was 9, the parents separated, and the dad left the house. During this time, a psychological report highlights the fatherly absence in Linda's life not only on a personal level but also financially, as he did not contribute to her education. The SOS-criança report, indicates that Linda never had a close relationship with her dad, being in contact a bit through the phone but not spending much time together. The report also reveals that Linda has always been a temperamental child, but the situation worsened in May of 2017, at the age of 15, when she started being absent from home for 2-3 days but eventually, she would always go back. It is believed that at this time, a friend of Linda, who behaved similarly to her, could have been a source of negative influence. Regarding school engagement, Linda never loved going to school and she had to repeat one year; although her class director was reported being quite involved in her case, Linda kept being very absent from school.

In June of the same year, she attempted stealing from the shop Bershka and consequently, both the police and her parents were called. Due to this episode, and under the 'Educational Guardianship Measures', Linda had to do 25 hours of community service which were concluded with success, still, the CPCJ decided to keep the process open in order to keep the case under observation. After the theft episode, the mom decided to leave Linda to live with her dad. Her behaviour worsened as she started being more absent and on the 24<sup>th</sup> of July she escaped during the night. The event was communicated to Linda's mother but only on the 14<sup>th</sup> of August she referred the occurrence to the PSP and the CPCJ. During the escape, Linda and her mother exchanged messages and calls although these weakened with time. Linda never specified where and with whom she was. In her last message to her mother, she used strong language and said she would never return to her house or her father's. At this point she also blocked everyone on social media. When the report about her escape was written, the mom confided that her

relationship with her daughter was not very close and she did not know who the daughter hanged out with, her social settings or if she was sexually active, but she suspected she might have been involved with older men who supported her financially and that she lived in abandoned houses with other teens who were experiencing a similar situation.

After the theft and runaway episode, in 2017, Linda's mom requested help from IAC and although Linda was reserved and uncompliant at first, she slowly started to engage more and more. Throughout this time, the family was accompanied by a team from 'Santa Casa de Misericordia' and Linda and her mom went to family therapy with an association called 'Estrela do Mar'. Thanks to help of IAC Linda started a new school in 2019, studying 'window-dressing' at the school of commerce. Her engagement improved, especially in learning English as she was motivated to go abroad for an internship as part of her studies. In 2020, as she continued with many recreational activities with the Projeto Rua and her engagement in school was positive, she started a new job.

In 2021, the relationship between Linda and her mom was still difficult and various teams (IAC and Santa Casa) continued to help them in resolving their issues with more or less positive results. Linda moved in with her boyfriend and kept working hard to be able to do her internship abroad. Through IAC's partnerships, she engaged in activities such as Projeto Radar (European study on runaway youths) and was interviewed by 'Radio Belem' to talk about her life and her runaway episodes. In 2022, she concluded her internship abroad as well as her 12<sup>th</sup> degree of study (12 ciclo). Linda now lives in Switzerland with her boyfriend and his family to study and work. She is proud of her achievements and looks back at her runaway behaviour as a time of great confusion for which she feels grateful to have been secure.

### **Linda's Runaway Experience**

Linda reports running away only one time for a long period of time, despite her mom as well as other documents, indicate several runaway episodes of shorter duration. This suggests that Linda is not aware of the exact definition/concept of running away, and instead she seems to link her escape to something with a strong emotional connotation.

*Ahhh não foi bem fugir, fugir...fugir eu fugi uma vez, que eu fiquei um período grande fora de casa. (EIJovem)*

Freedom of movement and independence seem to be important elements for Linda, who justifies her runaway behaviour with the resentment of not being able to enjoy her adolescence. Linda feels repressed, confined and frustrated as she has to stay at home caring for her little sister rather than going out with her friends. Her escape seems to symbolise a rebellion to her wrongful assimilation of a motherly role rather than that of a sister and daughter but also a rupture from the mother-daughter bond, as she looks for autonomy and affiliations outside of the home (Sasser et al., 2019, p.4). It can be argued that these elements are significant for adolescents as the search for independence and freedom of movement have been found in academic research (Martinez, 2006, p.77).

*Foi exatamente, a minha mãe, eu sentia que ela me subcarregava ao cuidar da minha irmã, sentia que não estava a aproveitar a minha juventude por cuidar da minha irmã. Como me dava com pessoas mais velhas que eu, então, basicamente quando tinha 15 anos eu andava com pessoas que tinham 18 anos, eles com 18 anos eles saiam... eu já não podia sair, então fiquei um bocadinho... (ElJovem)*

Linda does not identify with the literature which points to cases of runaway youth living on the streets and adopting dangerous survival behaviours (Carmo, 2010; Sirgado, 2015). As Linda was hosted by friends during her escape, she did not experience unsafety and unpredictability, and rather she was able to experience what she was searching for: freedom and happiness. This may explain the timely duration of her escape as well as, the easiness of the act of escaping, when there is outside support that facilitates it. Although the presence of gratitude, may be a way of acknowledging that it could have been a very different and dangerous experience. Thus, perhaps, being aware of the safety and easiness of an escape may help in making the decision of running away from the current situation.

*Eu fui para a casa de uma amiga, casa do meu pai, casa de amigos, foi sempre assim, nunca dormi na rua... ficava na rua, mas era para ficar lá até tarde, nunca senti a necessidade de dormir na rua [...] O sentimento, que eu sentia naquele momento é que estava bem, porque eu estava livre, estava ótima, estava a fazer o que queria fazer da vida, estava ótima... graças a deus nunca estive em perigo, então para mim estava tudo ótimo (ElJovem)*

*Sim, a minha amiga, a pessoa que eu considero minha prima [...] Ela é que me ajudou muito, porque ela como vive só com o pai, e pai dela, sempre me conheceu muito cedo, então não teve aquela, aquela coisa de “ai ela está a fugir de casa”, ele sempre pensou que eu lá estava [...] nunca me cobrou nada por ficar lá, ajudaram me muito (ElJovem)*

As seen, Linda also highlights the values of proximity and having a non-judgemental attitude as providing for a positive experience during an escape. This is important when considering that literature highlights that fear of judgment is a common obstacle in accessing help in all stages of an escape (Miyashita et al., , 2021, p.79). Although it is not clear to what extent Linda's friend helped her in returning home or in asking for professional help, the safety and positivity found in this environment allowed time for Linda to gather her thoughts, experience what she felt was missing and gather a new perspective.

From Linda's experience it is understood that, as teenagers seek independence and greater sociability outside of the home, rebellion from imposed roles that do not fit this view can occur leading to runaway experiences that may be facilitated by factors of safety and easiness.

### **Linda's Mom View**

It is important to give voice to Linda's mom, as she has seen Linda grow up and change from a calm to a problematic teenager, highlighting changes in attitude, less permanence at home and search for freedom, due to the birth of her second child. At the time of Linda's escape, the difficulties perceived by her mom might have been caused by what Bronfenbrenner (1979) explains as the "ecological transitions-shifts in role or setting" – the emotional and behavioural changes of a person due to a change in role or setting, which inevitably lead to alterations in the family dynamics as other members in turn also adapt (p.6). The changes in family dynamics coupled with Linda's search for independence might have been the cause of, or intensified by a relationship lacking "interaction, affection, attention, stimulation, contact, acceptance, play" (Reis, 2009, p.123). Nevertheless, the intersection of these possible aspects leading to a weaker relationship between mother-daughter, can create an environment of risk that in turn can lead to runaway behaviour.

*Alguns anos atrás eu descreveria como uma miúda muito problemática, muito complicada ... Até antes dos 13 era uma menina muita calminha, portava-se bem era maravilhosa, mas depois dos 13 anos... Depois nasceu a irmã, saiu para o torto, começou a complicar a não aparecer e casa...e...depois nesse...porque ele tomava conta da irmã e já não tinha tempo para passear e conviver com os amigos, então o caminho que ela encontrou era fugir para libertar ... porque, ela dizia: "Não sou mãe, não tenho de tomar conta da minha irmã" (EIMãe)*

Even though a complex relationship has been identified between Linda and her mother, Linda's mom reports feeling very worried by Linda's absence, displaying strong sentiments of care. To notice also, is the mother's preference in contacting professionals over friends, as the latter carry unwanted judgment. This exhibits a strong willingness to seek help, however as this might not always be the case, it also shines a light on the possible obstacles in dealing with the topic of runaways, as stigma may deter someone from seeking further, professional help. However, it has to be noted that Linda's mother did not reach out directly to IAC – the responsible entity in Lisbon to deal with runaway and missing children. This suggests the lack of knowledge on the appropriate organisation to contact in case of need. Thus, as seen, an important aspect to work on is the availability of information for how to deal with runaway cases, especially as knowledge may be lacking, and/or support may be originating from people who lack professional competences, aggravating the situation by inputting judgemental attitudes.

*Foi medo, foi a preocupação, cada batida na porta pensava que era a policia, cada número, cada chamada, de um número desconhecido ficava com aquele medo [...] Eu não meti a família porque, a família por vezes não ajuda. Só falavam: “não deu educação para a sua filha”, portanto eu achei mais certo, pedir ajuda na CPCJ e que fizeram alguma coisa. (E1Mãe)*

Regarding the intervention provided by IAC, as their mother-daughter relationship was identified as difficult, Linda's mom highlights what the team meant for them and particularly for their communication struggles. This is important as lack of and poor communication in the family have been linked to runaway behaviour (Holliday et al., 2016, p.248). Arguably, parents who lack communication skills may unwillingly be reflecting elements of carelessness and disapproval, misunderstanding their children. Furthermore, when dealing with stress and issues, they might lack the competences to engage in productive and healthy strategies, engaging instead in practices of negligence and oppression, leading to further risk.

As seen, IAC's persistency in finding strategies of communication in this case, helped them improve their bond and better understand each other, highlighting the importance of communication as a tool in intervention, and in possible prevention of runaway behaviour.

*Antes de conhecermos o IAC, nós nunca chegávamos uma a outra então com a chegada do IAC... então gerou isso mais tarde... a chegar um bocadinho uma a outra, a conversar porque ficávamos dentro de casa vários dias sem falar e depois a Sandra estava sempre: “você tem que falar, mais isso mais aquilo, tem de deixar orgulho, porque mãe e filha são iguais, nem uma nem*

*outra dão mão a torcer, vocês tem que falar” e ajudou muito, ajudou na questão de falar de entrar em contacto com outro. Foi bom, ajudou (E1Mãe)*

To summarise this perspective, it can be said that the difficulties felt by Linda’s mother could have been caused by Linda’s behavioural changes due to the shift in her role as a daughter to that of have carer, affecting the whole dynamic of the family, and weakening their relationship. This might have been intensified by Linda’s stage of development as teens seek more autonomy. Furthermore, intervention needs to address issues involving stigma and outreach. Lastly, what stood out as a positive factor in intervention was the promotion of communication within the family.

### **IAC’s Intervention with Linda**

The case workers reflect on the key positive aspects of this case, identifying those of perceptivity, adaptability as well as of offering a non-judgemental and calm environment. Having insight into runaways’ needs as well as being flexible, are important elements because research identifies runaways as a heterogenous target group with uniqueness to their backgrounds and needs and who thus are not suited for a ‘one-size-fit-all’ intervention (Jeanis et al., 2018, p.184-185). Creating safe and non-judgmental spaces, apart from being crucial environments after having faced trauma and the like, also promote the values of confidentiality and trust and are important for keeping runaways engaged and positive about the intervention process (Slesnick et al., 2009, p.741).

*A Linda estava, mas não se podia dirigir um olhar, uma palavra, porque ela fecha-se sobre si, metia os cabelos para a frente e foi assim um bocadinho difícil, ela confiar em nós e que estávamos ali para ajudar e não iríamos preender, nem julgar nada. (EAS1)*

*Em vez de falar, a vezes eles davam uma folha de papel, branco e diziam “o que vês aqui?” e basicamente o que a pessoa faz, a pessoa vai dizer o que vai na cabeça, desenha o que esta a sentir no momento. Pelo menos comigo, como eu não gostava de falar, elas faziam estes tipos de jogos comigo, porque as vezes as cores dizem muito sobre o sentimento da pessoa (E1Jovem)*

On a similar line of thought, the workers highlight another key factor in Linda’s case, namely finding a balance between persistently being by her side but without putting too much pressure, and instead allowing for her own self-work to take action. This intervention technique is supported by Karabanow et al., (2004), who believes workers should enable a safe space where the fostering of their own abilities is promoted according to their own time (p.94). This is once

again related to the uniqueness of experience of each runaway youth and the importance of allowing for time to build trust and disclose of one's issues, motivations for escape, trauma and needs.

*Porque elas sempre foram muito teimosas comigo. Eu era um bocadinho do contra, elas nunca desistiram de mim, estavam sempre lá e até hoje temos uma relação boa, porque elas nunca desistiram de mim. (EIJovem)*

*Um ponto fulcral, [...], mas a postura que a equipa tem de não pressionar, cada um tem o seu tempo e por exemplo, se fossemos demasiado chatos na altura, em que ela vinha e não participava, ela podia ter-se ido embora e perdíamos a Linda. Esta questão de dar espaço para que a pessoa se exprima mais cedo ou mais tarde, respeitar o timing de cada um. (EAS1)*

Moreover, financial support was a key component of this case's intervention. As seen, this helped Linda and her mom ascertain their respective (healthy) family roles - as a mom taking care of her new-born, and as a teenager fostering independence through her studies, work and spending time with her friends. This points to the broad needs of a family, not always internal such as the communication issues determined above, but also external, deriving from the structures of society and the financial strains affecting disadvantaged communities. As financial strain is identified by the literature as a possible cause to behavioural issues in youths, intervention should not only come in the form of financial support from organisations but also be targeted at improving antipoverty policies (Smyth & Darmody, 2021, p.93).

*Essa CPCJ também acionou uma equipa de muita proximidade, [...] Com a entrada dessa equipa, à aqui um suporte financeiro a esta mãe, que lhe permite ter outro tipo de horário e maior proximidade em casa, em horas mais comuns, digamos assim não é. (EIAS)*

Therefore, from the perspective of the workers assigned to this case it can be highlighted that intervention should be flexible, unique to everyone, and it should avoid judgment in order to enable a safe space. Furthermore, the professionals should be patience but also persistent. Another important feature of this case's intervention was that of financial support, highlighting the importance of multidisciplinary intervention and considering the whole picture.

## Case 2: Paul

Paul is a 15-year-old teenager from Portugal. He lives with his mother, 3 brothers and sisters, grandmother, and cousin. He is frequenting the 7<sup>th</sup> school cycle for the second time. According to a psychological report Paul has had a learning disability since birth, aggravated by behavioural difficulties developed in relation to the absenteeism of his father who left him and his family when Paul was around 9-10 years old. According to a report, Paul was hopeful for his return and waited for a year, which then turned into a rebellion. Paul has been accompanied by a child psychiatrist since the age of 5 and has also taken medication for most of this time, recently though the doctor has deemed the medications ineffective and has stopped prescribing them. Still, as of last year, Paul sees a psychologist from IAC.

Due to his learning disabilities Paul has never been quite interested in school, a journey characterised by with low academic achievements and high absenteeism. Moreover, Paul's peer group seem to play an influencing factor in his decision making. Reports and professionals mention rivalries between his friend group and others', demonstrated by the fact that the team cannot bring Paul to 'Colombo shopping mall' in Lisbon, out of fear of encountering some undesirable people.

In 2022, Paul's mom found a revolver in his room, and as she couldn't get answers from him, warning the involvement of the police, he escaped and did not return home for a few days. The police were contacted and as a result the educational accompaniment measure already in place from 2020 was extended, furthermore the Protective measure was considered but as of November 2022, it was still awaiting a process. During this year there was also a claim of the involvement of Paul in a mobile phone theft. Documentation reports that Paul's mother believes he is involved in delinquent groups as well as she suspects he is misusing substances.

Another aspect highlighted by documentation, is the mother-son relationship between the two, as well as the mother's emotional state and to what extent this has an effect on him. Paul and his mom seem to share a close and affectionous relationship with each other, the mother however, has been reported having a natural depressing and worrying mindset. Her depressing state worsened when Paul misbehaved at school, during the runaway episode and now more recently, with the sickness of her own mother and their precarious economic situation in which they might have to leave their current house. It is unknown to what extent her emotional state and stressors are affecting Paul's internal and external behaviour, although it might be something to take in consideration.

After these incidents, recreational and educational activities with the CDIJ as well as with sessions with a psychologist from the ‘consultorio social’ of IAC have been involved in Paul’s case. Although school engagement is still low, he has showed great interest in the professional side of baking and has currently been able to prove his commitment interning at a bakery in Lisbon arranged by CDIJ’s team.

### **Paul’s Runaway Experience**

Paul explains his runaway experience was triggered by his mom’s discovery of a revolver in his room and particularly, by the fear of police involvement. The fear of involving an authoritarian figure has been identified by research and is linked to other fears commonly experienced in the past, namely of stigmatisation, of judgment and of not being trusted (Miyashita et al., 2021, p.79). Arguably, the involvement of the police also represents unfamiliarity, intimidation and possible punishment, factors highlighted as obstacles in asking for help (ibid, p.80). On the other hand, Paul who at the time of his escape was already involved with the work of IAC, also reports distrust in asking for their help, highlighting the challenges in building trust with adults, and the ideals that authoritarian figures emanate, stressing the need to work on dismantling these preconceptions whilst promoting ideals of honesty and positivity (Miyashita et al., 2021, p.13).

*porque tinham encontrado uma coisa na minha casa e eu não sabia o que fazer, então eu saí...fugi (E2Jovem)*

*Nesse momento com o IAC, eu não pedi ajuda nem nada, só pedi amigos assim, porque eu não sabia se o IAC, faria tipo dizer onde é que eu estava. (E2Jovem)*

Paul seems to have relied on a variety of resources during his runaway time, including the support from friends, yet he also points to unspecified places which he does not want to disclose, stressing the difficulty in knowing exactly how runaways “survive” outside of their own home. It may be as research explains that he engaged in “survival behaviour” including criminality, affiliation with gangs and other dangerous acts, which may have put him in greater risk or aggravated his trauma (Social Exclusion Unit, 2002, p.18; Martinez, 2006, p.81-82). Due to Paul’s known affiliation with gangs, his runaway experience seems to reflect a mixture between a child “of” the street and a child “on” the streets (Sirgado, 2015, p.34). In fact, he unexpectedly breaks off from his family finding himself in an unpredictable situation, but at the same time, as he has already developed connections and rooted himself with peers commonly associated to the

street life (gangs), adapting to their ways of being, and thus refusing to come to terms with issues related to his own family.

*3 a 4 dias [...] Tava tipo, perto da minha casa, mas estava noutra sítio [...] De alguns amigos, durante o dia ficava lá e durante a noite ia para outros sítios [...] [Amigos] Alguns deram comida, sim... sítio para ficar (E2Jovem)*

From Paul's view the fear of authorities and the difficulty in building trust with adults and/or professionals, have been highlighted. Moreover, unclarity in knowing exactly how runaways sustain themselves during an escape has also been accentuated and as it will be discussed later in further detail, it is a current challenge faced by the team of IAC.

### **Paul's Mom View**

Paul's mom highlights and important factors to keep in mind in this analysis, namely Paul's attention deficit, identified at an early stage in his life. This is important as Fonseca (2004), identifies attention deficits and hyperactivity - often related to learning difficulties and low engagement in school, stress and inadequacy in life - as characteristics of children and teens at risk (p.23). Furthermore, the mother's description identifies gender related challenges in the disclosing of one's issues as she believes Paul was having difficulties in opening- up to a woman. This topic has not been highlighted in this report and should be examined in future studies. As observed, personality traits and gender related questions needs to be considered in intervention.

*Porque está a ser seguido no hospital por causa de défice de atenção que ele tem e tinha psicóloga também no hospital e depois mais tarde, como viram que no hospital não se abria assim muito... se calhar era mulher, mandaram-me para cá que é para poder ter um psicólogo homem ...que se calhar ele abrisse mais (E2Mãe)*

Once again, IAC was not contacted on a first-hand basis, further stressing the need to inform the public on their services. Through this observation, it can also be deducted that Paul's mom has a limited awareness of Paul's life, particularly with who he spends his time with. Lack of communication, interest, monitoring in the relationship as well as Paul's distancing himself from the family, might be reasons for this. These factors, as already discussed, have the ability to lead

to risk (Holliday et al., 2016, p.248). Communication is therefore once again stressed as significant in establishing a healthy and risk-free relationship within the context of the family.

*Tive ajuda das minhas irmãs, amigas tentamos saber onde ele estava, tentamos em contato com alguns colegas que nós conhecemos, porque eu conheço poucos colegas dele. (E2Mãe)*

From this point of view, it is possible to identify a risk factor relating to biological predisposition, namely attention deficit, that may lead to difficulties in life. Moreover, communication and outreach were important aspects of intervention once again stressed whilst the need to consider gender in intervention has been suggested for future studies.

### **IAC's Intervention with Paul**

The intervention which has taken place is multidisciplinary, as the team has helped both Paul and his mother in various spheres of life, as seen in the example, in the areas of education and housing. Research as well as the ideas of the ecological perspective, promote a well-rounded intervention and identify it as crucial since risk factors occur in the microsystems, mesosystems and macrosystems of a person. The first risk identified is related to Paul's general disinterest in school partially caused by his attention deficit. As school engagement may be particularly challenging for a teen such as Paul, IAC tries to engage him in a practical and professional experience, hoping to bring joy and inspiration into his life and promote a sense of autonomy and belonging. As suggested by the literature, allowing runaway youth to foster a sense of autonomy is important for their positive development, as it can lead to the accomplishment of personal objectives that in turn increase motivation (Gwadz et al., 2018, p.213).

The second risk is related to the family's housing instability, an important aspect to consider as research points to the relation between socioeconomic insecurity and stress (Ellis & Dietz, 2017, p.87; NHS, 2018, p.15). Once again, this shines a light on structural obstacles, in this case, at the affordability of housing, an issue that civil society has limited solutions to. This tells us that although the professionals are aware of the various needs, supporting in a multidisciplinary way, the intervention is somewhat restricted to the limits imposed by the structures of society.

*Foi identificado várias necessidades neste atendimento, tanto no agregado como no jovem. No agregado reparamos que habitação era uma, instabilidade, onde conseguimos iniciar processo na habitação social, pois ainda não esta resolvido. Na parte do [Paul], desde trabalha*

*competências em atividades, mas também ajudar aqui na formação formativa, uma vez que o jovem se encontrava em absentismo escolar (E2AS)*

*Sim, está a fazer atividades e através dele conseguiram uma pastelaria onde Paul vai tentar aprender, onde ganha mais vontade de ... acabar o curso que ele está a tirar... (E2Mãe)*

The social workers highlight the sense of desperation and the inability of Paul's mom to deal with the runaway episode and the instances related to it. Demonstrating the importance of intervening with a focus on the young person as well as their families and in providing with sufficient tools to find a joint and empowering solution.

*Pouco a pouco tem se aproximado da equipa e sente aqui um ponto de apoio e procura-nos frequentemente [...] Tem sido uma pessoa colaborantes e interessada, também muito desesperada. Por isso as formações são importantes para ver um novo leque de possibilidades e de alternativas que pode usar aqui na relação com o Paul (E2AS)*

The difficulty in building trust, is highlighted in this case. Although this report does not focus extensively on the topic of gangs, Sirgado (2015) mentions that street children tend to create their own subculture with their own rules and conducts (p.48). As this may be the case with gangs, it can be extremely difficult for professionals to break through these relationships and encourage the construction of a different bond with them. Especially when considering that internalisation of problems and delinquent conduct are found to be higher in communities in which gangs are more widespread (Smyth & Darmody, 2021, p.87). Meaning that Paul's association with gangs might be making it harder for him to disclose and built a relationship with the team.

In this context, the literature proposes addressing crime, enhancing education and employment opportunities, and promoting activities and sports that offer positive role models, as intervention methods (ibid, p.94). This underscores the need to focus on other methods to manage runways who are part of unhealthy networks, such as with gangs. As seen, these are strategies IAC is engaging with, namely the group activities and the previously mentioned bakery opportunity.

*Se calhar estabelecer certos contactos com o jovem, no início e conquistar a confiança do mesmo, acho que foi o ponto mais difícil, porque ele não nos conhecia de lado nenhum e devido ao historial que ele tem as rivalidades de vários gangs, cria aqui uma resistência, algum medo, desconfiança e vir ao encontro de duas pessoas estranhas foi um bocado difícil. Não atendia o*

*telemóvel, responder às mensagens. Foi o ponto mais desafiante, foi estabelecer uma base de confiança. [...] Que ainda não está contruída, ainda estamos nesse processo, eu acho. (E2AS)*

Although there are challenges in achieving positive results from these strategies, the key positive aspects that can be drawn from this case are that intervention is multidisciplinary, family focused and oriented towards building healthy life projects for the youth.

### **Case 3: Sam**

Sam is a 15-year-old boy from Portugal who lives with his parents and five brothers and sisters. Due to lack of information and documentation on this case, little is known about his childhood or remarkable moments while growing up. The information that is provided is that around the age of 12/13, Sam was accused of sexual misconduct and referred to the DGRSP which opened a process. This led to his referral to IAC, as he started being accompanied by the psychological department. Consequently, the psychologist referred Sam to Projeto Rua and he started social activities with the CDIJ team. Due to his low interest in academia, the school requested a psychological evaluation, performed by IAC's psychologists, showing that lack of motivation and low academic performance were due to emotional issues. One day in August after an activity he did not return home until the next day. He later explained to the team that he slept at a friend's house, but he had no justification for his behavior. In the autumn of 2022, his motivation for school has been low and he continued misbehaving in class. He also entered the girls' bathroom, triggering the attention of the school director and involving the intervention of IAC. Although the information on his legal procedure is lacking, Sam continued with recreational and educational activities with IAC during the time of this internship.

#### **Sam's Runaway Experience**

To provide context, Sam was expected to return home after an activity with the CDIJ team. However, as he was late, he decided not to go home and did not inform his mother. Immediately after the escape, he did not present a justification, during the interview he justified his action due to the fear of returning home to an unsafe situation, namely the physical and verbal mistreatment from his mother. As abuse had occurred before, depending on the duration and intensity of the abuse, Sam may have experienced trauma or ACE, impacting his emotional health (NHS, 2018,

p.11). This situation comes close to being identified as a situation of danger according to the guiding references of the LPCJPP (as seen in art 3. (b) suffers physical or psychological maltreatment; (e) is subject, directly or indirectly, to conduct that seriously affects his/her safety or emotional stability) (Antunes, 2020, p10). His escape or more precisely, his avoidance of returning home for fear of punishment or other possible danger, is common within runaways, as research identifies that physical and psychological abuse and neglects, are risks characteristics of families of runaway youth (Holliday et al., 2016, p.248).

*Na altura tinha medo de que a minha mãe me batesse, porque ela, já algum tempo ela batia-me e metia-me de castigo e com aquele medo de ir para casa e me metesse de castigo e me batesse. Eu não ia para casa e mesmo fugia. (E3Jovem)*

Sam relied on the support of a friend, yet a sense of struggle in the unpredictability of living away from home can be felt. Furthermore, the escape intensifies a sense of guilt and remorse rather than that of freedom, perhaps highlighting a wish to have engaged with the situation differently. His sense of remorse might be directed to him being late in the first place, and the decision of not informing his mother. Yet, the fear of returning home is common amongst runaways who are often met by punishment, negativity, and parents who discount the chance to talk, increasing the risk of further runaway episodes (Social exclusion unit, 2002, p.56; Miyashita et al., , 2021, p.107). Research highlights the importance of care, positivity, and communication in order to try identifying needs and motivations for the occurrence (ibid).

*Não cheguei a ficar na rua, a noite toda ou o tempo todo...dormi na casa de um amigo meu e as vezes ficava no prédio a dormir lá. [...] Senti-me mal, ao longo do tempo sentia que não devia ter feito isso. (E3Jovem)*

*Como é que como é que se sentiste quando ele voltou? [...] [Mãe] Ralhei (E3Mãe)*

Regarding the intervention, Sam highlights the opportunity to meet new people and share experiences with them. According to research by Karabanow et al. (2004), group activities can lead to increase in confidence and sociability, as well as better problem-solving and decision-making skills (p.103). Additionally, peers tend to be less judgmental and more skilled at listening, offering confidentiality and trust (ibid, p.102).

*Essas atividades ajudaram me mais para sair de casa para conhecer novas pessoas e ... eu consigo fazer atividades logo rápido com as pessoas, [...] estou a gostar. (E3Jovem)*

Sam recalls that as he was late after an event, the fear of returning home to abuse made him decide to spend the night away. This stresses the importance of informing parents on positive responses upon returns of runaways. He also appreciates the sociability he has gained from IAC's activities.

### **Sam's Mom View**

Risk factors are highlighted by Sam's mom, namely hyperactivity and concentration deficits. Yet in addition to the consequences of risk above mentioned, Sam may have felt a conscious or unconscious pressure to match the good behaviour of his siblings, further contributing to his emotional and mental issues. Furthermore, the mother also suggests complications in school due to these deficits, highlighting the importance to address his educational needs and concerns, as he might be at risk in the scholarly context.

*Desde pequena sempre vi, que ele ao contrário dos irmãos sempre foi uma criança mais agitada porque, ele pulava todos os muros não tinha medo era desenvergonhado e pronto aí notava logo que ele era diferente dos irmãos (E3Mãe)*

*E faz também uma medicação para concentração porque ele também tem um déficit de atenção que às vezes em termos de escolar não ajuda (E3Mãe)*

Sam's mother confirms her abusive attitude of the past, however this report wants to note her inability to manage a new and complex situation, as well as the exacerbation of it due to condescending influences from the school to control her son. This demonstrates the existence of stigma and the possibility of uniformed individuals and entities who are unable or unwilling to consider the entirety of the situation, to cause more damage than betterment. It also stresses the importance of IAC's team in providing with sufficient tools to engage in positive parenting.

*Eu batia lhe porque, eram muitas queixas, também não sabia lidar com esse tipo de situações porque eu, eu vim de Angola, eu tive uma educação muito rígida [...] porque eu apanhei muita porrada, aí posso dizer até fui mesmo maltratada, mas, não era isso que eu queria passar para o meu esposo, meus filhos, mas simplesmente eu já não sabia mais o que fazer. A gente falava, falava, falava e depois a escola fala conosco e começa a pôr em questão a educação dentro de casa. (E3Mãe)*

Regarding the intervention, she believes that the positivity emanated by the team and their ability to let things happen naturally, allowing space for the children to decide for themselves, without

pressuring them as well as active listening to everyone involved, is what is working well in the intervention.

*Tem sido muito boa, muito positiva porque eles, só não ajudam as crianças, como também ouvem os pais ou as mães, eles também ouvem o nosso lado não impõem nada é tudo muito natural tudo muito simples, eles dão as propostas e a gente aceita ou não aceita [...] às vezes a gente está a ver de uma forma negativa e ela já vem de uma forma positiva e eles respeitam mesmo muito o espaço também dos jovens. (E3Mãe)*

From the mother's perspective it can be underscored that hyperactivity and concentration deficits are personality traits that may have put Sam at risk, both at home as well as at school.

Furthermore, the abuse might have increased due to the pressure from her social environment when a new and difficult time arose. Her view on IAC's interview is optimistic due to the elements of listening, respect and positivity as well as the collaborative approach in including both the youth and their families.

### **IAC's Intervention with Sam**

In the case of Sam, the intervention focuses in creating a space in which he can meet people, engage in socialisation and create relationships in which he can feel safe to disclose. On this latter point, there is arguably more work to do as Sam did not reach out to IAC during his escape and struggled to open up and justify his actions afterwards, reflecting a lack of trust and/or of responsibility for his actions. In fact, the team seems to be focusing on the latter, hoping to enhance personal growth and maturation.

*Teve também um esclarecimento jurídico um bocadinho mais formal para poder perceber tudo o que ele faz, tem consequências e tendo ele com um processo destes as consequências podem não ser tão boas se ele não se portar adequadamente nas situações (E3AS)*

*...e foi aí que ele foi aprofundando que a relação também com a técnica, nestas saídas, nestas partilhas das coisas, nestas conversas, mas foi muito importante para ele, porque se não estava preso em casa (E3AS)*

The case workers identify the easiness in collaborating with Sam's mother due to her openness and availability. This can be beneficial, as reaching confidentiality with family members can reduce certain contextual risk factors, especially belonging to the family environment as seen in this case. As already mentioned above, parents' involvement in the intervention is important to be more engaged in the youth's lives. Furthermore, research suggests that a good relationship

between the professionals and the parents, is characterised by openness and accountability, and in particular, respect for each other's' expertise (Gallagher et al., 2012, p.82).

*Olha eu vou ser sincera eu não senti dificuldade em nada, porque a mãe estava numa situação tão aflitiva, não saber o que fazer, não saber onde pôr o filho que ela abertamente falou connosco, nós mostrámos-lhe as possibilidades que poderia haver e outras situações que nós tivemos sucesso e a Senhora aceitou e nunca senti que ela nos mentisse. (E3AS)*

Given that Sam's history of risk was experienced prior to his involvement with IAC, this case also underscores the early lack of collaboration between the case workers, Sam and his family, as well as with his psychologist - who might have possessed information on these abuses - in addressing family issues and identifying their needs. Although the case workers suggest improvements on this aspect have been achieved, and stress the need to promote parenting skills further, perhaps more work should have been directed on an earlier stage of intervention, making sure to create a safe space for communication.

*a uma dada altura tentámos incluir a mãe na formação [...] acabou por não esta recetiva e acho que é uma coisa que podemos tentar insistir porque, [...] a mãe também em princípio terá que alterar aqui algumas atitudes [...] Foi mais de castigos e castigos corporais, ou outras realidades que não são a realidade portuguesa. As pessoas, herdaram isso e depois acabam por querer também aplicar... (E3AS)*

*A nível da pedopsiquiatria também, tentamos nos envolver, mas, também não... pronto não ...eu acho que não é falta de recetividade, são tantos miúdos que é difícil também andamos aqui em conjunto articular (EAS3)*

The intervention has focused on building a relationship of trust with Sam and in educating him on competences related to responsibility. The emphasized positive aspects of the intervention have been the sincere, collaborative and respectful relationship between the mother and the case workers, which has allowed for openness and easiness in intervention. Whilst the challenges have pointed to a weak management of family issues, especially in detecting Sam's fears as well as in the encouragement of healthy parenting skills.

### **3.2.1 The Common Reasons for Runaway Behaviour & some Key aspects of Intervention**

In order to answer some of the established study objectives of this report, this paragraph aims to identify and systematise the common reasons for runaway behaviour through multiple perspectives as well as identify the intervention performed in these three cases.

There are various reasons why young people run away, one possible reason is a change or weakening of the mother-son bond, which could be caused by ecological transitions such as shifts in role or setting, or by the common desire for independence that many young people experience. Weak family bonds may also be caused by low parental involvement and communication struggles. Although each young person's runaway experience is unique, having non-judgmental friends to rely on for safety may make it easier to make the decision to escape. However, it is unclear to what extent other resources were used during the escape. Fear of adults and authoritarian figures, as well as the possible consequences associated with them, are significant factors in both running away and returning home. This suggests the need to promote values of confidentiality and positivity in relation to social services, including educating parents on the benefits of welcoming their children home with warmth. As demonstrated, there is no one, independent reason for escape, as multiple factors seem to be influencing each other, increasing the urge to run or affecting a hasty decision to act. Having weak and uncommunicative relationships with one's parents seem to be a common factor which leads to runaway behaviour as well as negatively influences the act of returning home. During an escape, friends were an element of support and safety commonly shared, highlighting the need to address the issue of runaways by spreading awareness and working together with young people on a wider societal level.

Furthermore, although the key features of the intervention of IAC will be analysed in further detail in a later section, through this case-by-case analysis, it is possible to determine some of the more common positive and challenging aspects of intervention. Consistent with the literature, the positive key aspects of intervention highlighted in this analysis include the creation of a strong relationship between professionals and young people, as well their families. In fact, collaborative relationships with their mothers based on mutual respect and shared expertise were particularly emphasized. Relationships must be characterized by traits such as patience, non-

judgment, closeness, attentiveness, and a balance between persistence and lack of pressure. The analysis also emphasized the distinctiveness of each case, underlining the importance of employing flexibility, as well as multidisciplinary and comprehensive intervention strategies. In fact, as seen, the many layers of a young person's life, including the individual (skills, personality), family (communication), community (work and educational support), societal (socioeconomic support) were addresses, following the values of the ecological perspective. Specifically, the focus has been on developing essential skills and values, communication skills between runaways and their families, enhancing parental competencies, and promoting the autonomy and individual growth of young people through the creation of educational and employment opportunities. Furthermore, although limited to an extent, intervention efforts were targeted at socioeconomic needs, such as housing instability and financial strains, which are known sources of risk.

On the other hand, the common challenges of intervention faced by case workers, are relate to the difficulties in establishing the aforementioned relationship of trust, as it requires a balance of patience and persistency, and a significant amount of time. Additionally, the results underlined the need for outreach work, as a general lack of knowledge on IAC's existence was identified. This is particularly important considering the issue of stigma and education of runways deriving from settings close to the families and affecting their decisions. Moreover, collaboration in needs assessment is highly recommended, particularly with psychologists, to enhance understanding of family complexities. Lastly, the limited and unavailable resources caused by the societal context, are further challenges of intervention. Being aware of these difficulties, namely of trust, communication, and cooperation can lead to better prepared case workers, increasing the overall efficiency.

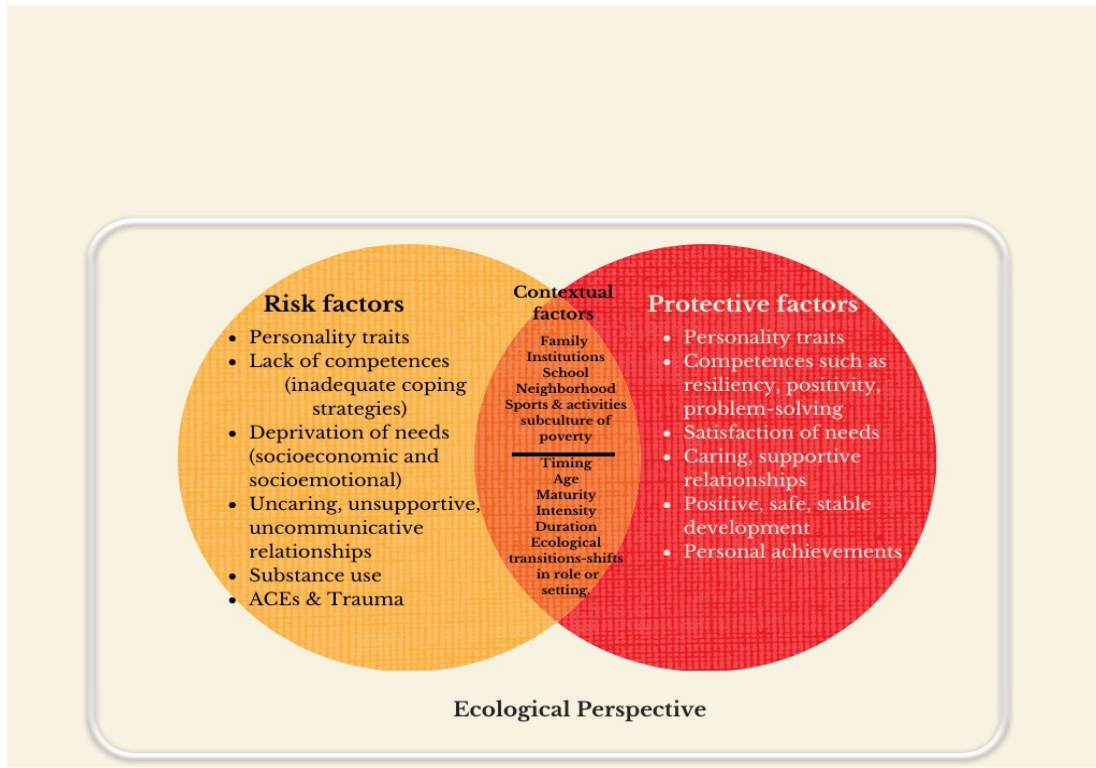
The case-by-case analysis has brought a better understanding of why youths engage in runaway behaviour. It has also demonstrated positive aspects of intervention as well as challenges that IAC's team encounter in their work. Efforts to address these shortcomings may be adopted to guarantee more successful prevention strategies and a more efficient access to services.

### **3.3 The Risk and Protective Factors of Runaway Youths based on the Case Studies**

In the previous section, the reflection began with the observation of the three cases and an analysis of the common reasons for escape, as well as the intervention occurred. This section will use the three cases to identify and analyse the general risk and protective factors of runaway youths.

Risk factors which may range from biological and personality traits, lack of skills, unsatisfied needs, and trauma, enhance the likelihood of compromising the health and wellbeing of a person. The gravity and perception of risk depend on factors like intensity, duration, amount, and source, along with individual factors such as age, maturity, and biology (including protective factors). Protective factors, like resilience and positive relationships, decrease risks and promote wellbeing. Due to the intersection of these factors, establishing a clear cause-effect becomes difficult. Nevertheless, following the ecological perspective, risk and protective factors are present at individual, family, community, and societal levels, which necessitates a comprehensive approach to intervention. The image shown below, serves as a reminder of what the literature says about risk and protective factors (Figure 4), and it demonstrates, based on the ecological perspective, the intersection of risk and protective factors with contextual factors.

Figure 4: The Intersection of Risk and Protective Factors



(Source: created by the author)

In the next paragraph, the following risk and protective factors will be analysed: stress and behavioural issues due to ecological shifts in role/setting; possession and lack of certain individual traits and competences; risk and protection found in family relationships as well as in the context of the school; protective factors in sports.

### 3.3.1 Risk: New Environments, Parents' Separation, and New Family Members

Changes in environments and in family structures, as already mentioned, referred by Bronfenbrenner, (1979) as “ecological transitions-shifts in role or setting”, may include moving to a new country, the welcoming of new member to the family, or the separation of parents (p.6). Research identifies these changes as possible sources of stress which can in turn influence one’s experience of risk (Social Eclusion Unit, 2002, p.12). In fact, the study of Smyth & Darmody (2021), found a strong correlation between teenagers’ behavioural issues and situations of newly separated parents or of one-parent families (p.86). Furthermore, the NHS (2018) also identifies parental separation as a possible stressor that can amount to a degree of ACE and trauma (p.9).

These changes were experienced by all three young people of this study; Linda's parents separated, Paul's father abandoned the family and Sam newly experienced the birth of his baby sister.

*nasci em Cabo Verde, vim quando eu tinha 8 anos, vivi com a minha mãe e com o meu pai, durante mais ou menos 1 ano em Portugal, depois eles divorciaram-se, depois passado mais ou menos uns 4 anos a minha mãe teve um namorado que herdou uma irmã minha. (E1Jovem)*

*Os momentos mais marcantes? Um deles foi quando o meu pai foi embora, fiquei mal com isso. Fiquei triste, mas depois com o tempo fui me habituando. (E2Jovem)*

The mothers identify significant changes to their sons' conduct as a response to contextual changes, indicating the youths' poor coping strategies to deal with stressful and negative situations, a risk factor detected by Fonseca (2004, p.24). How these changes affect the teens is unique to each case as it is due to personal and contextual factors. These will be described as the analysis progresses.

*já não brinca como antes, mas, quando passa aquela raiva que ele tem as vezes brinca. Também isso tudo vem também de uma certa digo assim revolta, depois da ausência do pai. Eu percebi que ele começou a ficar assim um bocadinho jamais tipo agressivo (E2Mãe)*

*quando ele fazia essa mudança de alguma, mudança que seja de escola ou de coisa, como se ele explodisse prontos. (E3Mãe)*

Therefore, ecological shifts in conjunction with risk factors, especially the lack of skills in order to cope with these new situations, may have led to the experience of behavioural issues in these youth.

### **3.3.2 Risk: Development and Maturity**

Risk is temporary, incremental, and dependent upon factors such as age, amongst others (Martins, 2004, p.13; Reis, 2009, p.153). Research shows that age and maturity play a significant role in how one experiences a negative or difficult situation. In fact, younger children who have less maturity and autonomy, experience these more severely compared to older children who have a stronger ability and knowledge to access resources to protect themselves (Martins, 2004, p.23). Although resilience and self-knowledge (the understanding of one's needs, the ability to protect oneself from negative and harmful aspects, even people) can grow with time and as one matures (Williams et al., 2001, p.9-10), the youths in this study and at this point of time, seem to

be lacking these skills. As seen, then the team is addressing these deficiencies and working on helping them assess negative and positive aspects of their lives and personalities, redirecting them to a constructive path.

*Agora como jovem, está a tentar acertar a personalidade dele. Está mais calmo porque tem tido as ajudas. (E3Mãe)*

*Não é que não ajude, mas ao longo do tempo estou a ficar mais velho e a perceber as coisas, o que faço se for fugir. Está-me a entrar na cabeça as coisas que não devo fazer (E3Jovem).*

*Acho que os comportamentos e a melhoria não sou do da medicação, mas também do procedimento dele, eu acho que ele também foi crescendo um bocadinho, amadurecendo vendo que não pode fazer certas situações ou não pode ir mais além. (E3Mãe)*

Furthermore, adolescents tend to become more at risk, as relationship with their primary caregivers weakens, due to the search of autonomy already mentioned (Sasser et al., 2019, p.4). As according to Miyashita et al., (2021) runaway youth want to “be part of a social fabric” (p.84), by spending more time outside of the home, they might get associated with gangs and street life more easily, a combination that leads to enhanced risk. Interestingly, Smyth & Darmody (2021) found that teens who have a large friend group, display higher externalisation of issues, school misbehaving and general disruptive behaviour. These behaviours are interpreted by the author as ‘showing off to an audience’ (p-74).

*Há outros jovens, onde o grupo onde estão inseridos, já é tão forte e tão poderoso, que quase que a nossa intervenção fica já mais esbatida e apagada, [...]um miúdo tem muito que crescer como é natural, não tem que ter essas competências também trabalhadas, mas, [...]ele tem amigos que não interessam tanto, que podem puxar para outro tipo de caminho menos bom mas, acredito que ele apesar de ser imaturo consegue perceber isso (EAS3)*

*Porque o Paul tem uma dimensão e um pezinho, numa dimensão menos positiva em termos sociais, por isso mesmo ele ter os processos tutelares educativos. É um jovem de risco, neste momento ainda porque tem um ar saudável fantástico, mas também tem um lado ainda de grande atração pelo lado marginal. (EAS2)*

As observed, that the lack of maturity and stable personal competences along with the pursuit of unhealthy paths to fulfil the need for belonging, are factors that can lead to risk. Thus, arguably, aging and maturation in conjunction with specialised intervention, are essential aspects that impact youths’ self-awareness and their capability to differentiate between beneficial and harmful routes, leading them towards improvement.

### 3.3.3 Protective factor: Determination

Linda, who is currently 20 years old (5 years older than Paul and Sam), recalls that certain choices and occurrences in her life led to her growth in resilience and maturation. Zolkoski & Bullock's (2012) study highlights that youth who overcome difficult situations become stronger, develop their sense of identity and confidence to confront future challenges (p. 2298). Similarly, Linda's determination and persistence, terms described in Williams et al. study (2001, p.7), helped her overcome adversity and achieve her objectives. By moving in with her boyfriend, finding a job, and completing an internship abroad, Linda gained independence and confidence, which further empowered her to accomplish her goals. Moreover, caring for her sister was beneficial for her upbringing and maturation. Lastly, her engagement in project RADAR and other activities related to runaways, where she shares her story, demonstrates her pride in overcoming these past experiences and the resilience she has built over time.

*Sim, cuidar da minha irmã, o quão eu consegui um trabalho com 16 anos, que todo o mundo ficou “ahhh essa criança, que ela está aqui a fazer”, mas consegui trabalhar lá e também consegui “viver sozinha”, com o meu namorado, mas sair assim, sair do berço da minha mãe e ir viver com outra pessoa e agora mudar de país. Mas o que marcou mais a minha vida, foi mesmo o momento que eu tive, que eu me apercebi que me fez bem cuidar da minha irmã (EIJovem)*

Although Linda's inner strength and determination may be due to genetics, an intersection of factors may have enabled their fostering, such as her search for personal and financial independence, her work and educational contexts, the need to take care of her sister, as well as her runaway experience, leading to new life realities and opportunities. It seems like innate personal strength coupled with maturation were at play.

### 3.3.4 Risk factor: Family Relationships

The family environment and in particular the relationships within it, might possess certain features as well as lack some, acting as an environment of protection as well as risk. Both cases are represented in this analysis. According to Reis (2009), a child can find himself/herself in a situation of risk if he/she lacks socioemotional needs in terms of “interaction, affection, attention, stimulation, contact, acceptance, play” (p.123). Linda's relationship with her dad lacks proximity, affection and support. It is unknown how much better or worse they're relationship was before his move to Portugal as well as after the separation from Linda's mom. These life

changes as well as physical changes in proximity, might have affected her feelings towards him, creating a further emotional distance.

In the case of Sam, the workers report several situations in which his mom refers to him with demeaning names, displaying disrespect and a lack in willingness to listen. Sam's situation as a teenager who is going through a difficult puberty, partly due to his attention deficit, might have been aggravated by the pressures imposed on him to be as "good" as the other sisters and brothers as well as the unhealthy parenting capacities displayed by his mother.

*Com o meu pai, a gente sempre foi assim, a gente dá-se bem, mas de longe, eu estou aqui e ele está ali. Mas desde que ele veio para Portugal, a gente foi assim, nunca foi de dar assim muito bem (EIJovem)*

*O facto de ele ser um filho mais perturbador, cria que muitas coisas em casa, não devem correr como deviam correr...porque ele não era como os outros filhos, os outros são todos bons filhos e fáceis e estão todos encaminhados o Sam é o perturbador e então acabava [a mãe] a dizer à nossa frente algumas frases em que o Sam também estava presente, que acabámos por ter de dizer que isso não é de todo o ideal. (EAS3)*

Zolkoski & Bullock (2012) define the best features for parenting styles, and explain they are characterised by a balance in warmth and support, fostering cognitive growth, while at the same time they are firm, rational and consistent, avoiding being overly controlling and oppressive (p.2298). Although Linda's dad's curfew restrictions may not appear as irrational and overbearing, what is important to consider is how it made Linda feel, keeping in mind the occurrence of an ecological shift in role and environment. Linda perceives her dad to lack this parenting balance, and instead, be controlling of her.

*Fui viver com o meu pai e não deu muito certo, porque eu nunca tinha vivido com ele, e eu sou mulher e como ele é homem tem aquela proteção de pai, de não podes sair tarde, tens de voltar cedo. Mas eu já estava habituada então para mim era uma coisa normal, houve aquela confusão. (EIJovem)*

### **3.3.5 Protective factor: Family Relationships**

As already mentioned, although the family context may act as a source of risk, it can change to become one of protection. The literature shows that strong relationships, especially in the context of the family and from a young age, reduce the risk of having mental health issues and disruptive behaviours and rather enhance self-confidence and sense of agency (Sasser et al., 2019, p.3; Williams et al., 2001, p.2). Importantly, particularly in the case of trauma, a relationship with

elements of safety, attentiveness and care can be beneficial and can ameliorate the negative impacts, bettering the child's development (Fallon, 2018, p.98). Notably, although we have seen that Sam's family environment may be characterised by risk, mainly due to the negative demeanour displayed particularly by his mother, we also see that underlying the parenting style, the family is referred by the workers as one that serves to protect. In fact, as seen, there are elements of care, of desperation, and of protection, which lead to the search for a solution.

*O que eles dizem...ralhão como sempre e como se diz a palavra, ajudam e dizem coisas para não fazer isso, para não fazer estas coisas, ajudam-me a perceber o que vai fazer isso, se eu fizer isso o que vai custar. Também a minha mãe já chorou muito, agora ao ver isso, custa-me fazer isso e já não faço. (E3Jovem)*

*...também foi fácil perceber que o Sam tem uma coisa importante que nem todos os jovens têm que é um fator protetor que é a família, ou seja, ele tem uma família que o consegue proteger e conter (EAS3)*

This suggests that risk and protective factors can coexist within the same environment and at the same time, as seen by the adverse parenting style coupled with desperation and care. Notably, safety and stability must be reinforced by enhancing the family's capabilities, whilst strengthening Sam's resilience and coping mechanisms, as the family may be the setting where he encounters the greatest risk.

### **3.3.6 Protective Factor: Sports**

Thus far we have seen how ecological transitions-shifts in role or setting have affected these youth negatively, however it is possible for changes to have a positive impact on their lives, acting as protective factors. The importance of sports has been highlighted by Miyashita et al., (2021), who suggests that by being part of a team, a sense of belonging can be fostered (p.84). Particularly, structured sports, which have been linked to less internalisation of issues as well as have shown to lead to less school absenteeism (Smyth & Darmody, 2021, p.83). Although Sam started playing soccer before his behavioural issues escalated, and even the escape occurred at a time when he was enrolled, it is clear that soccer is beneficial for his wellbeing. Pride of being part of a team and performing well can be identified in his language, traits that help in the creation of confidence and happiness. Furthermore, the peers in his team and the coach seem to be helping him with his behaviour, leading him towards a more stable life path. Research has

showed the benefits of having peers to talk to, as they tend to be less judgmental, enabling a safer space for discussion and disclosure (Karabanow et al., 2004, p.102). Through his passion for soccer, it can be deducted that Sam has found a trusted adult, an anchor and peers that might act as reliable life experts, all important factors for intervention with runaway youth as they provide for protective environments (Miyashita et al., 2021, p.81-98).

*Entrei nesta equipa nova e sabendo que estou a jogar 2 anos ou 3 mais velhos que eu, estou conseguido dar tudo e já marco golos e isso tudo. É uma etapa boa (E3Jovem)*

*...não faz sentido fugir de casa, sabendo que se fugir de casa não posso ir ao futebol. Eles uma vez descobriram e também falaram comigo e isso tudo sim (E3Jovem)*

*...o que lhe queira tirar uma coisa que é boa, mas isto que a técnica disse, é assim não será certamente o futebol a melhor estratégia porque é onde ele liberta as energias e onde ele também se sente bem (EAS3)*

Sam's passion for soccer is to an extent, approached with commitment and responsibility and is valuable for his mental and physical wellbeing. The effects of being part of this team and being guided by its members may have unclear effects so far, but the research highlights the importance of these protective environments in their lives as they create a sense of belonging and offer a space in which positive figures may exist.

### **3.3.7 Risk factor: The School Context**

As described by the literature, the school is an environment in which youth can find both risk and protective factors. The interviews and documents provided for the three cases, reveal that school absenteeism and low engagement have been issues for all of the teenagers at some point in their lives. The literature finds a correlation between school absenteeism and ACEs (NHS, 2018, p.32) as well as between lack of school involvement to the internalisation of issues, low prosocial behaviour, and high misbehaviour (Smyth & Darmody, 2021, p.84). Abandoning school or being suspended might lead to long term risk as it has been linked to social isolation, feeling rejected and losing a sense of belonging (NHS, 2018, p.32; Holliday et al., 2016, p.249).

Documentation shows that in Paul's case, his low engagement and school absenteeism worsened after his father left, indicating that his absence may have contributed to Paul's poor performance and low commitment. However, Paul also has attention deficit, which can further complicate his ability to engage with the school environment. Therefore, it can be argued that his

personal traits, coupled with negative ecological experiences, may have put him at risk within the school context.

*..., mas também ajudar aqui na formação formativa, uma vez que o jovem se encontrava em absentismo escolar. (EAS2)*

Notably, risk also derives from negative relationships with teachers, characterised by continuous criticism and lack of praise, as they were found to be linked to all kind of negative behaviours except the internalising of issues (Smyth & Darmody, 2021, p.76-78). It is possible that students like Sam, who face difficulties in school are reacting to teachers who are unsupportive and inconsiderate, by exhibiting disruptive behaviour in the classroom. Thus, it appears that there is a cycle of influence between students and teachers, in which their interactions can have a profound impact on each other.

*A relação na escola anterior, no passado era pior, eu portava-me muito mal, faltava ao respeito aos meus pais e pensava que tudo era uma brincadeira. Não era brincadeira, mas desrespeitava eles imenso, os professores e isso (E3Jovem)*

Both Paul and Sam suffer from attention deficits and hyperactivity, these personal traits may explain their struggles in dedicating to school. Their antisocial behaviour in class, perhaps similar to the ‘showing off to an audience’ aforementioned, may have been aggravated by poor relationships with their teachers as well as with their family history and changes that have occurred.

### **3.3.8 Protective Factor: The School Context**

Research finds that protective factors can be found through the creation of positive relationships in the form of involvement in school and societal activities (Martins, 2004, p.33; Reis, 2009, p.139 & p.154; Social Exclusion Unit, 2002, p.15). Importantly, the quality of relationship between teachers and students has been identified as the most relevant protective factor in the school environment (Smyth & Darmody, 2021, p.76-78). Linda, who following her interest in fashion and with the help of the Projeto Rua’s team changed school to pursue a professional course in the field, encountered support from her teachers. To some extent, the change in schooling may have led to her improved commitment, in turn gaining a positive response from

her professors, enhancing her motivation further. This supports the idea that school engagement and teacher support are interconnected and can mutually influence each other.

*Era uma miúda muita aplicada, motivada e teve bons resultados e estava a gostar da escola, teve professores que a motivaram e correu bem a nível escolar. (EASI)*

As detected, the school can serve as a protective environment against risk if teachers provide support and motivation to their students. This is particularly significant when dealing with students with attention deficits or low engagement due to trauma. It is crucial for teachers to receive training on how to identify ACEs and other issues, as well as how to provide emotional care and inhibit the reinforcement of risk.

In conclusion, we have seen that risk and protective factors can be found in the individual, family, school and community levels. At the individual level, personality traits such as determination and resilience as well as knowing oneself, in turn creating opportunities, help in dealing with life difficulties. Lacking these skills, including to an extent maturity, may lead young people to pursue unhealthy paths and risk. In particular, the inability to cope with stressful and negative occurrences, due to the ecological shifts, is another individual factor of risk.

In the family context, risk and protection can occur simultaneously as a family might care but not have the right tools to deal with stressful situations. Nevertheless, generally speaking, relationships characterised by love, attention, supervision and communication, free from abuse and substance use, will provide for a protective and nurturing environment. While relationships which do not satisfy socioemotional needs and may be aggravated by weak parental competences and substance use, create an environment of risk. As the family is the environment in which a child grows up and spends majority of his/her time with, it is imperative that case workers identify risk related to the home at an early stage as well as protective factors, focusing on strengthening these.

In the school context, risk or protection can be manifested through the quality of relationship between students and teachers. This highlights the need to emanate positivity and support even with poorly engaged and misbehaving students, as well as to try understanding the source of the behaviour and manage it. This is imperative as already mentioned, research has found correlation between runaways, trauma and low engagement in school. School is a crucial setting for intervention as youths can feel a sense of belonging, structure, and safety when

positive relations are promoted. Similarly, with sports and other extra curriculum activities runaway youths can find positive figures and foster interests, enhancing their wellbeing.

### **3.4 The Positive Aspects of IAC's Intervention based on the Case Studies**

In this third part of the chapter, it is imperative to systematise the positive aspects of IAC's intervention and draw the main notions in a conclusive paragraph. Research has stressed the importance of building a positive relationship between runaways and their case workers. Barrocas (2017), discovered that clients valued certain aspects of social workers and their intervention above others, namely: professional and educational opportunities, teamwork, empathy, active listening, trust, and accessibility (p. 34-35). In this section, it is important to examine whether the team holds these values and methods, and how they are put into practice.

The primary objective of the Projeto Rua (CDIJ) team's intervention is to get to know and gather information on the youth they are working with, as well as their family. This is accomplished not only through prior documented information or feedback from other organizations, but also through an initial conversation. Apart from understanding their interests, the objective of this conversation is to emanate trust and confidentiality in the hope of establishing a positive and caring relationship and to make the youth aware of the safety of the space and the possibility to open up about needs, concerns and the like. This important as a youth who first arrive at IAC are unfamiliar with the team, their work and the environment and need time to adapt and feel comfortable. This means presenting what the literature calls “trusted adults” or “caring role models”, people who are present to listen and support in a non-judgemental way (Miyashita et al., 2021, p.81; Karabanow et al., 2004, p.102). These values have been emphasized by the literature because often lacking in relations and environments of runways, yet crucial in supporting and improving their wellbeing (Slesnick et al., 2009, p.741). As seen, the case workers express care and attention hoping to be of example and demonstrating their benefits.

*A primeira é a relação. Se nós não conseguirmos ter uma relação de confiança com eles não conseguimos dar-lhes mais nenhum passo em frente, a primeira coisa é cativá-los e eles confiarem em nós e sentirem que estamos aqui disponíveis para os ajudar (ET)*

*Sempre que surge algum processo, o que fazemos é um procedimento é conhecer a jovem, portanto é aquela entrevista em que se conhece, o que gosta o que é que não gosta. Conhecerem, para verem o IAC faz, o que é que pode ajudar, assim como a mãe (EAS1)*

*Sim, ajudou para a mudança dele, porque por exemplo houve um dia que lhe liguei às dez para as oito da manhã e depois do telefonema ele disse para a mãe “oh mãe, a técnica é mesmo preocupada ela nem dorme, já me esta a ligar e ainda não são nove e meia”. Isto depois vai tocando, porque eles também sentem, olha, espera lá eles estão ali para o trabalho, mas estão nos mesmo a querer ajudar. (EAS3)*

The case workers remark that trust is reinforced by making sure not to disclose confidential information with the other peers. Keeping things confidential is important as runaways' trust may have been broken before. Shining a light on the importance of both individual and group activities in order to work on various competences and talk about different topics in each setting respectively. Trust is also fostered by believing in them and in their abilities without judgment, and just being there for them.

*Tentamos ouvir um e o outro, eles sabem que nós falamos com um, não vamos contar ao outro e vice-versa. (EAS3)*

*O que a técnica sempre disse, “imagina que todas as acusações, fossem mesmo verdade, nós aqui não estamos para julgar eles, nós estamos para ajudá-los e encaminhá-los para que eles possam seguir o seu rumo de vida”. (E3Mãe)*

*É acreditar muito nas capacidades que eles têm (EAS1)*

Furthermore, to emphasise the sense of care and trust above mentioned, the team wants to encourage an environment resembling that of a positive and healthy family. In this way, IAC can serve as a safe space and as a point of reference that is missing in the lives of runaways. Research has showed that high-quality organisations engage in similar practices, focusing in fostering a sense of belonging and inclusiveness similar to that of a family (Gwadz et al., 2018, p.214).

*se eu quisesse cozinhar eu fazia bolo, lá eu sentia me em casa. (E1Jovem)*

*No inicio não foi fácil aceitar o IAC, não foi fácil..., mas depois com tempo fui criando aqui uma família. É uma pessoa que acolhe. (E1Mãe)*

Morewitz (2016) stresses the need to actively listen to youth and try understanding their needs but also their motivations for running away, this with the scope of not only improve the

wellbeing of the youth but also to improve intervention strategies (p.211). Although it might be important to be aware and conceptualise the meaning of listening as research shows that it had different meanings to the youth and the professionals respectively (Gallagher et al., 2012, p.75). The professionals recall in the interviews, that adults tend to prevail in all conversations and youth are given less voice in important matters. IAC's work reflects the importance of giving them a voice, however to what extent the feedback is reflected on and used for the improvement of current services is unknown.

*É compreender também a razão é que os leva a fazer determinadas coisas para também ver o seu ponto de vista que muitas das vezes não é analisado, é só dos adultos. (ET)*

Due to runaways' uniqueness in experiences and to the referred need to consider intervention through an ecological perspective, there is no standard intervention approach that fits all children and teens, it is important to assess the multiple areas of life of a runaway and the different contextual factors that might have increased risk or decreased resilience. In line with the literature, IAC engages in a comprehensive and multidisciplinary intervention following the ideas of the ecological perspective which emphasises that interventions should encompass several components, including social, school, family, and individual components (Fonseca, 2004, p. 30; Miyashita et al., 2021, p. 42; Holosko et al., 2013, p. 115). Looking at the whole perspective is important because as observed, it is not only one factor that leads to runaway behaviour, instead the motivations are varied, stressing the need to target both the individual and their environment.

*Depois, também houve o encaminhamento para a escola, o curso de formação que ela também escolheu, também houve muita ajuda da nossa parte, porque era um processo que não foi muito fácil. (EAS1)*

*A mãe também tem aderido ao grupo de mães, a formação parental, onde potenciam aqui os canais de comunicação delas, com os filhos e dotá-las de outro tipo de ferramentas para lidar com estes jovens que são muito desafiantes. (EAS2)*

*A psicóloga ajudou-me muito e tem me ajudado também as reuniões com a doutora, os comprimidos também me tem ajudado. (E3Jovem)*

In this regard, as a part of their intervention, the team engages in recreational and educational activities with the youth, in order to work on various competences, as well as promote socialisation, motivation and discovery of interests. Karabanow et al., (2004), supports these

types of activities as they are used with runaway youth in order to encourage learning, recovering and maturing (p.103). The strengthening of competences, an approach used during these activities by IAC's team, have also showed to increase decision-making, self-esteem, and sociability (ibid). This is important because runaways might have experienced trauma or been exposed to a lack of caring relationships for an extensive period of time, in turn reducing their confidence and sociability skills. Youth who have spent time on the streets or belong to gangs might have got used to different sets of skills and behaviours and supervised recreational activities may be a way to let them experience something safe and normalised. Thus, these activities are not only important to build individual skills or sociability skills, but also to discover one's interests and engage in self-work.

*a autonomia, a assertividade, a comunicação, e a resolução de conflitos porque são miúdos muito impulsivos que respondem logo na mesma moeda e às vezes de uma forma que não... pronto que não é pensada (ET)*

*Vir aqui, estar com as pessoas, brincar [...] Trata-nos bem e isso [...] Boa, estamos sempre a conversar, a brincar (E2Jovem)*

*e que consigam despertar aqui uma paixão, que os consigam tirar deste mundo mais negro, que estão a viver neste momento e ver o sorriso deles quando estes momentos são proporcionados desde atividades lúdicas, desde experiências laborais.(EAS2)*

It has to be noted, that the target of IAC's intervention is not only runaways but also their families, as they have a major role in the wellbeing of children and teens as they possess the conditions and environment to protect or to be of risk. Therefore, it is important that if there are needs and concerns that involve the family as a whole, these are targeted with appropriate approaches such as: family psychology support; promoting family communication and mediation; monitoring of family; emanating trust (Miyashita et al., 2021, p.106-107). IAC as seen below, engages with extensive mediation and work on re-establishing a dialogue between the families who struggle to come to agreements and understand each other's sides. Having good communications skills and being able to express oneself verbally have been highlighted by research as significant protective factors (NHS, 2018). It can therefore be argued that communication is especially important and can serve as a protective factor when once experiences risk that have led to emotional and mental changes or internal/external issues. Thus,

a key feature of IAC's intervention is the awareness of the importance of a healthy and communicative family environment for the current and future wellbeing of runaway youths.

*nós tentamos ouvir ambas as partes, perceber o que é que as está a afastar e tentar mediar uma parte a outra, no sentido de poderem conversar e de cada uma poder dizer aquilo que sente e dizer o que gostaria de como fosse a relação entre elas. Eu acho que isso mantemos sempre e é também a chave do sucesso entre os miúdos e os pais. (EAS1)*

*É muito importante, porque eu uso muito esta expressão que é “eles são nossos um tempo, mas da família, dos pais são a vida toda” e ali é que eles têm que se sentir bem e tem que tentar conversar um com o outro para chegar a um acordo, porque nestes jovens e nestas situações a pior situação é quando eles entram em rutura é pelo diálogo. (EAS3)*

Furthermore, what needs to be stressed as important in the work of Projeto Rua involving the youth and their families, is the valuing of partnership and collaboration in intervention. The numerous calls exchanged between the mothers and the professionals sharing information and updates as well as the conversations with the youth to try understand what their needs are, are testaments of this. Particularly, the involvement of family members in the intervention has proven to increase interest and engagement in their sons/daughters' lives, in turn, improving these (Adams et al., 1998, p.285). Parents also possess the knowledge and expertise of the history, conducts and needs of their children, highlighting the significance of their input on what the intervention should address (Gallagher et al., 2012, p.82). IAC promotes collaboration in the decision-making process so that the people involved reach the understanding of what is valuable and disadvantageous for them in their own terms. In turn, fostering autonomy and healthy thinking processes in the hope that in the future they will be able to make their own decisions.

*Nós também, conseguimos com a mãe motivá-la e alterar a sua mentalidade, ...cada vez que ele fazia alguma coisa, a mãe castigava-o e tirava-o o futebol... (EAS3)*

*Perceber o que é que eles querem fazer, o que é que é importante também para eles e ir sempre os consciencializando das coisas, que nós próprios enquanto equipa achamos que são importantes como a escola, as questões da saúde e etc. Depois esse é um caminho que se vai percorrendo com eles, mas, que não pode ser uma coisa impositiva só porque nós achamos... tem que ser um caminho que tem que ser partilhado lado a lado entre nós e eles (ET)*

Moreover, collaboration at IAC is also stressed in relation to other entities. An essential aspect, since as already observed, a multidisciplinary and comprehensive approach is needed, due to the complexity and individuality of each case. In fact, organisations must work together in order to create a jointly agreed method for the assessment of needs as well as the referral of runaway

youth, this with the aim to improve services and responses accordingly (Social exclusion unit, 2002, P.74). As Project Radar invites youth from several European countries to share their runaway experiences, the sense of community and of having shared experiences with peers internationally, can attract more to disclose their stories. This collaboration is therefore very valuable and best practices can be shared in order to better understand this population and the challenges they confront in their everyday lives.

*Esta relação com estas instituições é fundamental para as coisas se irem integrando umas nas outras (EAS1)*

*...também talvez ouvir os jovens que já efetuaram fuga e que também já estão no percurso um bocadinho aquilo que o Radar está a fazer no sentido de ouvir os jovens para, podermos também parecer uma resposta mais eficaz (ET)*

Collaboration between entities is beneficial in clarifying the whole picture of a case, and in reducing the likelihood of misunderstandings or making decisions based on poor information. This can be of extreme significance to the lives of runaways, who might avoid possibly extensive, unnecessary, and unbeneficial measures by the government.

*Porque o Sam ia audiência, nós queríamos muito que chegasse à justiça o que estava a correr bem, [...]que o Sam está a aderir, o Sam retomou as consultas psicologia, o Sam está-se a deixar ajudar para mudar de escola, o Sam está a incluir-se nas nossas atividades (EAS3)*

To conclude this section, IAC engages in positive aspects of intervention which can be divided in three categories:

1. Create a relationship of trust and confidentiality.
2. Work towards a multidisciplinary intervention.
3. Collaboration with the youth and their families as well as entities involved.

The most important aspect of intervention is the promotion of a close relationship built on trust and confidentiality. Trust is crucial for intervention as it requires understanding the motivation, causes, and needs of runaway youths. To do so, the team approaches the youths with active listening, non-judgment, patience, care, flexibility, as well as not disclosing each other's information. Furthermore, the team tries to set an example by resembling a healthy and caring

family environment. The second category implicates a multidisciplinary intervention method that addresses lack of competences and socialisation through individual and group activities, educational guidance and support in finding work opportunities, as well as general family support and mediation to improve communication. Whilst in the third category, collaboration, a highlighted key feature of intervention, is reflected through cooperation and shared expertise with other entities. Particularly in providing psychological support, finding housing, and addressing financial needs. Collaboration is crucial in gaining a better understanding of the issue, and in identifying best practices and common challenges in the field.

As seen, the positive aspects highlighted in the three categories and resulting from this investigation, are also accentuated in the literature. It can be said that adhering to these aspects ensures a higher likelihood of successful intervention.

### **3.5 The Challenges of IAC's Intervention based on the Case Studies**

Although the stakeholders identify the above outlined positive features of intervention, they also determine several challenges, which will now be presented.

Although the team of the Projeto Rua is aware of the importance of establishing a strong relationship with the youth, the difficulty in doing so is highlighted as a challenge. As this report has discussed extensively, runaway youth come to the social services with a difficult and complicated past and present. Thus, creating trust with new people, especially adults, is not easy, as many adults have betrayed their trust in the past (Miyashita et al., 2021, p.79). Professionals need to retrieve their patience in order to give the relationship time to develop and commit to this process with time and a light sense of persistency in order not to scare them away.

*A maior dificuldade é logo estabelecimento da relação com alguns destes jovens, é muito difícil e leva o seu tempo, mas não podemos desistir temos que ser muito persistentes aqui logo nesta fase inicial, porque eles já conheceram muitos técnicos anteriormente, já tiveram muitas pessoas que lhes falharam na vida (ET)*

Because this work is performed in the social area, with people, it is difficult to test and gather facts on cause and effect of a certain intervention. Social workers at IAC report feeling uncertain about some of their decisions but at the same time, positive about small progress, continuing basing some of their intervention on previous successful ones. Although the path is complex and

these strategies may be beneficial, this report wants to stress the involvement and opinion of the youth and their families in reflecting on their intervention and the goals it is working towards. Perhaps, when the relationship is not evolving, or a certain intervention does not seem to be working, it would be beneficial to involve more extensively the participant or his/her family. Include some more targeted sessions, to challenge and push the balance between waiting patiently and persisting in the progression of self-work. This, to try understanding the motivations behind the slow progress and to find a joint solution.

*Foi a resistência inicial, foi a nossa maior dificuldade, porque nos estamos aqui e sabemos o percurso que foi feito, na altura as vezes falávamos se estávamos a ir no melhor caminho, será que podemos fazer de outra maneira, [...] são muitas dúvidas [...] vamos por um caminho, vamos tendo alguns feedbacks (EAS1)*

*Penso que ele está a mudar aos poucos, ainda não tem aquela mudança que gostaria que fosse. (E2Mãe)*

*...acreditamos que não é, que a nossa intervenção face ao milagre, mas, é assim temos a consciência de que estamos a contribuir certamente para que as coisas se alterem no bom caminho (EAS3)*

Another identified challenge is that of a lack of resources and flexibility in the educational system which affects the prospects of youth at risk. The workers point to the inexistence in the Portuguese educational system to support children and teens who have low accreditation to pursue their interests and professional educations. This highlights the lack of flexibility of the system and the few opportunities available to youth who need a more tailored approach or extra help in finding a suitable and sustainable life project. With the ‘escola de segunda oportunidade’ offered by IAC, these children are able to up some of their grades, conclude some essential courses and be accredited by the Portuguese educational system, however with the lack of further opportunities to expand their interests in an academic or professional way, the intervention can only do so much. Although IAC is already doing its part, more effort should be invested in trying to tackle these challenges and discuss with the government on possible solutions. These youth run the risk of going back to the streets or perpetuating a subculture of poverty without any stable future prospects.

*A nossa primeira dificuldade depois, as outras às vezes prendem se também com as respostas que não existem para estas faixas etárias porque, temos jovens que têm baixa escolaridade depois*

*querem uma formação e não existe. Depois formações nas áreas que eles gostam, com escolaridade estão tão baixas (ET)*

Furthermore, the workers and one of the mothers also stress the insufficiently resourced and funded psychological department of Lisbon. As this report has emphasised the importance of a multidisciplinary and encompassing intervention numerous times, it is clear that because of this obstacle, intervention is not efficient or occurring at an appropriate time. As runaway youth are experiencing behavioural issues to the extent of trauma, mental health is a crucial side to address, and help should be granted as soon as possible. As time is crucial, this delay may be causing an accumulation of issues, eventually making intervention more difficult. A delay that may also create distrust in the system, deterring families to ask for help. This points to the need for the government to invest more extensively in the psychological services for youth at risk, urging a restructuring of the services (private and non), promoting collaboration of entities with civil society with the goal of improving the mental health of vulnerable communities.

*A nível por exemplo, da saúde mental quando são jovens que precisam de acompanhamento pedopsiquiatra, o psiquiátrico, psicológico os serviços são muito demorados [...]o sistema de saúde a nível do apoio em saúde mental para estes jovens é muito pobre, nem sempre depois nós também conseguimos tudo aquilo que um jovem precisa em tempo muito útil da vida dele (ET)*

*..apoio psicológico até já tem mas, também acho que não é suficiente. O meu filho vai uma vez por semana só, e a crianças que às vezes necessitam de vir 2 vezes ou até 3 vezes por semana e que se calhar até para ir em menos pressão da tal medicação. (EAS3)*

As already observed, the socioeconomic context of a family causes extensive pressures on its dynamics and can lead to emotional consequences to its members, thus it is a topic important to consider. Obstacles in terms of finding employment, better paid jobs or accessing certain financial benefits can be addressed to an extent by social workers who can guide or incentivise families to make certain changes. However, as described by the worker, the Portuguese government decision to combat poverty and to help families in need is an aspect that requires extensive pressure from policymakers and politicians rather than the involvement of social workers. As seen in the literature, the ecological perspective informs the field of social work on societal issues such as poverty, but in practice, limited tools are offered to alleviate families from structural vulnerability (Trevithick, 2012, p. 325). This informs on the complexity of risk, as

interventions can focus on the competences and relations of individuals and their families but if risk is stemming from socioeconomic factors, vulnerability may persist.

*Falamos aqui de problemas também financeiros porque as pessoas ficaram muitas sem emprego, com empregos frágeis [...] acho que são problemas mais transversais e mais globais que requerem aqui uma análise também mais em termos dos governamentais. (ET)*

Moreover, IAC's case workers, identify exhausted and uncommunicative families as the reason for the inability of parents to deal with stages of adolescence characterised by rebellion. As this report bases its work on the ecological perspective, it is important to keep in mind that barriers may come from the direct environment, in this case low parental competences especially in communication skills but may also originate from a higher level as socioeconomic pressures leading to parents working long hours, may lead to refrainment in engaging in healthy but more effort consuming parenting practices. Social workers need to maintain their work with families in building these skills and promote the long-term and sustainable benefits of adopting such approaches.

*se nós formos ver todos passam por estas idades e a esta rebeldia natural. Só que depois nestas famílias se calhar é mais visível porque, não há aqui um equilíbrio que é necessário, e este diálogo que é importante, e esta concessão entre haver aqui cedências da parte dos filhos e da parte dos pais para se dar aqui um equilíbrio. Estas famílias são esgotadas, saturadas. (ET)*

Another challenge identified in the interviews is that of the lack of collaboration and involvement by other entities in locating and intervening with these youth. This has an effect on the progress of understanding these youth and the problems they face before, during and after a runaway episode. Cooperation with various entities of Lisbon, including the police, schools and mental health services for example, may look like providing information and educating these entities on the signs of youth at risk, preventing them from running away or limiting the possibility of further danger. Collaboration in identifying and locating runaways and missing children also means that they can receive medical and social attention at a quicker rate. Furthermore, collaborating with the police in reducing some of the previously mentioned fears and preconceptions of youth with authoritarian figures may improve the rate of approaching services when in need. Finally, creating a “working group” as suggested, would mean that best practices would be faster and easier shared amongst service providers, increasing the overall efficiency of multiple services.

*..de que forma articulada é que se poderia funcionar melhor claro que são respostas que podemos ter mil ideias mas que, depois na realidade não se concretizam porque isso também recria aqui muitos recursos e outro tipo de organização, fazemos aquilo é possível e o nosso melhor. Acho que depois é muito por pelo aquele papel de mediação e de pormos os vários serviços a comunicar e agirmos nas várias frentes e às vezes conseguimos ser a diferença [...] é assim a pessoa até já pertence às vezes a determinados grupos e reuniões e etc., mas depois também não passam muito do papel, a pessoa vai a reuniões fala-se “a ai sim Senhora” ... mas depois. Deve ser criado um grupo de trabalho. (ET)*

Cooperation is imperative as IAC’s workers identify another challenge, namely locating youths at risk and runaways. With the adaptations of the target group in relations to the changes of modern society, IAC is experiencing difficulties in setting apart runaway youth, as they cannot be distinguished by the way they dress or look, and they are not systematically residing on the streets any longer. Technology and the accessibility of mobile phones seem to have played a role in contributing to these challenges, as youth meet in unidentified locations, perhaps off the beaten track, and spend more time at friend’s houses or collaborate in finding ways to survive. This challenge is questioning the work of IAC, especially in conducting the daily and evening “giros” which have proven to be ineffective in finding youths in the streets. Although the team is aware of these issues and new ideas can evolve with time, a plan to restructure this part of the intervention, is yet to be articulated, questioning the urgency of the matter.

*na realidade sabemos que muitos destes giros nós vamos fazendo e raramente encontramos um jovem mas, de qualquer das formas temos identificado que ele não está em casa ou que ele não está na instituição, então e onde é que ele está? esta é a grande pergunta que se coloca também a esta equipa e não é fácil agora com as questões das redes sociais e com facilidade como eles comunicam uns com os outros [...] há uma grande mobilidade deste grupo alvo muito também facilitada pelos transportes etc.(ET)*

*é difícil também reestrutura, eu acho que é imperativo reestruturar este tipo de intervenção, mas neste momento acho que não sabemos muito bem como fazê-lo (ET)*

On the other hand, an obstacle identified to which possible solutions have already been presented, is that of the public’s lack of awareness of the services provided by IAC, as an institution who promotes the rights of children but also which offers particular assistance to runaways and missing children. It is crucial to address this challenge as research already stresses that the system of care is greatly unused by youth due to confusion and uncertainty in accessing help (Holosko et al., 2013, p.113).

*Apesar de nós sermos uma instituição com 40 anos, mas, também falta um bocadinho de divulgação do trabalho que nós fazemos porque o cidadão comum nem sabe que existe uma equipa na cidade de Lisboa e que abrange a área metropolitana de Lisboa, disponível para este tipo de intervenção (ET)*

Researchers suggest engaging in outreach strategies such as spreading information through word of mouth (Miyashita et al., 2021, p.13). These solutions are especially valuable, when considering youth and families that are not already involved in the welfare system - when a runaway episode may be to an extent unforeseen by the family.

To conclude this section on the challenges of IAC's intervention, it can be said that trust is both one of the most essential positive factors in intervention, and the most challenging aspect. The problematic histories of runaways along with their commonly identified mistrust in adults, makes it difficult and time-consuming to build trust. Additionally, trust and confidentiality cannot be measured so it is hard to receive feedback on the progress of a relationship. Professionals are aware of these challenges and are committed to promoting the values mentioned in the previous section and practicing patience.

Furthermore, change resulting from intervention is not always immediate or clear, leading to uncertainty and affecting decision-making processes. The team tackles this by listening actively and empowering the voices of the youths and their families.

When scarce resources and socioeconomic factors are an obstacle, cooperative solutions with other organizations must be an alternative to better confront societal structure. Collaboration may consist of a working group that connects significant entities to improve structural limitations and to better understand runaway youths' issue. Furthermore, cooperation can also facilitate outreach work, another challenge identified.

The team is facing real challenges in locating missing children who have run away from their families and institutions, due to the rapid improvements in telecommunications and transport technologies in society. This stresses the need to change their work methods and adapt to a changing social context.

Although the Projeto Rua is aware of the current challenges and the effect they have on prevention, locating, and intervention, and discussion is encouraged, concrete efforts to change these realities lack a defined plan, and changes will happen gradually, requiring patience and time. However, this calls attention to questions about the urgency of the matter.

In conclusion, while the formation of relationships based on trust can to an extent be facilitated by adopting greater emotional intelligence, each case is different and will have its challenges. Yet regarding the need to engage in more extensive outreach work and to collaborate with other entities, this could be achieved by creating a task force with focus on runaways, for example. Adopting these changes can lead to more efficient and better resulting interventions.

This chapter has analysed the three case studies, identifying the common reasons for escaping, the common risk and protective factors that may affect their behaviour as well as support their intervention, and finally, the positive aspects and the challenges of the intervention of IAC.

#### **4. Guidelines for a More Efficient Intervention**

After examining the specificity of IAC's work and the three case studies, in this section, general guidelines aimed at the positive aspects and the challenges of intervention when working with runaway youth, will be presented. The section is going to address the study objectives with the goal to facilitate a general discussion on the topic, with the objective of identifying best practices that can lead to more guaranteed success and greater efficiency, while also highlighting difficulties that professionals need to be aware of and possibly address.

This report has noted that having a clear and legally binding definition of 'runaways' helps in reporting and estimating numbers, in turn affecting the accuracy and individualisation of intervention (European Commission, 2014, p.68; Greene et al., 2003). It was understood from this research that what the term runaway comprised, was not clear by all participants, implying the need to promote education further. This investigation deems it important that everyone is aware of its meaning, so to have a shared understanding of the issue.

International research from the early 2000s describes the harsh conditions of runaways and street children, engaging in criminality and survival behaviour (Social Exclusion Unit, 2002, p.18). In the context of this research, runaways', street networks are unidentified, as there was no mentioning of street survival in the interviews, and instead, youths appeared to commonly rely on friends during an escape. At the same time, due to the modernisation of society with improvements in technology and transportation supporting a decline in extreme poverty,

identifying runaways has become challenging. In fact, along with spending less time on the streets, runaways are less “visible”, meaning they are hardly distinguishable by their appearance.

Runaways are youths at risk of running from home or institutions because they lack certain personality traits or competences that protect them from risk in the various environments they inhabit through their childhood. As they grow and look for independence, distancing themselves from family or childhood relationships, and are exposed to new settings and roles, they are exposed to more risk. Meaning that risk can occur in the family, school, institutional settings, amongst many others. Furthermore, how one experiences and deals with risk depends on biological traits and other factors found in one’s environment, generally, the presence of positive figures and caring relationships can serve as protection, while weak and uncommunicative relationships may aggravate risk. Still, age and maturity may also play a role in experiencing risk, as growing up and becoming older can help in self-discovery and becoming wiser, recognizing healthy from unhealthy situations. The duration, intensity and source of risk, can lead to a situation of danger and/or of trauma. Moreover, as runaway behavior is due to individual as well as contextual factors – involving the environment and its many interactions – the causes are multiple, complex, and often interlinked. Thus, intervention with runaways need to follow the same level of intricacy and encompass every segment of one’s life.

As observed with the writing of this report, entities with expertise on childhood and youths, such as IAC, intervene in collaboration with other organizations as well as the state to minimise risk and remove children from situations of danger while basing their work on the LPCJP and prioritizing family-based interventions over institutionalization.

There are several positive aspects of existing interventions found in this research, that will continue to serve and guarantee greater success and efficiency. The primary role of the professionals is to establish a relationship of trust and confidentiality with the youths, in order to identify urgent needs, motivations for escape, and establish long term care. Although this research identifies the building of a trustworthy relationships also as a challenge, there are aspects which professionals can enhance. For example, they can work on increasing their emotional intelligence, as interventions must include clear displays of care, availability, active listening, non-judgment, consistency and patience. Runaway youths often have experienced trauma or negative events and may lack the maturity or ability to deal with emotions and inner struggles, thus they need emotional support, as well as a safe, stable and caring environment to

disclose of their troubles (Miyashita et al., 2021, p.13). Professionals then must present themselves as trustworthy, with the aim of setting an example, by resembling a healthy and caring family environment. Moreover, workers need to persist in a flexible manner, as some youths need monitoring and a “push” while others require time and autonomy. Finding this balance in how to approach and relate to the youths is arguably another challenge, which further highlights the importance of listening.

Professionals must also engage in shared group activities to spark new and old interests, increase socialisation and empower youths by emphasising their abilities and desires and in turn promoting self-growth, teamwork and decision-making skills. Intervening sessions must also focus on the strengthening of protective factors such as resilience, as the simple elimination of risk does not provide or prepare for a sustainable solution to a constantly changing environment prone to risk (Fonseca, 2004, p.22; Gilligan, 2004, p.97). Therefore, psychological consultations and individual or group activities are successful methods if used to promote socialisation, motivation, growth, proximity and skills building, because these aspects are more likely to increase resilience and protective factors. The promotion of these aspects can occur through the encouragement of participation in sports or other extracurricular activities in the community setting. Moreover, in these contexts, young people may be exposed to positive figures, (adults and peers) who can aid in the process of intervention and support a sense of belonging and motivation.

Furthermore, to guarantee greater success, intervention must occur with runaways together with their families, as research identifies the context of the family as a prime cause of runaway behaviour. Intervention should address family issues with individuality and as a system, attending to everyone’s needs and concerns. As risk is commonly represented in the family environment by weak, uncommunicative or harmful relationships, the role of the professionals is to engage in family support and mediation, encouraging healthy dialogues and joint involvement in the decision-making processes. In fact, research has shown that more collaboration in intervention increases parents’ involvement in the life of their children and leads to a better understanding of their issues (Adams et al., 1998, p.285). Success can be further guaranteed with the provision of educational tools and parental competences, especially when these are evidently lacking. For example, professionals can work with parents to promote identified protective factors of childhood, such as “breastfeeding; a childhood free from harm and illness; attachment;

exposure to language, play and cultural norms; avoidance of early exposure to screens and technology; free from corporal punishment” (Fallon, 2018, p.98-100). Intervention in the family context is therefore crucial as risk factors can turn into long-term protective factors. It is also important to adhere to the LPCJP’s orientating principles of intervention, specifically the prevalence of assisting children in their natural environments.

Another best practice identified in this study is the positive response of a parent in the return of a child from an escape. In fact, research has found that when the response is positive rather than negative, and it is characterised by communication and understanding, the rate of runaway episodes decreases (Social exclusion unit, 2002, p.56). Considering this important finding, professionals must diffuse this information with families and other entities, highlighting its benefits for a future reduction of danger and leading to more successful interventions.

On the other hand, in the school context, research stresses the link between low engagement and school absenteeism to runaway behaviour (Holliday et al., 2016, p.249). Furthermore, importantly, the quality of the teacher-student relationship was detected as the prime factor leading to risk or protection. Intervention then, must focus in working with teachers towards the promotion of values of support and positivity, and to reflect the ideas of trusted adults and positive role models (Miyashita et al., 2021, p.81; Karabanow et al., 2004, p.102). This is particularly important as the literature considers teachers as crucial in identifying ACEs and other behavioural issues (Miyashita et al., 2021, p.81). Furthermore, considering the individuality of each case, the role of social workers is to address issues related to the school environment and if required, support in changing it.

Moreover, the intervention as emphasized by the theoretical basis of this report, namely the ecological perspective, must be multidisciplinary, comprehensive, and flexible in order to suite and adapt to the heterogeneity of runaway youth as well as because of the intersectionality of risk factors with protective and contextual factors. In order to do so, social workers require collaboration and availability from other individuals, entities, and the state.

However, it is clear that collaboration can present various challenges that professionals need to tackle to guarantee efficiency and success. For example, when availability and collaboration are poor or lacking, they can lead to waiting times or inaccessibility to services and resources, and therefore limit an intervention. Similarly, if caring relationships are not available in the family and community settings, the support of social workers is one sided and put under

pressure. Local and national organizations must work to improve cooperation, create joint actions to identify and address needs, as well as make referral systems more efficient (Social Exclusion Unit, 2002, p.74). Moreover, collaboration is also important at an international and research level and a greater understanding of runaway populations, including their needs and networks, requires improvement, especially when considering the case of Portugal where runaways are unidentifiable and their social web unclear. Collaboration could be represented by a joint task force with the aim of identifying runaways' issues and finding suitable solutions.

On the other hand, collaboration with the state can exceed the capacity of an organisation. When societal obstacles related to poverty and inequality put pressure on family dynamics and in turn cause runaway behaviour, the role of professionals is to encourage and support parents to seek existing resources in their communities including income, adult education, childcare quality, neighbourhood safety amongst others (Gilligan, 2004, p.96). However, when social services and healthcare entities are underfunded or lack resources, it is the responsibility of the state to address these issues. Although social workers are not typically trained or encouraged to influence governments (Trevithick, 2012, p.325), it is important to reflect on the fact that challenges can be structural and political.

Collaboration is also linked to trust as it can be argued that the earlier risk is identified, the faster intervention is provided, and the youth-professional relationship can start, potentially with less negative history that may influence the relation. Once again then, collaboration with the CPCJ, as well as with families and communities, is important. On the other hand, this highlights other challenges of the field, namely of outreach and informing the public of the existing services, and the need to address these to guarantee greater efficiency and success in prevention and intervention. Due to the lack of trust and fear of stigma identified by research and this report (Miyashita et al., 2021, p.79), successful outreach must emanate the characteristics and values of a trustworthy system with trusted professional figures.

To conclude, it can be argued that the challenges mentioned above, and the need to consider the social context of runaways, can hinder the detectability of an intervention's progress, and in turn mystify which aspects lead to success and which not. This research therefore emphasises the practice of listening and building relationships of trust in order to receive feedback and detect clear improvements. Nevertheless, as runaway youth are a heterogenous group, professionals should approach each case with individuality and flexibility,

whilst also considering short- and long-term needs. Moreover, following the ecological perspective, it must be recognised that the role of the professionals in runaway intervention is multifaceted and everchanging, as they address multiple aspects of life. Whilst this highlights key challenges, establishing a multidisciplinary and collaborative intervention based on the values of trust and confidentiality, are clearly major factors that are more likely lead to the success of intervention. However, whilst professionals should aim to address their shortcoming when it comes to outreach, the spread of knowledge and information, and the push for collaboration wherever possible, there are also significant obstacles due to the structure of society, which are of the responsibility of the state. Until these wider structural issues are addressed, intervention will continue to experience challenges and limitations that can significantly impede success.

## **Conclusion**

In conclusion, the results from the research of this report have found parallels between the literature on runaways and social work interventions, and also contributed to the knowledge on this topic. Firstly, runaways are a heterogenous group with unique needs who seem to be spending less “visible” time on the streets, highlighting the need to understand how to identify them better and how their networks operate. Secondly, as risk and protective factors are contextual and temporal, this report has confirmed the necessity of multidisciplinary interventions, promoting collaboration with families and other organisations as much as possible. Moreover, although a difficulty, a key factor in intervention is the creation of relationships with the youth, built on trust and confidentiality, to rightfully advance in all spheres of intervention. Values and strategies to be promoted are then of care, patience, believing in their abilities and fostering their interests. The intervention should focus on the family, and in particular in establishing safe, communicative and sustainable relationships. The family setting has been identified by academics, and confirmed by this research, as a source of risk with the potential to transform into one of protection, which underpins the cruciality of detecting possible risk in this environment. Another known context of risk is that of the school, this study has specifically highlighted the support from teachers and the interest in the course content as possible reducers of risk, while attention deficit acts as a risk inducer. Nevertheless, schools are a crucial space to

focus on prevention of runaway behaviour, as trauma, ACEs and behavioural issues can be detected, if teachers are trained in identifying these signs. Lastly, the lack of public knowledge about specialised organisations is a negative aspect that needs enhancement. Social services should work on fostering a positive and trustworthy image and reputation to better incentivise youths and their families to seek help when needed.

Limitations of this specific research are related to time and language barriers. On the other hand, limitations in the broader sense of this topic are related to difficulties in establishing real cause-effect of intervention due to the intersectionality of factors including socioeconomic restrictions imposed by society. The political system of a given society implies future research on how social and health workers can put pressure on the system and strengthen their work in the reduction of these challenges. Furthermore, there is a need for more collaborative and extensive research on this topic, especially considering the complexity of human behaviour and the limits in analysing social impact in the social arena. Future studies may focus on how national and international referral systems can be improved, as well as how collaboration between organisations and the state can become more efficient. As runaways seem to be adapting to the evolving societal context, making them less “visible”, it is also important to investigate these changes to be able to continue locating them as efficiently as possible. Lastly, the aspect of gender in relation to more efficiency in intervention, as well as gangs in relation to runaway behaviour, were highlighted, suggesting them for future studies. To conclude, professionals must consider the individuality of each case, be flexible, and consider the positive practices highlighted in this report for a more efficient and successful intervention.

## Reference List

- Adams, R., Dominelli, L., Payne, M., & Campling, J. (1998). *Social Work: Themes, issues and critical debates*. MacMillan Press LTD.
- Administration on Children, Youth and Families (ACYF). Promoting Protective Factors for In-Risk Families and Youth: A Brief for Researchers. Development Services Group. Children's Bureau.
- Amado, João e Freire, Isabel, 2013, "Estudo de caso na investigação em educação", in Amado (coord.), 2013, *Investigação Qualitativa em Educação*, Imprensa da Universidade de Coimbra (pp. 121-143)
- Antunes, M. F. M. (2020). *Perceção dos Agentes de Primeira e Segunda Linhas da Promoção e Proteção de Crianças Relativamente à Lei 147/99 de 1/9* (Doctoral dissertation, Instituto Politecnico de Viseu (Portugal)).
- Barrocas, A. M. S. (2017). *Práticas implementadas pelos CAFAP na intervenção com famílias: percepções dos técnicos sobre fatores de sucesso* (Doctoral dissertation, Instituto de Ciências da Família da Universidade Católica Portuguesa).
- Bellis, M. A., Hughes, K., Leckenby, N., Perkins, C., & Lowey, H. (2014). National household survey of adverse childhood experiences and their relationship with resilience to health-harming behaviors in England. *BMC medicine*, *12*(1), 1-10.
- Bounds, D. T., Edinburgh, L. D., Fogg, L. F., & Saeywc, E. M. (2019). A nurse practitioner-led intervention for runaway adolescents who have been sexually assaulted or sexually exploited: Effects on trauma symptoms, suicidality, and self-injury. *Child Abuse & Neglect*, *90*, 99-107.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard university press.
- Carmo, H. (2010), Rumos da intervenção social com grupos no início do século XXI, in Barata, O.S. (coord.), *Política Social e Sociologia*, Lisboa: ISCSP-UTL

- Carvalho, A. I. T. D. (2015). *Protecção de crianças e jovens em Portugal* (Doctoral dissertation, Faculdade de Direito Universidade Nova de Lisboa)
- Coutinho, Clara Pereira, 2013, “Viabilidade e Fiabilidade na Investigação Qualitativa”, *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas, Teorias e Práticas*, Coimbra, Almedina
- Dammak, A. (2015). Research paradigms: Methodologies and compatible methods. *Veritas*, 6(2), 1-5.
- Davies, B. R., & Allen, N. B. (2017). Trauma and homelessness in youth: Psychopathology and intervention. *Clinical Psychology Review*, 54, 17-28.
- de Abreu, C. P., Sá, I. C., & Ramos, V. C. (2010). *Protecção, delinquência e justiça de menores: um manual prático para juristas e não só*. Edições Sílabo.
- Ellis, W. R., & Dietz, W. H. (2017). A new framework for addressing adverse childhood and community experiences: The building community resilience model. *Academic pediatrics*, 17(7), S86-S93.
- European Commission, Directorate-General for Justice, Day, L., Cancedda, A., Dimitrova, D. (2014). *Missing children in the European Union: mapping, data collection and statistics*, Publications Office. <https://data.europa.eu/doi/10.2838/72121>
- Fallon, B., Filippelli, J., Joh-Carnella, N., Milne, E., & Carradine, J. (2018). Promoting protective factors in environments of risk for young children: An organizing framework for practice, policy, and research. *Gender and the Genome*, 2(4), 96-110.
- Fonseca, A.C. (2004). Crianças e jovens em risco: análise de algumas questões actuais. In M.H.D. da Silva., A.C. Fonseca., L. Alcoforado., M.M.Vilar., C.M.Vieira (Eds.), *Crianças e Jovens em Risco da Investigação á Intervenção* (pp.11-32). Livraria Almedina.
- Gallagher, M., Smith, M., Hardy, M., & Wilkinson, H. (2012). Children and families' involvement in social work decision making. *Children & Society*, 26(1), 74-85.

Gilligan, R. (2004). Promoting resilience in child and family social work: Issues for social work practice, education and policy. *Social Work Education, 23*(1), 93-104.

Greene, J. M., Sanchez, R., Harris, J., Cignetti, C., Akin, D., & Wheelless, S. (2003). Incidence and prevalence of homeless and runaway youth. *Final Report to the US Department of Health and Human Services*.

Gwadz, M., Freeman, R., Leonard, N. R., Kutnick, A., Silverman, E., Ritchie, A., ... & Powlovich, J. (2018). Understanding organizations serving runaway and homeless youth: A multi-setting, multi-perspective qualitative exploration. *Child and Adolescent Social Work Journal, 36*(2), 201-217.

Haber, M. G., & Toro, P. A. (2004). Homelessness among families, children, and adolescents: An ecological–developmental perspective. *Clinical Child and Family Psychology Review, 7*(3), 123-164.

Heinze, H. J., Jozefowicz, D. M. H., & Toro, P. A. (2010). Taking the youth perspective: Assessment of program characteristics that promote positive development in homeless and at-risk youth. *Children and youth services review, 32*(10), 1365-1372.

Holliday, S., Edelen, M. O., & Tucker, J. S. (2017). Family functioning and predictors of runaway behavior among at-risk youth. *Child and adolescent social work journal, 34*(3), 247-258.

Holosko, M. J., Dulmus, C. N., & Sowers, K. M. (2013). *Social Work Practice with Individuals and Families: Evidence-informed Assessments and Interventions*. John Wiley & Sons.

Instituto de Apoio à Criança (IAC). (2021). *Relatório de atividades 2021 Pela Defesa dos Direitos da Criança*. Retrieved from [https://iacrianca.pt/wp-content/uploads/Relatorio\\_atividades\\_2021\\_Com-atas-Digital.pdf](https://iacrianca.pt/wp-content/uploads/Relatorio_atividades_2021_Com-atas-Digital.pdf)

Jack, G. (1997). An ecological approach to social work with children and families. *Child & Family Social Work, 2*(2), 109-120.

Jeanis, M. N., Fox, B. H., & Muniz, C. N. (2018). Revitalizing profiles of runaways: A latent class analysis of delinquent runaway youth. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 36(2), 171-187

Karabanow, J., & Clement, P. (2004). Interventions with street youth: A commentary on the practice-based research literature. *Brief Treatment & Crisis Intervention*, 4(1).

Martinez, R. J. (2006). Understanding runaway teens. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 19(2), 77-88

Martins, P. C. (2004). Protecção de crianças e jovens em itinerários de risco: representações sociais, modos e espaços (Dissertação de doutoramento não publicada, Instituto dos Estudos da Criança, Universidade do Minho).

McMorris, B. J., Tyler, K. A., Whitbeck, L. B., & Hoyt, D. R. (2002). Familial and "on-the-street" risk factors associated with alcohol use among homeless and runaway adolescents. *Journal of Studies on Alcohol*, 63(1), 34-43.

Mendes, C. M. F. (2021). *O Papel do Estado Na Promoção dos Direitos da Criança e Na Sua Protecção: Da Prevalência da Família às Medidas de Colocação* (Doctoral dissertation, Universidade NOVA de Lisboa (Portugal)).

Miyashita et al., E., et al., (2021). RADAR Full Research Report Running Away: Drivers, Awareness, and Responses, Missing Children Europe. Retrieved from <https://policycommons.net/artifacts/1854447/radar-full-research-report-running-away/2601968/> on 24 Jan 2023. CID: 20.500.12592/6j2g59

Morewitz, S. J., (2016). *Runaway and Homeless Youth Interventions* (pp. 209-218). Springer International Publishing.

NHS. The Annual Report of the Director of Public Health. (2018). *Adverse Childhood Experiences, Resilience and Trauma Informed Care: A Public Health Approach to Understanding and Responding to Adversity*. Retrieved from [https://www.researchgate.net/publication/329515047\\_Annual\\_Report\\_of\\_the\\_Director\\_of\\_Publi](https://www.researchgate.net/publication/329515047_Annual_Report_of_the_Director_of_Publi)

[c Health 2018 Adverse Childhood Experiences Resilience and Trauma Informed Care A Public Health Approach to Understanding and Responding to Adversity](#)

NHS Salford. Risk and Protective Factors. Salford Primary Care Trust. Accessed on the 20<sup>th</sup> of January 2023

OHCHR, Convention on the Rights of the Child. Retrieved from <https://www.ohchr.org/en/professionalinterest/pages/crc.aspx>

Oliveira, C. A. (2016). *Crianças e adolescentes em situação de rua: apoios, limitações e desafios* (Doctoral dissertation, Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (Portugal)).

Pardeck, J. T. (1996). *Social work practice: An ecological approach*. Auburn House publishing.

Projecto Rua "em família para crescer": IAC: Contacte-Nos! Instituto de Apoio à Criança. (2022, April 12). Retrieved January 24, 2023, from <https://iacrianca.pt/intervencao/projecto-rua-em-familia-para-crescer/>

Reis, V. J. O. (2009). *Crianças e jovens em risco: Contributos para a organização de critérios de avaliação de factores de risco* (Doctoral dissertation, Universidade de Coimbra (Portugal)).

Roose, R., Roets, G., Van Houte, S., Vandenhoe, W., & Reynaert, D. (2012). From parental engagement to the engagement of social work services: Discussing reductionist and democratic forms of partnership with families. *Child & Family Social Work, 18*(4), 449-457.

Sasser, J., Duprey, E. B., & Oshri, A. (2019). A longitudinal investigation of protective factors for bereaved maltreated youth. *Child abuse & neglect, 96*, 104135.

Slesnick, N., Dashora, P., Letcher, A., Erdem, G., & Serovich, J. (2009). A review of services and interventions for runaway and homeless youth: Moving forward. *Children and youth services review, 31*(7), 732-742.

Sirgado, M. D. J. D. C. E. (2015). *Crianças em situação de rua: o caso do IAC–projecto rua “Em Família para Crescer”* (Doctoral dissertation, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas).

Social Exclusion Unit. (2002). *Young Runaways*. Retrieved from <https://docslib.org/doc/4306614/young-runaways-report-by-the-social-exclusion-unit>.

Smyth, E., & Darmody, M. (2021). *Risk and protective factors in adolescent behaviour: The role of family, school and neighbourhood characteristics in (mis) behaviour among young people* (No. 119). Research Series.

Skarupská, H. (2016). Selected methods of intervention suitable for work social educator with children at risk of social exclusion. *Sociální pedagogika | Social Education*, 4(1), 87-103.

Strauss, Anselm; Corbin, Juliet, 2008, Pesquisa Qualitativa, Técnicas e Procedimentos Para O Desenvolvimento De Teoria Fundamentada, São Paulo, Artmed, Bookman (pp.15-45 e 48-62)

Tozer, K., Tzemis, D., Amlani, A., Coser, L., Taylor, D., Van Borek, N., ... & Buxton, J. A. (2015). Reorienting risk to resilience: street-involved youth perspectives on preventing the transition to injection drug use. *BMC Public Health*, 15(1), 1-11.

Trevithick, P. (2012). *Social Work Skills And Knowledge: A Practice Handbook*. Third Edition. McGraw-Hill Education (UK).

Verhellen, E. (2015). The Convention on the Rights of the Child: Reflections from a historical, social policy and educational perspective. In *Routledge international handbook of children's rights studies* (pp. 43-59). Routledge.

Williams, N. R., Lindsey, E. W., Kurtz, P. D., & Jarvis, S. (2001). From trauma to resiliency: Lessons from former runaway and homeless youth. *Journal of Youth Studies*, 4(2), 233-253.

Yin, Robert K., 2006, "Conduzindo Estudos de Caso: colecta de evidências", São Paulo, Bookman (pp.109-170)

Zolkoski, S. M., & Bullock, L. M. (2012). Resilience in children and youth: A review. *Children and youth services review*, 34(12), 2295-2303.

# Appendix

## Appendix A – Biograms

### Case 1: Linda

Axes \ Age	0	8	9	13	15	17	18	19	20	LINDA	
Personal - Family	temperamental behavior (date not exact) according to psy. Report		Separation of parents. The dad left the house and became very absent in her life.	birth of baby sister	Stress of taking care of sister. Went to live with dad- the situation worsened. Fuga: 3 weeks (however, she has escaped twice before) Family therapy with estrela do mar association. She does not comply. She later on changes these to do individual therapy	Problems within family due to stressful situation of having to leave current home. Moved to small house (intensifying stress).	participates in many recreational activities this year with Projeto Rua. For ex. Rock in Rio festival	Still, difficult relationship with mom moves in with boyfriend Interview with radio belem to talk about her life	Participates in project radar (research on runaway youth)	positive event in life	
Education - other competencies					7 ano: Casa pia in Belem (apoio a familia e comunidade). Date not specific: never showed much interest in school, much absentism	Entered commerce school (vitrinismo) which is motivating her to learn english to be able to do her internship abroad	Busy but shows interest and commitment to her studies	Enjoys school, will do internship abroad	Internship abroad. finished 12 ciclo of education	stressful event in life	
Professional trajectory					first job in a call center (that unfortunately she had to quit because of caring for her sister)		Started working at B.K (positive)				
Deviant behaviors					The situation worsened and she started being absent during the day from school and home. In june: shop theft						
Relationship with social services					The runaway episode was referred to CPCJ do restelo and to PSP  The family is being accompanied by a team of SCML. Started with IAC intervention - plan established. At first resistant and still episodes of running away	Intervention with CDJ (Projeto Rua). She is collaborating (work on skills, activities, psychology sessions and relationship building with mom)		Meeting between mom and Linda at santa casa financial support from S.C to family Financial donations			
Relationship with judicial system					Tutela educativa process: 25h of community service due to theft. Concluded with success but measure by CPCJ is continued in order to keep observing						
Place of residence	Born in Capeverde. The family did not live together	came to Portugal after mother & father								moved to Switzerland with boyfriend	
	2002	2010	2011	2015	2017	2019	2020	2021	2022		

Source: Own elaboration

## Case 2: Paul

Axis	0	5	6	9	10	12	13	14	15	Paul	
Personal - Family	learning disability aggravated by behavioral difficulties present since birth (according to psy.report)	Conflict with sister, comparing with her good behavior		father suddenly and without explanation abandoned the household, having returned to his country of origin, Guinea, and since then has shown no interest in the family.  The teens waited for his return for 1 year. Worsening of conduct in school, more aggressive behavior with teachers. Less motivation and interest. Starts skipping  Mom starts reporting episodes of discrimination towards son by adults and peers	The mom has always showed sadness and passivity regarding the issues related to his education. Worry and depressive mindset. Mom's depression increased as the child's (increased behavioral and academic issues)				Cancer treatment, grandmother (increase of depression of mother)  Affectionate youngster. He maintains a close relationship with his mother  The economic situation is precarious. They might be evicted because owner wants house	positive event in life	stressful event in life
Deviant behavior									integration in groups of young people with interests outside the school. The group has rivalries with other groups in the area Mom found parts of a gun in his room, he fled. Escape of several days (July) theft of mobilephone with other youth. Mom suspects of substance use and adherence to deviant friend group		
Health									the doctor withdrew the medication, considering it inefficient.  the integration in psychology sessions at IAC		
Education - other competencies			1 ciclo Teacher reports little effort, easy distraction but good capacities, easily conflict with other students			special educational needs – department of pediatrics		2021/ 2022 attends, for the second consecutive year, the 7th grade, not benefiting from support inherent to the statute. He has recently started with tutorial support.	changed to bakery school (what he desired)  still, poor school attendance, high absenteeism and academic failure due to this.  Later in the year started an apprenticeship with a bakery in Lisbon showing great enthusiasm and commitment		
Relationship with social services									Referral to CDU (Projeto Rua). From this point on many recreational activities with IAC  Due to the arm found, the police and the PSP were contacted and the CPCJ. The mom also contacted the lawyers at IAC to understand his rights and duties		
Relationship with judicial system								Educational Accompaniment measure, for 18 months, until April 2022. Measure extended due to the arm situation however as of now (november) not active. Deliberation of the Protective measure also awaited			
Place of residence								Portugal			
Year	2006	2012	2013	2017	2018	2019	2020	2021	2022		

Source: Own elaboration

### Case 3: Sam

Age	0	5	6	10	11	12	13	14	15	Sam	
Personal - Family									difficult relationship with mother Fuga: on the 09/08 he did not get home	positive event in life	stressful event in life
Health							followed in the 'Apareca' clinic in child psychiatry due to attention deficit and hyperactivity				
Education - other competencies									demotivation at school change of school to Professional School of Trade for Restaurant/bar		
Deviant behavior							before covid, accused of possible sexual abuse and he was referred to the DGRST		continuation of disruptive behaviors. Accused of sexual misconduct for the second time. He also entered the girls' bathroom at school.		
Relationship with judicial system							DGRST opening of procedure, which is continued after completion due to other accounts. Autumn-meio tutelado educativo (1.5 years)				
Relationship with social services							psychological consultations with IAC due to measurement	Referral to IAC (Projeto Rua). From here participation in many recreational activities. Also before going to the court, he received assistance from the lawyers of IAC.			
Place of residence	Portugal										
Year	2007					2018	2019	2020	2021	2022	

Source: Own elaboration



## Appendix B – Interview Guides

Universidade Católica Portuguesa

Mestrado em Serviço Social

Sofia Della Casa

### GUIÃO DAS ENTREVISTAS

Data    /    /   

Local da entrevista: \_\_\_\_\_

#### **Dados sociodemográfico:**

Informação geral sobre pessoa/s entrevistadas

Nome:

Sexo:

Idade:

Ocupação:

Zona de habitação:

Ano escolaridade:



Universidade Católica Portuguesa

Mestrado em Serviço Social

Sofia Della Casa

## GUIÃO DAS ENTREVISTAS

Data \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

Local da entrevista: \_\_\_\_\_

### **Dados sociodemográfico:**

Informação geral sobre pessoa/s entrevistadas

Nome:

Sexo:

Idade:

Função na instituição:

Área de formação:

## Appendix C – Consent Form



Universidade Católica Portuguesa

Mestrado em Serviço Social

Sofia Della Casa

### KEY ASPECTS IN INTERVENTION TO SUPPORT RUNAWAY YOUTHS: THE EXPERIENCE OF IAC

Eu, Sofia Della Casa, aluna do 2º ano do Mestrado em serviço social da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, estou a realizar um estágio no âmbito da Dissertação de Mestrado. O estágio que está a ser desenvolvido no Instituto Apoio Criança (IAC), inclui 375 horas práticas e a realização de um relatório escrito na área de intervenção com crianças e jovens que fogem das casas e das instituições. Com a presente investigação, pretende-se, numa primeira instância, explorar o conceito de jovens fugitivos na escala global, incluindo os fatores de risco e proteção desta população e como são protegidos no contexto do sistema português de promoção e proteção. Numa segunda instância, no contexto do estágio, identificar através de observação direta, análise documental e entrevistas, fatores de sucesso de intervenção e os desafios para a equipa da intervenção. Os dados recolhidos em áudio, através de anotações e gravação, serão tratados com confidencialidade e só' destinam-se para fins académicos e científicos. Agradeço a vossa colaboração.

## Declaração de Consentimento

Eu (nome e apelido) \_\_\_\_\_ declaro que conheço os objetivos do estudo e aceito colaborar com a investigadora Sofia Della Casa. Compreendo que os meus dados pessoais não serão divulgados nem a entrevista será utilizada para outros fins para além dos acima mencionados. Também, sei que tenho o direito de colocar em algum momento, perguntas acerca do estudo, tal como interromper a minha participação nesta entrevista. Sinto que estou suficientemente informado/a e permito que a entrevista seja gravada em áudio e que sejam registadas anotações.

Data \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

Assinatura do entrevistado/a

---

Assinatura da investigadora

Sofia Della Casa

---

## **Appendix D – Interview Questions**

### **Entrevista aos miúdos**

#### **Objetivos específicos:**

Compreender que acontecimentos críticos (positivos e negativos) levaram à sua fuga, bem como se existem quaisquer fatores de risco ou de proteção presentes nas suas vidas; identificar momentos de intervenção; compreender como percebem a intervenção/apoio da IAC.

#### **Perguntas:**

##### **1. Percurso de vida**

Podes falar-me um pouco da tua vida até agora?

Consegues identificar os momentos mais marcantes até hoje?

##### **1. Momento de Fuga**

Quantas vezes fugiste?

Quais os motivos que levaram a que isso acontecesse?

Para onde foste? Como te sentiste?

O que te ajudou nessa altura?

##### **2. Intervenção**

Ao longo da tua vida, quem mais te ajudou? Houve alguma intervenção técnica?

Em relação à intervenção do IAC, podes contar-me o que foi feito? O que te ajudou? O que poderia ser diferente?

## **Entrevista as mães**

### **Objetivos específicos:**

Compreender como as mães percebem as viagens da vida dos seus filhos; tentar identificar os fatores de risco e proteção que influenciam as escolhas dos seus filhos; recolher mais informações sobre o ato de fuga e como as mães reagiram ao acontecimento; compreender como a intervenção da IAC com os seus filhos é percebida pelas mães.

### **Perguntas:**

#### **1. Percurso de vida do filho**

Como descreveria o seu filho/a?

Que momentos do percurso de vida do seu filho/a são mais marcantes?

Teve alguma intervenção ao longo desse período?

#### **2. Momento de Fuga**

Quantas vezes o seu filho/a fugiu? quais foram os motivos?

Quando isso aconteceu, o que fez? Como se sentiu? Quem a ajudou?

#### **3. Intervenção IAC**

Qual tem sido a sua relação com IAC?

Em que a tem ajudado?

O que considera mais positivo? O que poderia ser diferente?

## **Entrevista aos profissionais**

### **Objetivos específicos:**

Recolher informações do ponto de vista dos profissionais, sobre as situações de vida dos adolescentes, especificamente quais os fatores de proteção e de risco que influenciam as suas vidas; identificar a intervenção realizada em cada caso (o que foi feito, como foi feito), compreender a sua intervenção nestes casos e identificar os fatores de sucesso e limitantes da intervenção; compreender se a sua intervenção corresponde à da literatura.

### **Perguntas:**

#### **1. Percurso de vida**

Podem descrever a situação de X?

#### **2. Intervenção específica no caso**

Podem descrever o processo de intervenção realizado com X?

O que considera ter sido mais positivo?

Quais as maiores dificuldades na intervenção? Que limites podem existir nesta intervenção?

O que poderia ser diferente?

## **Entrevista de grupo aos profissionais**

### **Objetivos específicos:**

Compreender a intervenção geral da IAC e especificamente o Projeto Rua em geral; identificar fatores de sucesso e limitantes na intervenção geral e o que pode ser melhorado; compreender se a sua intervenção corresponde à da literatura.

### **Perguntas:**

#### **1. Fuga**

Quais são os motivos que levam um jovem a fugir?

#### **2. Intervenção**

Quais são os elementos-chave na intervenção com jovens em fuga?

Quais as maiores dificuldades?

#### **3. Futuro**

Quais são as perspectivas futuras do IAC?

Algo vai a mudar?

## Appendix E - Interview Transcriptions

### Entrevista 1- Linda

(Entrevistadora): *Olá Boa Tarde, o meu nom é Sofia e tenho algumas perguntas não são muitas, o primeiro grupo é sobre o teu percurso de vida.*

(Entrevistada) Linda: *Ok, sim, sim .*

(Entrevistadora ) Sofia: *Podes falar um pouco sobre a tua vida até agora?*

(Entrevistada )Linda: *Até agora, então agora tenho 20 anos nasci em Cabo Verde, vim quando eu tinha 8 anos, vivi com a minha mãe e com o meu pai, durante mais ou menos 1 ano em Portugal, depois eles divorciaram-se, depois passado mais ou menos uns 4 anos a minha mãe teve um namorado que herdou uma irmã minha que agora tem 7 anos, depois a gente acabou por mudar de casa e a gente foi para uma casa maior, porque aquela casa era mais pequenina... Passando, esse tempo mais ou menos eu já estava com 16 anos, eu comecei a trabalhar que foi o meu primeiro trabalho no call center que era com... era no call center de...de água e antes disso foi quando eu mudei de casa para uma casa maior quando tive esses problemas com a minha mãe que teve o... acabei por fugir de casa nesse sentido. Porque com a minha irmã nasceu eu tive que deixar o trabalho e nesse momento eu estava a estudar e a trabalhar ao mesmo tempo então eu tive que deixar esse trabalho e tive que cuidar da minha irmã porque a minha mãe tinha um horário muito extenso então não conseguia cuidar da minha irmã, então eu tive que deixar o trabalho, deixei de sair para cuidar dela, então nesse sentido houve um bocadinho de confusões, porque eu tinha de deixar de viver a minha vida para poder cuidar da minha irmã mais pequena e eu não queria nada daquilo, porque basicamente eu não estava aproveitar a minha vida e basicamente estava a cuidar da minha irmã, porque a minha mãe trabalhava mais ou menos, ela saia de casa mais ou menos às 5 da manhã, vinha mais ou menos na hora de jantar e depois só voltava pela meia noite, ou seja era das 5 da manhã até a meia noite.*

*Era basicamente, eu ia para a escola, eu voltava e ficava com ela aquele período todo e isso ficou muito naquela confusão.*

(Entrevistadora): *A tua idade era?*

(Entrevistada) Linda: *Eu acho que comecei a cuidar dela com 15 anos, depois quando eu fiz 16 anos, comecei a trabalhar sim.*

*E houve essa confusão toda, que não deu para sair e eu comecei a fugir de casa, comecei a sair mais tarde, a ir passear e a não voltar mais e houve essa confusão toda e depois eu fui viver com o meu pai, que o meu pai vive na Reboleira. O meu pai tem.. vivia com uma mulher dele que faleceu há mais ou menos 1, 2 anos e meio de cancro, ela faleceu.*

*Ele viveu nesse momento com ela, com um filho (ahhh), com uma filha Diana, que eu acho que tem uns 10 anos, o meu irmão mais velho, o do meio que tem 23 anos... eu vivi com ele e não deu muito certo, porque eu nunca tinha vivido com ele, e eu sou mulher e como ele é homem tem aquele proteção de pai...de não podes sair tarde, tens de voltar cedo e Reboleira é um sitio um bocadinho perigoso, assim para voltar à noite, mas eu já estava habituada então para mim era uma coisa normal, houve aquela confusão, arranjei confusão com o meu pai também, depois passado mais ou menos 1 mês, fiquei a viver*

*na casa de uma amiga e depois eu tive que ir viver com a minha mãe, porque já não estava a dar e mais ou menos foi isso, essa história que houve com a minha mãe, depois na casa onde a gente vivia, continuei a viver com a minha irmã, a cuidar da minha irmã esse tempo, porque eu não tinha como e depois que eu fugi de casa é que a minha mãe começou a perceber que se calhar era isso que estava a infringir isso, por isso que houve essa confusão toda. Depois, passado um tempo, eu acho que já tinha saído daquele trabalho no call center, houve assim... eu acho que fiquei um pouco fora de casa sim, e depois tivemos que mudar de casa, porque os donos queriam outro, queriam comprar o prédio, então a gente foi viver para outro sítio que a casa era menor e aí quando eu fui para aí, para essa casa, que já foi mais ou menos uns 3 anos, eu mudei de escola.*

*Eu já estava, num... numa escola que era o 10º, 11º e 12º ano, que foi aí que tirei o curso de vitrinismo, que é área que eu gosto, que é área da moda, daí nesse período eu tive ajuda da santa casa que é mais ou menos parecido com o IAC, eles me ajudaram.*

*Aquela escola era privada, ou seja, eu tinha que pagar a escola, então a santa casa, ficou me ajudar porque a minha mãe não tinha possibilidade, de me ajudar a pagar a escola. Então, eles ficaram mais ou menos 3 anos comigo, foi agora 5 meses que elas pararam de ajuda, fiquei a estudar aí...*

*Entrevistadora( Sofia): Gostaste da escola? Foi bom?*

*Entrevistada (Linda): Sim gostei, depois quando eu comecei a 3 anos atrás, nessa escola eu arranjei outro trabalho, que era no Burger King, na restauração. Fiquei lá 3 anos, fiquei lá a trabalhar e aí já conseguia ajudar a minha mãe e nesse momento tava a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo, ou seja, eu saía de casa às 8 da manhã e chegava à meia noite, era mais ou menos parecido ao horário da minha mãe há uns tempos atrás e foi assim.*

*(Entrevistadora) Sofia: Então o cuidado, com uma irmã ficou mais tranquilo?*

*(Entrevistada) Linda: Sim, Sim ficou mais aí, passado esses 3 anos que eu comecei a trabalhar e eu mudei de escola é que eu comecei já a perceber que aquilo de cuidar da minha irmã me fez bem, porque naquele momento que tinha 13/14 anos eu queria sair né, não era uma coisa que eu gostava de fazer, mas eu agradeço hoje porque foi graças a isso com que me ajudou a crescer, porque se não fosse isso, se calhar agora não sou a mulher que sou, não sou a pessoa que eu sou.*

*Então eu fiquei esse tempo a trabalhar e a estudar, depois no meio do 12º ano, eu arranjei um namorado, isso já foi há um ano, fui viver com ele, porque ele vive no Cacém, a gente foi viver lá e passado mais ou menos uns seis meses a gente decidiu que não queríamos ficar mais em Portugal e fomos para a Suíça juntos.*

*Eu conheci ele no meu trabalho, porque ele começou a trabalhar no Burger King, então a gente se conheceu lá, depois fui viver com ele mais ou menos dois meses. Houve um bocado de atrito por parte da minha mãe, porque eu já queria sair de casa, mas era aquela coisa, nunca pensou que eu sáísse tão cedo, então foi isso, depois, antes de ir para a Suíça, com ele eu acabei a escola, acabei tudo. Fui para a Suíça em Setembro, não em Maio, acho que fui em Junho eu fui para lá, conseguimos uma casa, neste caso a mãe consegui-o arranjar uma casa, porque já tinha documento de lá, não dava para fazer com o nosso nome, então o pai dele e a mãe fizeram tudo, a gente foi lá conseguimos uma casa, a gente chegou lá e conseguimos trabalho logo no segundo dia, tudo graças a mãe dele, porque ela já estava numa empresa.*

*Com na Suíça é muito frio, então aquele trabalho só funciona por 6 meses, ou seja, fechou em Setembro e agora só abre no verão de novo e a gente aproveitou esse período para vir para Portugal tirar a carta de condução, porque lá é tudo perto, mas de carro, porque se for de transportes é muito longe. Lá gastasse quase 200 francos em transportes e não vale a pena porque a gasolina, tu metes a 50 francos então tem aquele equilíbrio que valia mais a pena, então a gente trabalhou, juntou dinheiro e agora estou aqui, Portugal.*

*Agora estou a viver na Reboleira na casa de uns amigos dele, porque é mais perto da minha aula de condução. A família dele vive em Mafra, era muito longe.*

*Entrevistadora (Sofia): No mesmo sentido, já falaste muito da tua história de vida, será possível identificar momentos mais marcantes da tua vida. Já referiste, cuidar da tua irmã, positivos ou negativos, há outros?*

*Entrevistada (Linda): Sim, cuidar da minha irmã, o quão eu consegui um trabalho com 16 anos, que todo o mundo ficou... “ahhh essa criança, que ela está aqui a fazer”, mas consegui trabalhar lá e também consegui “viver sozinha”, com o meu namorado, mas sair assim, sair do berço da minha mãe e ir viver com outra pessoa e agora mudar de país, mas o que marcou mais a minha vida, foi mesmo o momento que eu tive, que eu me apercebi que me fez bem cuidar da minha irmã.*

*Entrevistadora (Sofia): Agora vamos passar para o momento de fuga, quantas vezes fugiste de casa?*

*Entrevistada (Linda): Ahhh, eu acho que assim, não foi bem fugir, fugir... mas fugir eu fugi uma vez, que eu fiquei um período grande fora de casa.*

*Entrevistadora (Sofia) : Quanto tempo demorou esse período?*

*Entrevistada (Linda): Fiquei 2/3 meses, mais ou menos. Fiquei na casa da minha amiga, fiquei na casa do meu pai... Fiquei uns tempos assim. Mas fugir só sai uma vez, mas sair de casa, sai mais de que uma vez... Sai muito, por exemplo, saía de casa na segunda e só voltava na outra da semana seguinte.*

*Entrevistadora (Sofia): Então algumas vezes?*

*Entrevistada (Linda): Sim, uns 5 vezes...*

*Entrevistadora (Sofia): Quais os motivos, que te levaram que isso acontece-se?*

*Entrevistada (Linda): Foi exatamente, a minha mãe, eu sentia que ela me subcarregava ao cuidar da minha irmã, sentia que não estava aproveitar a minha juventude por cuidar da minha irmã. Como me dava com pessoas mais velhas que eu, então, basicamente quando tinha 15 anos eu andava com pessoas que tinham 18 anos, eles com 18 anos eles saíam... eu já não podia sair, então fiquei um bocadinho ....*

*Entrevistadora (Sofia): Isso melhorou com o teu pai?*

*Entrevistada (Linda): Com o meu pai, a gente sempre foi assim, a gente dá-se bem, mas de longe... eu tou aqui e ele está ali. Mas desde que ele veio para Portugal, a gente foi assim, nunca foi de dar assim muito bem. Portanto, não era nada de extraordinário.*

*Entrevistadora (Sofia): Quando fugiste, para onde foste e como te sentias?*

*Entrevistada(Linda): Eu fui para a casa de uma amiga, casa do meu pai, casa de amigos, foi sempre assim, nunca dormi na rua... ficava na rua mas era para ficar lá até tarde, nunca senti a necessidade de dormir na rua.*

*O sentimento, que eu sentia naquele momento é que estava bem, porque eu estava livre, estava ótima, estava a fazer o que queria fazer da vida, estava ótima... graças a deus nunca estive em perigo, então para mim estava tudo ótimo.*

*Entrevistadora (Sofia): Tiveste pessoas que te ajudaram?*

*Entrevistada(Linda): Sim, a minha amiga, a pessoa que eu considero minha prima.*

*Ela é que me ajudou muito, porque ela como vive só com o pai, e pai dela, sempre me conheceu muito cedo, então não teve aquela, aquela coisa de “ai ela está a fugir de casa”, ele sempre pensou que eu lá estava, porque eu antes de fugir de casa, estive sempre na casa dela, ficava sempre com ela, ficava uma semana com ela, mas nesse momento a minha mãe sabia, então foi aquela coisa de nunca pensar que eu fugi, mas basicamente foi ela que me ajudou, nunca me cobrou nada por ficar lá, ajudaram me muito.*

*Entrevistadora (Sofia): Passamos agora para o próximo grupo, ao longo da tua vida, que mais te ajudou, pode ser amigos, como a tua prima, família, mas também intervenção mais técnica?*

*Entrevistada(Linda): Tive, tive, o SOS Criança, os técnicos do IAC. Eles ajudaram-me muito. Porque elas sempre foram muito teimosas comigo. Eu era um bocadinho do contra, elas nunca desistiram de mim, estavam sempre lá e até hoje temos uma relação boa, porque elas nunca desistiram de mim.*

*Todos os sábados, tínhamos uma espécie de reunião, que íamos lá nos Anjos, onde eles tem outra casa a gente ficava lá almoçar a fazer perguntas.*

*Como era a pessoa que tinha chegado, à pouco tempo, elas ficam muito em cima de mim, como gostavam muito de mim, também faziam muitas perguntas, queria saber muita coisa, eu não gostava. Houve um período que eu deixei de ir, ia a minha mãe, que elas me ligavam e eu não atendia e depois eu fui crescendo, fui amadurecendo, depois havia dias que eu não queria ir, depois elas diziam “Linda, se quiseres vir vem, se não quiseres vir não venhas” e eu depois ia. A equipa do IAC me ajudou nesse processo*

*Entrevistadora (Sofia) : Houve outras equipas?*

*Entrevistada(Linda): Houve a Santa Casa, havia uma equipa com duas mulheres e eu não gosto de mudar de pessoas, por exemplo eu agora estou com os técnicos do IAC, não gosto que venham outras pessoas, porque vou te que falar tudo de novo e estou a sentir que invadem a minha privacidade, então quando entrei na Santa Casa, teve duas, que me ajudaram bastante mas depois mudaram de equipa, saíram daquela parte da Santa Casa e vieram outras pessoas, eu tive de me adaptar de novo a outras pessoas, já estava um bocadinho agarradas a elas e quando eu agarro uma pessoa eu agarro, quando eu não quero saber eu não quero e basicamente eu agarrei-me muito a elas, depois vieram outras pessoas era boas, mas não era mesma coisa, não era a mesma ligação. Eu comecei a não ir também... elas ajudavam muito, eram pessoas que ajudam porque gostavam de ajudar, não porque era do trabalho, já as outras pessoas, as outras senhoras que vieram, eram boas, mas parecia que era um trabalho que estavam a fazer, um trabalho por fazer, então eu não estava a gostar muito de estar lá, elas reparavam que eu também não estava, depois uma senhora que era da CPCJ que também não gostei dela, eu e ela....*

*Entrevistadora(Sofia): Porquê?*

*Linda: Não sei, eu não gosto muito de ser, assim forçada a fazer as coisas, eu gosto de falar quando tenho que falar, gosto de fazer as coisas quando sendo a necessidade de fazer . Eu sentia que ela me obrigava a muito a falar o que eu não queria, não gostava , aquilo era mais ou menos de 6 em 6 meses e sempre que chegava o momento eu não gostava de ir lá. Parece que 6 meses passava em um dia. Sempre que ia lá sai de lá a chorar, sempre foi assim.*

*Antes de ir para a Suíça, foi das últimas vezes que tive lá e estive com ela e as vezes mandam mensagem, mas eu nunca respondo porque nunca gostei delas mesmo. Ficou essa relação, mas com aquela CPCJ eu nunca me dei com ela não.*

*Entrevistadora (Sofia) : Com a intervenção do IAC, referiste que a Técnico 1 e a Técnico 2 ajudaram muito, podes contar um pouco mais o que foi feito, que tipo de intervenção?*

*Entrevistada(Linda): Nos primeiros dias que eu fui lá, elas queriam muito conversar muito, saber a minha vida, contar a minha história e elas basicamente tiveram esse encontro todos os sábados, para nos conhecer , o que a gente fazia, a gente as vezes desenhava, fazíamos bonecos.*

*Entrevistadora (Sofia): No grupo?*

*Entrevistada(Linda): Sim, no grupo, a gente basicamente exprimia os nossos sentimentos em vez de falar, a vezes eles davam uma folha de papel, branco e diziam “ o que vês aqui ?” e basicamente o que a pessoa faz, a pessoa vai dizer o que vai na cabeça, desenha o que esta a sentir no momento. Pelo menos comigo, como eu não gostava de falar, elas faziam estes tipos de jogos comigo, porque as vezes as cores dizem muito sobre o sentimento da pessoa, as vezes o preto, o vermelho, aquelas cores mais fortes, as vezes as cores mais negativas elas conseguiam ver. As vezes metiam canetas à frente, diziam “ah, escolhe uma cor”, aquilo refletia um bocadinho o sentimento que a pessoa está a sentir lá, as vezes para não ficar tanto fechado na sala, a gente fazíamos atividades, íamos à praia, fazíamos atividades com outro jovens, brincar, íamos ao parque refletimos todos juntos, foram pouco a pouco. Cheguei a passar vários aniversários com eles. Foram conquistando a nossa confiança, não eramos obrigados a falar, na CPCJ era falar, falar, falar. Com o IAC não, foram processo a processo, tiveram paciência de ir pouco a pouco. Foi o desenvolver do projeto , o desenvolver da persistência delas que a gente teve aquela relação , que me ajudaram muito.*

*Entrevistadora (Sofia) : Mudavas algumas coisa na intervenção do IAC?*

*Entrevistada(Linda): Não, foi essencial. Foi mesmo naquela altura que a minha mãe me inscreveu, sem eu saber no IAC e eu fiquei um bocadinho revoltada, mas não eu acho que elas fizeram tudo bem, a gente Cozinhava lá, almoçava... seu eu quisesse cozinhar eu fazia bolo, lá eu sentia me em casa.*

*Só naquele início, aquela fase de adaptação.*

*Entrevistadora (Sofia) : Ok, é tudo, obrigada*

## **Entrevista 2- Paul**

*(Entrevistadora) Sofia: Olá Boa Tarde, o meu nom é Sofia, então podes falar um pouco sobre a tua vida até agora, consegues identificar os momentos mais marcantes, até hoje?*

*Entrevistado (Paul): Os momentos mais marcantes? Um deles foi quando o meu pai foi embora...ya, fiquei mal com isso...*

*(Entrevistadora) Sofia: Qual era a tua idade?*

*Entrevistado (Paul): Eu acho que tinha 10 ou 9 anos de idade...*

*(Entrevistadora) Sofia: Ficaste com muitos sentimentos?*

*Entrevistado (Paul): Fiquei triste, mas depois com o tempo fui me habituando*

*(Entrevistadora) Sofia: Mais coisas?*

*Entrevistado (Paul): Não sei*

*(Entrevistadora) Sofia: Lados positivos, a escola, não sei algum desporto, outro acontecimento que aconteceu na família?*

*Entrevistado (Paul): Hummm... não sei*

*(Entrevistadora) Sofia: Okay, podemos passar... Então, vamos falar da fuga. Quantas vezes fugiste?*

*Entrevistado (Paul): Uma*

*(Entrevistadora) Sofia: Uma e podes contar quais foram os motivos? Que levaram a fuga?*

*Entrevistado (Paul): Um dos motivos foi, porque tinham encontrado uma coisa na minha casa e eu não sabia o que fazer, então eu sai...fugi, mas depois falei com a minha mãe , depois apresentamo-nos na esquadra...*

*(Entrevistadora) Sofia: Quanto tempo demorou até voltares para casa?*

*Entrevistado (Paul): 3 a 4 dias*

*(Entrevistadora) Sofia: Para onde foste, durante esses 4 dias?*

*Entrevistado (Paul): Tava tipo, perto da minha casa, tipo mas estava noutro sitio.*

*(Entrevistadora) Sofia: Casa de um amigo ou na rua? Podes dizer ou não?*

*Entrevistado (Paul): De alguns amigos, durante o dia ficava lá e durante a noite ia para outros sítios.*

*(Entrevistadora) Sofia: Okay, e quando fugiste como te sentiste?*

*Entrevistado (Paul): Não sei, porque a minha mãe tinha dito que ia chamar a polícia então...*

*(Entrevistadora) Sofia: Tiveste medo de ir a casa?*

*Entrevistado (Paul): Sim*

*(Entrevistadora) Sofia: Quem te ajudou nessa altura? Família, amigos?*

*Entrevistado (Paul): Amigos*

*(Entrevistadora) Sofia: Como te ajudaram?*

*Entrevistado (Paul): Alguns deram comida, sim.. sítio para ficar*

*(Entrevistadora) Sofia: Obrigada, passamos para a intervenção no IAC, ao longo da tua vida quem mais te ajudou? Houve alguma intervenção técnica com o IAC ou outras equipas?*

*Entrevistado (Paul): Aos longo da minha vida, quem me ajudou foi o IAC com... nestes tempos e amigos... sim*

*(Entrevistadora) Sofia: Amigos ajudaram-te com comida, casa entre outros. Ou também deram apoio emocional?*

*Entrevistado (Paul): Apoio... Sim*

*(Entrevistadora) Sofia: Técnicos do IAC?*

*Entrevistado (Paul): Também*

*(Entrevistadora) Sofia: Que mais, foram só o IAC e amigos?*

*Entrevistado (Paul): sim*

*(Entrevistadora) Sofia: okay, Então, em relação à intervenção do IAC podes contar o que foi feito, quando tu fugiste o que aconteceu depois?*

*Entrevistado (Paul): Hummmm com o IAC, tipo não aconteceu nada...*

*(Entrevistadora) Sofia: Que tipo de ajuda, que fizeste com o IAC?*

*Entrevistado (Paul): Nesse momento com o IAC, eu não pedi ajuda nem nada, só pedi amigos assim...porque eu não sabia se o IAC, faria tipo dizer onde é que eu tava, então eu não experimentei ...não pedi ajuda deles.*

*(Entrevistadora) Sofia: Mas fizeste atividades com o IAC?*

*Entrevistado (Paul): Fiz*

*(Entrevistadora) Sofia: Sei que no verão foram ao cinema, foram à canoagem, fizeste mais atividades?*

*Entrevistado (Paul): Fiz*

*(Entrevistadora) Sofia: Lembras-te o quê?*

*Entrevistado (Paul): Fomos à praia, fomos ao cinema, à pouco tempo fomos a uma exposição... coisas assim.*

*(Entrevistadora) Sofia: Falaste com os técnicos do IAC?*

*Entrevistado (Paul): Sim*

*(Entrevistadora) Sofia: Durante essa altura o que te ajudou, o que te está ajudar agora, o que tu gostas que sentes que te está ajudar? A nível da intervenção?*

*Entrevistado (Paul): Vir aqui, estar com as pessoas, brincar.. sim*

*(Entrevistadora )Sofia: Mais alguma coisa?*

*Entrevistado (Paul): Acho que é só isso*

*Entrevistadora (Sofia): E há algo que poderia ser diferente? Que achas que seja diferente?*

*Entrevistado (Paul): Não, aqui para mim está tudo bom. Sim.*

*Trata-nos bem e isso*

*( Entrevistada) Sofia: Como é a tua relação com os técnicos do IAC?*

*Entrevistado (Paul): Boa, estamos sempre a conversar a brincar...*

*(Entrevistadora) Sofia: Nada poderia ser diferente, que gostarias de não sei fazer mais, ou falar mais ou, falar menos, falar diferente?*

*Entrevistado (Paul). Acho que não, quando estou aqui eu sinto-me bem, então acho que está tudo bom assim*

*Entrevistadora (Sofia): Muito Obrigada!!*

### **Entrevista 3 - Sam**

Entrevistadora (Sofia): Olá boa tarde, o meu nome é Sofia.

Vamos começar, primeira pergunta podes falar-me um pouco da tua vida até agora?

Entrevistado (Sam): A minha vida de quê? Geral?

Entrevistadora (Sofia): Sim, geral.

Tipo os momentos mais marcantes? Até agora da tua vida? Tens uma família numerosa..

Entrevistado (Sam): Tenho uma família grande ....

Entrevistadora (Sofia): Momentos da tua vida, que tu aches ... podes pensar .

Entrevistado (Sam): Futebol.

Entrevistadora (Sofia): Quando é que começaste?

Entrevistado (Sam): Quando comecei o futebol, comecei numa etapa má, não foi má, mas é...comecei a jogar com os mais novos assim, depois fui crescendo e comecei a jogar com os mais velhos e agora estou confiante que vai dar certo e também os misteres estão confiantes que vai dar certo e entrei nesta equipa nova e sabendo que estou a jogar 2 anos ou 3 mais velhos que eu, estou conseguido dar tudo e já marco golos e isso tudo ...é uma etapa boa .

Entrevistadora (Sofia): Quando começaste a jogar?

Entrevistado (Sam): Quando comecei, estava assim um pouco mau como quem diz e não marcava golos... sim mas não dava aquela animação de jogar com os meus colegas ainda equipa da minha idade mas quando comecei a evoluir e jogar com os mais velhos aí já criou aquela emoção.

Entrevistadora (Sofia): Qual era a tua idade? Quando começaste?

Entrevistado (Sam) : Quando eu comecei, eu sou de 2007 ... 15 anos e quando comecei estava a jogar futebol 7 depois os misteres começaram a ganhar confiança em mim e agora estou a jogar futebol 11 com colegas mais velhos de 2006, 2005 e 2004.

Entrevistadora (Sofia): Outros momentos na família ou com amigos... O que aconteceu?

Entrevistado (Sam): O Nascimento da minha irmã.

Entrevistadora (Sofia): A irmã mais mas pequena?

Entrevistado (Sam): Sim, a mais pequena.

Entrevistadora (Sofia): Quando foi isto, qual era a tua idade?

Entrevistado (Sam): Eu tinha mesmo 15 anos.

Entrevistadora (Sofia): AHH, nasceu há pouco?

Entrevistado (Sam): Sim, sim.... mais...

Entrevistadora (Sofia): Amigos? Algo que aconteceu? Ou na escola?

Entrevistado (Sam): As notas agora estão a correr bem, até agora está a correr bem... está tudo bem...mas acho que não tenho mais.

Entrevistadora (Sofia): Okay... Então passamos para a fuga... Quantas vezes fugistes?

Entrevistado (Sam): De casa? Acho que foram 3... ou um pouco mais.

Entrevistadora (Sofia): 3 vezes? Okay

Podes contar-me quais foram os motivos que levaram à fuga?

Entrevistado (Sam): Eu tinha medo... na altura tinha medo que a minha mãe me batesse, porque ela, já algum tempo ela batia-me e metia-me de castigo e com aquele medo de ir para casa e me mete-se de castigo e me batesse... ou eu não ia para casa ou mesmo fugia.

Entrevistadora (Sofia): Para onde foste?

Entrevistado (Sam): Não cheguei a ficar na rua, a noite toda ou o tempo todo....dormi na casa de um amigo meu e as vezes ficava no prédio a dormir lá.

Entrevistadora (Sofia): Como te sentiste?

Entrevistado (Sam): Senti-me mal, ao longo do tempo sentia que não devia ter feito isso e senti-me mal.

Entrevistadora (Sofia): Nessa altura quando tu fugiste, o que te ajudou? Sem ser o IAC, mas pessoas, família, amigos a escola, futebol?

Entrevistado (Sam): Quem me ajudou a refletir a não fugir mais de casa?

Entrevistadora (Sofia): Para te sentir melhor... sim mas também para não fugires de casa, mas para te sentires melhor, contigo?

Entrevistado (Sam ): O quê ? Calma? O que me fez sentir melhor para não fugir mais de casa? É isso?

Entrevistadora (Sofia): Não só para não fugir, mas para te sentir melhor?

Entrevistado (Sam): Hummm... O IAC, a família e o futebol.

Entrevistadora (Sofia): Podes descrever mais? O que fizeram? A família o futebol?

Entrevistado (Sam): O quê? Não percebi.

Entrevistadora (Sofia): Então, como a família te ajudou?

Entrevistado (Sam): Para não fugir?

Entrevistadora (Sofia): Sim, para não fugir ?

Entrevistado (Sam): Falaram comigo, os meus irmãos, os meus pais ouvi muito a minha mãe, o meu pai... ouvi muito os meus irmãos mais velhos.

Entrevistadora (Sofia): O que eles dizem?

Entrevistado (Sam): O que eles dizem... humm... ralhão como sempre e como se diz a palavra... ajudam e dizem coisas... para não fazer isso, para não fazer estas coisas, ajudam me a perceber o que vai fazer isso, se eu fizer isso o que vai custar... também... a minha mãe já chorou muito ... agora ao ver isso, custa-me fazer isso e já não faço

Entrevistadora (Sofia): E o futebol?

Entrevistado (Sam): Sim, também ... não faz sentido fugir de casa, sabendo que se fugir de casa não posso ir ao futebol... e no futebol eles ..houve uma vez que descobriram e também falaram comigo e isso tudo sim.

Entrevistadora (Sofia): Foi o treinador?

Entrevistado (Sam): Sim foi o mister.

Entrevistadora (Sofia): Agora passamos para a intervenção, ao longo da tua vida quem mais te ajudou?

Entrevistado (Sam): Hummmm...

Entrevistadora (Sofia): Houve outras intervenções técnicas? Não só do IAC, mas psicólogos...

Entrevistado (Sam ): Sim, psicóloga, advogado e isso tudo sim

Entrevistado (Sam): A psicóloga ajudou-me muito e tem me ajudado também ... também a reuniões com a doutora, os comprimidos também me tem ajudado.

Entrevistadora (Sofia): A psicóloga do IAC? Ou há outros?

Entrevistado (Sam ): Sim a psicóloga do IAC.

Entrevistadora (Sofia): Então podemos falar sobre a relação e intervenção do IAC, especificamente IAC. O que foi feito? Depois de fugires?

Entrevistado (Sam): Estive para ser acompanhado, não acompanhado já estava a ser mas ... mas o que o IAC fez depois de ter fugido? Falaram comigo, deram-me motivação, também ralalhão.. foram lá a casa, falaram comigo e com a mãe e depois fui fazer uma visita ao IAC... elas mostraram os quartos e isso tudo, os quartos onde eram... onde que não tinham casa ou fugiam de casa, mas ficavam lá pouco tempo e depois mandavam para outro sítio e ajudaram muito.

Entrevistadora (Sofia): Que mais? Fizeste atividades?

Entrevistado (Sam ): Sim, fiz atividades. Conheci novos colegas lá no IAC também. Fizemos atividades giras, gostei das atividades foram boas, aproveitei e assim.

Entrevistadora (Sofia): Como isso te ajudou? Esta intervenção? As atividades ou falarm com os colegas?

Entrevistado (Sam): Falar como?

Entrevistadora (Sofia): Como te ajudou?

Entrevistado (Sam ): Como o IAC me ajudou?

Entrevistadora (Sofia): Sim

Entrevistado (Sam ): A conhecer novas pessoas, a dar-me mais com as pessoas e essas atividades ajudaram-me mais para sair de casa para conhecer novas pessoas e ... eu consigo fazer atividades logo rápido com as pessoas, então foi uma coisa boa de ter entrado nisso e ter entrado nas atividades para conhecer novas pessoas... Então estou a gostar.

Entrevistadora (Sofia): Em que sentido, isso te ajuda a não fugir ou não a piorar na escola?

Entrevistado (Sam ): Não é que não ajude, mas ao longo do tempo estou a ficar mais velho e a perceber as coisas o que faço se for fugir, o que faz ... então está-me a entrar na cabeça as coisas que não devo fazer.

Entrevistadora (Sofia): Algo na intervenção do IAC, que podia ser diferente ?

Entrevistado (Sam ): Diferente em que sentido?

Entrevistadora (Sofia): Não sei, gostavas de fazer outras coisas? Achas que outras intervenções? Outras atividades? Outras coisas que possam ajudar a ter mais?

Entrevistado (Sam ): Acho que não, até agora as atividades tem sido boas e tem sido engraçadas e tem ajudado... mas não só sou eu, mas os outros gostariam de outras atividades

Entrevistadora (Sofia): Tipo o quê?

Entrevistado (Sam): Outros do IAC já foram a Paris, também gostava de ir a Paris.

Gostava de assistir a um jogo no estádio .... gostava de acampar e também só.

Entrevistadora (Sofia): E na relação com os colegas? O que achas ? Poderia ser diferente?

Entrevistado (Sam): A relação entre nós todos é boa, eu acho...

Entrevistadora (Sofia): Estamos acabar, mas eu gostaria de saber um pouco mais ... Disseste que a mãe te bateu...

Entrevistado (Sam): Sim, batia antes...

Entrevistadora (Sofia): Há outras razões pelas quais fugiste?

Entrevistado (Sam ): Acho que não .

Entrevistadora (Sofia): Podias descrever mais a relação com a tua mãe? Ou com a tua família?

Entrevistado (Sam): A relação, antes na escola anterior... no passado era ...era pior, eu portava-me muito mal, faltava ao respeito aos meus pais e isso... pensava que tudo era uma brincadeira, não era brincadeira, brincadeira mas ... desrespeitava eles imenso, os professores e isso ... a minha mãe ia me avisado ao longo do tempo ... só que depois ela irritou-se, assim como o meu pai ... que ela dizia que nunca tinha ido ao tribunal e por causa minha ela começou a ir ao tribunal ... então isso tudo fez com que ela se irrita-se e dava-me porradas e mesmo com porradas eu não apreendia, então ela tipo batia-me mais para ouvir, ouvir e perceber. Depois ela foi se apercebendo que com porrada, não me fazia eu portar bemol portar mal. Então ao longo do tempo, ela deixou, ao longo do tempo fui me portando melhor e comecei a ver que não devia fazer essas coisas... então foi isso .

Entrevistadora (Sofia): Obrigada queres acrescentar mais alguma coisa, em relação à intervenção do IAC?

Entrevistado (Sam): Não, é tudo.

Entrevistadora (Sofia): Obrigada

## **Entrevista aos assistentes sociais caso 1**

Entrevistadora (Sofia) : Olá Boa Tarde, o meu nome é Sofia e tenho algumas perguntas não são muitas, o primeiro grupo é sobre o percurso de vida da Linda e depois a intervenção.

Primeiro, podem descrever a situação da Linda?

Entrevistada 1 (Tecnico 1 ): Do Início?

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Como chegou até nós

Entrevistadora (Sofia): Sim, como chegou até vos?

Entrevistada 1 (Tecnico 1 ): Ao IAC, ela chegou com um pedido de ajuda por parte da mãe, que ligou para a linha da Criança Desaparecida, porque ela nessa altura não sabia do paradeiro da filha, depois...

Entrevistadora ( Sofia): Porque estava em fuga?

Entrevistada 1 ( Técnico 1 ): Sim, porque ela estava em fuga, elas tinham tido uma discussão, na época ela estava a viver com o pai, não tenho a certeza disso, ou se depois da fuga....

Entrevistada 2 ( Técnico 2): O pai encontrou-a na estação ....

Entrevistada 1 (Técnico 1 ): O pai é que a encontrou, mas não sei se a discussão foi entre ela e a mãe, ou entre ela e o pai, isso é que já não me lembro.

Entrevistada 2 (Técnico 2): Eu acho que foi entre ela e a mãe, depois ela vai se embora e vai para um sítio que a mãe não sabe e depois o pai é que a encontra... não se se dias, já não me lembro...

Entrevistada 1 (Técnico 1 ): Foi passado um mês, eles tiveram um mês que não souberam dela, mais ou menos, depois foi o pai que a encontrou...

Entrevistada 2 (Técnico 2): Na estação uma coisa assim, estação de comboios...

Entrevistada 1 (Técnico 1 ): Do percurso de vida dela, o que nós sabemos na época, é que a mãe veio para Portugal e a Linda ficou em Cabo Verde, aos cuidados de outros familiares, ela só vem para Portugal, já com 9 anos, já crescida. Fica aos cuidados da mãe, depois há uns problemas de relação e de comunicação e ela há um período que esta a viver com o pai, dai a minha dúvida se ela quando faz a fuga não é da casa do pai, pronto...

Depois ela regressa a casa da mãe e permanece, até atualidade. Neste momento, não está com a mãe, porque ela já é adulta e tem a vida dela, um novo relacionamento e um novo pais onde quer viver, mas nessa altura...

Entrevistada 2 (Técnico 2): Entretanto houve aqui várias equipas que intervieram na situação dela, porque houve a Santa Casa, que fizeram terapia...

Entrevistada 1 (Técnico 1 ): Depois da fuga, a situação foi sinalizada à CPCJ, essa CPCJ também acionou uma equipa de muita proximidade, com a família, era uma equipa da Santa Casa e a Linda teve e a mãe terapia familiar, mas depois isso não resultou muito bem, depois ela começou a ter psicoterapia sozinha, individual. Essa equipa manteve-se sempre em retaguarda, , dando aqui algum apoio e até algum suporte financeiro ao agregado, porque um dos motivos que originou a fuga, foi o facto da mãe trabalhar em limpezas em horários, onde não havia equipamentos para deixar a filha mais nova e era a Linda que tinha de assumir essa responsabilidade e a Linda era muito novinha para assumir a responsabilidade de uma pessoa adulta, para tomar conta da irmã, era ela que lhe dava o jantar, que a deitava entre outras coisas.

Com a entrada dessa equipa, à aqui um suporte financeiro a esta mãe, que lhe permite ter outro tipo de horário e maior proximidade em casa, em horas mais comuns, digamos assim não é.

Não tinha de sair as 5 da manhã, porque ela ia muito cedo para o trabalho.

Era a Linda que tinha que cuidar da irmã.

Entrevistadora (Sofia): Vocês sabem como era a relação entre a Linda e o Pai?

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Muito efetivamente, nós não conhecemos muito bem o senhor, para nós enquanto equipa, sempre foi excelente, portanto todas as diligências que eram pedidas o senhor fez tudo, resolveu tudo, depois com a Linda, parece que se dava, relativamente bem, mas não de pai para filha... Nem sei se ajudava sempre.

Entrevistada 1 (Tecnico 1): Sim, algumas vezes dava ali algum apoio, mas não era um grande suporte na vida da Linda, apesar de ser uma pessoa interessada aos nossos olhos, porque por exemplo a mãe já diz o oposto, que ele não contribuía com a pensão de alimentos, que as vezes não visitava a Linda, etc.

Temos aqui versões diferentes, mas com a equipa, tudo o que nos solicitamos a nível, de autorizações, eles sempre foi recetível connosco e sempre colaborou.

Entrevistadora (Sofia): Obrigada, então agora podemos passar, mais a intervenção. O que foi feito com Linda? Podeam descrever o processo de intervenção, realizado com Linda?

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Sempre que surge algum processo, o que fazemos é um procedimento é conhecer a jovem, portanto é aquela entrevista em que se conhece, o que gosta o que é que não gosta. Conhecerem, para verem o IAC faz, o que é que pode ajudar, assim como a mãe.

Depois começaram a frequentar, as nossas atividades, lembro-me que quando a Linda veio, muito obrigada no início era... nos até começamos com a formação de pais e nessas atividades como era presencial era tudo, uma vez por mês estávamos, por ações pontuais, mas com grupos das mães e filhos.

A Linda estava, mas não se podia dirigir um olhar, uma palavra, porque ela fecha-se sobre si, metia os cabelos para a frente e foi assim um bocadinho difícil, ela confiar em nós e que estávamos ali para ajudar e não iríamos repreender, nem julgar nada.

Com a mãe, sempre foi uma pessoa muito diligente e bem disposta, participou sempre, nas nossas ações.

Era um bocadinho reservada no início, não participava em muitas ações quando era solicitada no grupo, mas era mais de uma de ver, mas vieram sempre.

Entrevistada 1 (Tecnico 1): Sim, elas eram pessoas reservadas, mas recetíveis à presença, vinham, estavam, iam observado, iam conhecendo outras pessoas dos grupos e depois progressivamente foram começando aderir a outro tipo de atividades, até porque com os jovens fazemos algumas atividades lúdicas, como canoagem, acampamento, etc. Aí a Linda, vinha participava e cada vez o processo, em simultâneo com o psicoterapêutico também ajudou...

Entrevistadora (Sofia): Da Santa Casa?

Entrevistada 1 e 2 (Tecnico 1 e Tecnico 2): Sim, era a Santa Casa que custeava essas consultas e na época a nível escolar, ela estava na Casa Pia, num curso de apoio à família, que até num de coquetel e não sei quê, que nós fizemos ela começou a falar que fazia as sopas e era uma miúda que tinha muito jeito para a culinária. Porque ela em conversa, disse que um dos módulos do seu curso era a confeção de sopas para idosos.

Entrevistadora (Sofia): Então na intervenção do IAC, a base foi mais essas atividades?

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Depois, também houve o encaminhamento para a escola, o curso de formação que ela também escolheu, também houve muita ajuda da nossa parte, porque era um processo que não foi muito fácil.

Entrevistada 1 (Tecnico 1 ): Depois concluiu o 9º ano, que era o vitrinismo. Era uma miúda muito aplicada, motivada e teve bons resultados e estava a gostar da escola, teve professores que a motivaram e correu bem a nível escolar.

Entrevistadora (Sofia): Na intervenção do IAC, o que vocês consideram mais positivo?

Entrevistada 1 (Tecnico 1 ): Com a Linda?

Entrevistadora (Sofia): Sim

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Um ponto fulcral, a Técnico 1 terá outro... mas a postura que a equipa tem de não pressionar, cada um tem o seu tempo e por exemplo, se fossemos demasiado chatos na altura, em que ela vinha e não participava, ela podia ter-se ido embora e perdíamos a Linda, esta questão de dar espaço para que a pessoa se exprima mais cedo ou mais tarde, respeitar o timing de cada um...

Entrevistadora (Sofia): Como é que faziam isso?

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Como fazíamos?

Entrevistada 1 (Tecnico 1 ): Ela por exemplo, ela vinha aos encontros do pai e dos filhos, inicialmente ela , porque a mãe integrou mais tarde o nosso grupo. Ela vinha mais, porque na altura tínhamos jovens mais em conjunto, ela vinha sozinha, ela as vezes chegava e passada o tempo, sempre assim( com cabelos a tapar a cara).

Completamente fechada, mas não forçávamos, respeitávamos o seu timing como estava a Técnico 2 a dizer.

Outro ponto é a valorização do que eles gostam de fazer, nessa atividade que realizamos que foi os coqueteils, que estavam a preparar as mães, foi aí que ela começou a falar que tinha fazia sopas no curso e vamos valorizando isso, mesmo os miúdos sentem-se acolhidos naquilo que eles sabem fazer.

Entrevistadora (Sofia): Muito Obrigada, muito bom. Quais as maiores dificuldades na intervenção com a Linda?

Entrevistada 1( Tecnico 1 ): Foi a resistência inicial, foi a nossa maior dificuldade , porque nos estamos aqui e sabemos o percurso que foi feito, na altura as vezes falávamos se estávamos a ir no melhor caminho, será que podemos fazer de outra maneira, ela vem mas parece que esta sempre aqui a dormir, , será que deixar tanto espaço é certo, será que não é, será que na próxima vez ela vem, são muitas dúvidas, Hoje é fácil, porque estamos aqui a olhar para traz e percebemos e okay fizemos bem e correu tudo bem, mas podia estar hoje aqui e afinal se calhar podíamos fazer as coisas de outra forma diferente, nunca sabemos.

Entrevistadora (Sofia): Última pergunta, acham que podiam fazer as coisas de maneira diferente?

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Poder, poderíamos é sempre um leque, por acaso correu bem, mas pode ser que com outro miúdos não corra bem, não sabemos é indo lendo as margens, vamos por um caminho, vamos tendo alguns feedbacks.

Entrevistadora (Sofia): Então ao longo do processo, a intervenção nem sempre é...

Entrevistada 1 (Tecnico 1 ): Dizer uma coisa que não referimos, a criação de uma relação muito estreita com a CPCJ e a Santa Casa, com a professora não tanto porque quem fazia essa articulação era a colega da CPCJ, porque nos aqui dividimos um bocadinho o trabalho, mas havia sempre aqui também, com muita frequência este ponto de situação. Esta relação com estas instituições são fundamentais para as coisa se irem integrando umas nas outras.

Entrevistadora (Sofia): Não sei se querem acrescentar mais alguma coisa? Sobre a intervenção?

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Deixa-me dizer que isto foi um caso de sucesso, houve um percurso, um caminho, felizmente hoje a Linda esta a viver a sua vida, tem um companheiro, está fora do país ,tem a sua formação feita, tirou a carta de condução .

Entrevistada 1 (Tecnico 1 ): A mãe é que tirou.

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Pronto, mas tem já aqui um caminho de querer fazer isto e faço... está preparada para o mundo.

Entrevistadora (Sofia): Qual é a formula do sucesso?

Entrevistada 1 ( Tecnico 1 ): É acreditar muito nas capacidades que eles têm.

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Colocando no lugar dos jovens, as mães vem com muito sofrimento e culpa, mesmo assim nós metemos sempre ao lado do jovem, criança.

Entrevistada 1 (Tecnico 1 ): Nós ouvimos muito, mediamos muito porque esta relação com a mãe e a Linda, teve fases muito complicadas e não foi muito pouco tempo que isso aconteceu, até se incompatibilizaram e até de deixaram de falar e etc e nos tentamos ouvir ambas as partes, perceber o que é que as está afastar e tentar mediar uma parte a outra, no sentido de poderem conversar e de cada uma poder dizer aquilo que sente e dizer o que gostaria de como fosse a relação entre elas. Eu acho que isso mantemos sempre e é também a chave do sucesso entre os miúdos e os pais. Que é ouvir uma parte, ouvir outra. Tentar mediar e potenciar os canais de comunicação entre eles, nunca vezes há coisas que não são ditas e acabam por ficar mal resolvidas e começam maiores e afastam umas das outras.

Entrevistadora (Sofia): Muito Obrigada

## **Entrevista aos assistentes sociais caso 2**

Entrevistadora (Sofia) : Olá Boa Tarde, o meu nome é Sofia e tenho algumas perguntas não são muitas, o primeiro grupo é sobre o percurso de vida do Paul e depois a intervenção.

Primeiro, podem descrever a situação do Paul? Como chegou ao IAC?

Entrevistada 1 (técnico): A situação do Paul, foi nos sinalizada pela colega da Direção Geral de Reinserção de Serviços Pressionais, porque o Paul tinha uma medida tutelar educativa, que até iria terminar o cumprimento dessa medida e ela estava preocupada com a continuidade do acompanhamento social deste jovem, uma vez que o dela iria cessar e muito a nível da sua formação, porque ele estava numa escola e as coisas não estavam a correr bem, ele já não ia à escola, havia alguns conflitos com colegas, o comportamento em sala também não era o mais correto e havia aqui a necessidade de fazer o encaminhamento, se fosse possível para uma formação profissional. Isso aconteceu, ainda este ano ele integrou a escola Gustavo Eiffel, a fazer uma formação em pastelaria e o comportamento dele ainda é uma questão a melhorar.

O Paul foi nos sinalizado ainda este ano, ainda é um jovem, que a nossa intervenção é uma fase muito embrionária da nossa intervenção, muito centrada ainda num estabelecimento de relação de confiança e também na possibilidade de fazer algumas atividades connosco, para já estabelecer essa relação e realizar atividades que sejam saudáveis. Porque o Paul tem uma dimensão e um pezinho, numa dimensão menos positiva em termos sociais, por isso mesmo ele ter os processos tutelares educativos. É um jovem de risco, neste momento ainda porque tem um ar saudável fantástico, mas também tem um lado ainda de grande atração pelo lado marginal.

Entrevistado 2 (técnico): Exato, pegando no que a ... descreveu sobre o Paul, é um jovem muito desafiante, tem alguns pontos positivos ele consegue aproveitar algumas atividades que são propostas tanto no verão, que conseguimos trabalhar certas competências com ele e agora mais nesta fase de experiência laboral, no caso da Pastelaria Versailles que tem sido um ponto muito positivo, também para a intervenção do Paul, que lhe dá aqui um flash de luz, para que ele consiga ter um futuro mais brilhante, mais luminosidade para ver se ele consegue sair deste mundo obscuro que está a viver neste momento.

Entrevistadora (Sofia): Já podemos passar para a intervenção. Podem descrever o processo de intervenção, realizado com o Paul

Entrevistado 2 (técnico): O processo de intervenção...

Entrevistadora (Sofia): O que foi feito, como foi feito?

Entrevistado 2 (técnico): Realizamos atendimento com a mãe do Paul, em Abril/Maio se não me engano, foi identificado várias necessidades neste atendimento, tanto no agregado como no jovem . No agregado reparamos que habitação era uma instabilidade , onde conseguimos iniciar processo na habitação social, pois ainda não está resolvido. Na parte do Paul, desde trabalha competências em atividades, mas também ajudar aqui na formação formativa, uma vez que o jovem encontrava-se em absentismo escolar.

Entrevistada1 (técnico): A mãe também tem aderido ao grupo de mães, a formação parental, onde temos duas colegas da área da psicologia que mensalmente fazem encontros com as mães, onde potenciam aqui os canais de comunicação delas, com os filhos e dota-las de outro tipo de ferramentas

para lidar com estes jovens que são muito desafiantes, o Paul é um deles claramente. E a mãe tem participado, é muito recetiva à intervenção, inicialmente a medo e desconfiada. O que é natural, não nos conhecia de lado nenhum e não sabia o que íamos oferecer.

Pouco a pouco tem se aproximado da equipa e sente aqui um ponto de apoio e procura-nos frequentemente, quando as situações estão mais difíceis na relação com o Paul, ou para contar as vezes alguns contactos com a escola faz com ela.

Tem sido uma pessoa colaborantes e interessada, também muito desesperada. Por isso as formações são importantes para ver um novo leque de possibilidades e de alternativas que pode usar aqui na relação com o Paul, ele é como disse o ... é um miúdo assíduo nas nossas atividades, quando o convidamos , ele vem sempre tem vindo aproveitar essas novas experiencias que são novas e ele nunca tinha tido e são também experiencias que ajudam esses miúdos abrir o seu leque de possibilidades.

Ele é um miúdo que tem muita competência, técnica na área que está a estudar que é a pastelaria e houve agora a possibilidade de ele estar na confeção da pastelaria Versailles, integrar essa equipa aos sábados. Ele tem ido, tem estado motivado e quer continuar a ir. Portanto é um indicador de que realmente, ele está disponível, porque ele tem de estar as sete da manhã aos sábados, ele está sempre a essa hora, muito pontual isso também nos revela que é aqui o caminho, com ele que estas oportunidades estão a ter um efeito positivo e agora é continuar.

Entrevistadora (Sofia): Ele tem tido mais ajuda de outras equipas, de outros parceiros?

Entrevistada 1(técnico): Depois da colega ter feito, a sinalização já efetuou fugas de casa e nesse sentido, como a situação é sinalizada a psp, eles também articulam e sinalização para a CPCJ e neste momento, ele tem uma medida aplicada junto da mãe, a nível da CPCJ.

Entrevistadora (Sofia): O que consideram ter sido o mais positivo, na intervenção com o Paul?

Entrevistado 1 (técnico): Ir ao encontro dos interesses e aos gostos dele, é proporcionar atividades e momentos que vão de acordo com aptidão, o talento destes miúdos.

Entrevistado 2 (técnico): e que consigam despertar aqui uma paixão, que os consigam tirar deste mundo mais negro, que estão a viver neste momento e ver o sorriso deles quando estes momentos são proporcionados desde atividades lúdicas, desde experiencias laborais etc.

Entrevistadora (Sofia): Quais as maiores dificuldades nesta intervenção ?

Entrevistado 2 (técnico): Se calhar estabelecer certos contactos com o jovem, no início e conquistar a confiança do mesmo, acho que foi o ponto mais difícil, porque ele não nos conhecia de lado nenhum e devido ao historial que ele tem as rivalidades de vários gangs, cria aqui uma resistência, algum medo, desconfiança e vir ao encontros de duas pessoas estranhas foi um bocado difícil. Não atendia o telemóvel , responder às mensagens. Foi o ponto mais desafiante, , foi estabelecer uma base de confiança.

Entrevistado 1 (técnico): Que ainda não está contruída, ainda estamos nesse processo, eu acho.

É como a mãe, esta agora mais recetiva e colaborante, mas ainda estamos aqui numa fase muito inicial da intervenção e na construção desta relação. Tanto com uma, como com outro.

Entrevistadora (Sofia): Mudavam alguma coisa na vossa intervenção?

Entrevistado 2 (tecnico): Acho que quando se mete a mão na massa é que se consegue, identificar outro caminhos que não foram visíveis na altura...

Entrevistada 1 (tecnico): Não sei o que poderíamos ter feito de diferente, sinceramente nesta fase não estou a ver. Até acho que foi positivo da nossa parte, está questão de proporcionar ao Paul, a oportunidade de estar num local de trabalho real, onde ele possa experimentar, apreender, ter relações positivas com adulto e com o trabalho.

Sofia: ..., referiste que estabelecer uma relação de confiança é importante, como o fazem?

Tecnico 2: é dar tempo ao tempo, é a frase que define melhor a base da nossa intervenção, é respeitando o tempo do Paul, porque acho que for muito pressionada não se consegue chegar a ele e podemos o perder.

Tecnico 2: Mesmo as atividades que vamos desenvolvendo ao fim de semana, e as atividades de natal vai ser mais um momento em que ele vai estar connosco, vai estar com os outros jovens, vai ter a possibilidade de estar mais próximo,

Na realidade é o que fazemos, cada processo tem o seu ritmo, vamos estando, vamos convidado.

Sofia: Muito obrigado.

### **Entrevista aos assistentes sociais caso 3**

Entrevistadora (Sofia): Boa Tarde, o meu nome é Sofia, podemos começar.

A primeira pergunta, podem descrever a situação de Sam, como é que ele chegou ao IAC, como era a situação geral do Sam?

Entrevistada 1 (Tecnico 1): O Sam, chegou a nossa instituição por apelo da CPCj para acompanhamento psicológico pronto e foi através desses acompanhamento psicológico que é psicóloga que o acompanhava identificou, que aqui a nível social também havia a necessidade da nossa intervenção.

E a partir desse apelo, da psicologia nós conversamos com a mãe do Sam para perceber se a mãe do Sam estava interessada também no nosso apoio e percebemos que a senhora concordou quando nós explicamos o enquadramento da nossa intervenção e que além das questões que vinham identificadas pela CPCJ que, estavam muito relacionadas com a questão de um aluno com alguns distúrbios em contexto de sala de aula, há algumas atitudes relacionadas com comportamentos inadequados, relativamente às meninas do sexo feminino.

Abordagens, desadequadas nas casas de banho, algumas outro tipo de tentativas de eventuais abusos né uma vez que se referenciava que ele apalpava as meninas e a acabámos por também perceber que na sequência dessas atitudes, destes abusos ele tinha também já alguns processos a decorrer na justiça por queixa de algumas meninas que tinham feito relatos dessas situações e também por relativamente a outros comportamentos o facto de estar com determinado grupo de amigos numa determinado local

em um determinado dia foi também acusado de ter roubado um telemóvel portanto existem e existiam e existem ainda a decorrer alguns processos na justiça relativamente ao Sam. Foi fácil a mãe partilhar todas estas informações connosco, pedir aqui alguma orientação também jurídica do ponto de vista do acompanhamento ao Sam nestes processos do abuso que ainda não estão concluídos.

Apesar dele já ter sido ouvido, percebemos que o Sam faz parte de uma família também muito numerosa, que é difícil não é poder também conter aqui o comportamento do Sam que é o irmão dos 5/6 irmãos, o quinto elemento mais desadequado, porque

Entrevistada 2 (Tecnico 2): É o que dá mais problemas, os outros não...

Entrevistada 1 (Tecnico 1): Outros não os outros não dão problemas é assim, há até a irmã mais velha que estuda a nível da faculdade, a nível superior também...

Entrevistada 2 (Tecnico 2): O irmão também.

Entrevistada 1 (Tecnico 1): E o Sam é aquele, que acaba por conseguir aqui também de estabilizar mais a mãe e o pai apesar de acharmos que ele está inserido numa família que até tem alguns comportamentos contentores, até o tentaram o incluir,

O Sam frequentava um desporto pronto, estão preocupados estão de alerta mas depois no dia a dia ele acaba por desgastar muito a família e a nossa relação com ele tem sido também dar apoio naquilo que faz falta, nomeadamente, uma vez que estas situações destes abusos se repetiram e destes comportamentos na escola onde ele estava inserido, aconselhamos que ele mudasse de estabelecimento de ensino e de método curricular...

Entrevistada 2 (Tecnico 2): De ensino regular e passou para um curso.

Entrevistada 1 (Tecnico 1): A mãe no início aceitou e percebeu, foi feita a transferência e o Sam neste momento está a frequentar um curso. As coisas às vezes também não correm bem, na sala de aula, porque continua haver queixas das mesmas situações, nas casas de banho e das meninas

Ele tem aderido a nível daquilo que o IAC tem proposto, a nível de atividades e até teve que mudar de psicóloga, porque ele tinha uma psicóloga que cessou funções no IAC, mudou de psicóloga.

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Também é acompanhado em Pedopsiquiatria...

Entrevistada 1 (Tecnico 1): Era uma necessidade que estava, identificada há muito tempo, mas que no período de pandemia foi interrompida foi difícil para a família, conseguir restabelecer esse apoio, também aqui com o nossa retaguarda acabou por ajudar, mas a família é muito diligente nestas respostas, mas foi um bocadinho mais inquietados a necessidade e que então se já foi ao serviço e se não lhe deram resposta vamos também tentar ajudar, neste momento ele está a ter a parte de acompanhamento de Pedopsiquiatra, Psicológico...

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Está medicado no Centro de Saúde de Sete Rios, na clínica do Aparece.

Neste momento, ele já foi a tribunal por um dos processos que ele tinha onde ficou com uma medida de 1 ano e meio de acompanhamento do tutelar educativo, tem que ser acompanhado durante o próximo ano e meio e segundo informação da mãe, a mãe diz que os processos que ele tinha já

cessaram todos, estão todos já só agora tem esta como empenhamento do ano e meio no tutelar educativo.

De resto, ele é um jovem quando nós o chamamos, quando nós falamos ele adere inclusivamente a mãe quando não está a conseguir, ou vê que ele não adere diz “eu vou falar à Técnico 2, a Técnico 2 vai falar contigo e vai resolver”, ainda recorre muito a nós como quando ela não consegue mesmo somos nós de retaguarda que pronto tentamos com ele fazer isso.

Entrevistadora (Sofia): OK, muito obrigada. Então, podemos passar a para a intervenção do IAC, mais especificamente, podem descrever o processo de intervenção realizada com Sam? O que foi feito e como?

Técnico 1: Já falamos um bocadinho também aqui nesta parte dos encaminhamentos o que é que foi feito? Foram identificadas as necessidades a nível desta parte educativa não é, o que é que o que é que priorizamos, priorizamos a mudança do estabelecimento de ensino porque consideramos, também ainda tivemos de início há algum feedback da psicóloga que o acompanhava que fazia a ponte com essa com a directora de turma e deu para perceber que o Sam, também se rodeava de outros jovens na escola, que também causava alguns problemas... portanto e que na escola ele já estava identificado um bocadinho com o rótulo do aluno perturbador, depois de ter acontecido, concretamente, a situação que ele é alegadamente acusado do abuso sexual, a essa menina.

Foi fácil perceber, que a mãe até o proibiu de concluir a escolaridade a partir de uma dada altura do ano, em maio

Técnico 2: Foi no terceiro período.

Técnico 1: Ele não concluiu a frequência escolar, uma vez que se sentia mal porque a pessoa que o acusou, frequentava a escola houve ali muito mau ambiente portanto houve que priorizar logo numa fase. Nós conhecemos aluno nessa nessa altura, em maio... priorizamos logo este encaminhamento... se a família concordasse para o outros estabelecimentos de ensino, também foi fácil perceber que o Sam tem uma coisa importante que nem todos os jovens têm que é um factor protetor que é a família, ou seja, ele tem uma família que o consegue proteger e conter, porque o Sam também começou a apresentar alguns sinais, relativamente, preocupantes e quais são esses sinais?

Ele quando vai ter com esses colegas mais desadequados, que tem que acabou por conseguir, algumas vezes não dormir em casa.

Isto são fugas, as fugas que ele faz da família sem consentimento da mãe, onde é que está ,onde é que está a pernoitar , com quem é, fazer o quê e também foi falando disso connosco e também numa atitude da nossa parte, a nível de conversa de tentar esclarecer que todas as atitudes ao Sam, que todas as suas atitudes têm consequências.

É tentar também travar estas fugas, porque estas fugas acabam por ser feitas 1 ou 2 dias ou um por uma noite, mas depois não é o perfil é destes jovens e que acaba por ser mais vezes com maior regularidade com maior duração no tempo das fugas. Uma das coisas também fizemos, não é preocuparmos com esta questão educativa da questão da destas fugas e tentar travar isto, também articulamos de imediato como, ele já tinha processos a decorrer na DGRSP, ele tinha na altura...

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Processo do tutelar educativo

Entrevistada 1 (Tecnico 1): Tutelar Educativo... Direção-geral de Reinserção Social e Serviços Prisionais, foi logo feito um contato nosso com essa equipa, para dizer que o Sam chegou até nós , estamos a fazer isto e... em que qual é a nossa preocupação, partilhar isso com a equipa que ainda não tinha recebido o processo da tal, da nova situação deste alegado abuso, mas que ficou muito satisfeita pelo facto de nós ainda numa fase antes da equipa entrevistámos nós já conhecermos o Sam.

E a nossa preocupação com essa equipa foi a questão da escola, a questão da psicologia não é dele não não terminar estas consultas de psicologia continuar a manter-se , a questão das fugas e que têm consequências, inclusivamente ele veio aqui nossa sede, teve também um esclarecimento jurídico um bocadinho mais formal para poder perceber tudo o que ele faz, tem consequências e tendo ele com um processo destes as consequências podem não ser tão boas se ele não se portar adequadamente nas situações e também esclarecido um bocadinho , ele tinha audiência depois para ir a julgamento e também foi um bocadinho foi esclarecido não foi um bocadinho foi esclarecido pela juristas relativamente pronto a contar o que é que se tinha passado e como é que ele havia de falar dessas coisas.

A questão, a preocupação também não é da psicologia que é da saúde também desta deste trabalho a nível da pedopsiquiatria e este foi o nosso plano.... e uma questão que é realmente, também era muito importante, uma vez que ele não estava a ir à escola e que se avizinhava o período de férias escolares, porque quando ele veio até nós eu já não me lembro mas, foi pronto é isso... ele disse que já ia...

Entrevistada 2 (Tecnico 2): No inicio de Julho, ele dizia que não ia, faltava 2 ou 3 semanas que já não estava a ir e que também já não ia mais.

Entrevistada 1 (Tecnico 1): Que a mãe não o queria deixar sair de casa, porque já com medo do que pudesse acontecer, relativamente, a estes colegas, estas fugas a estes envolvimentos e piorar a situação com a justiça e foi aí que também foi uma parte muito importante da nossa intervenção, foi desde esse momento ele foi envolvido em atividades lúdico pedagógicas que duraram até esse tempo, portanto e foi aí que ele foi aprofundando que a relação também com a Tecnico 2, nestas saídas , nestas partilha das coisas....nestes conversas, mas foi muito importante para ele, porque ele se não estava preso em casa porque a mãe estava mesmo convencida, que não o queria deixar sair, também foi importante falar com a mãe e dizer que as coisas não se resolvem a fechá-lo , mas acabou por estar envolvido nessas atividades que também foram e são e continuam também aqui fazia parte deste grupo de miúdos que nós convidamos e que é importante para ele também.

Entrevistadora (Sofia): Obrigada, Tecnico 2 o que achas, o que consideras ter sido o mais positivo na intervenção de Sam?

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Acho que o mais positivo foi a as atividades de verão, as conversas individuais com ele, porque nós tentamos sempre quando eles estão em grupo. Quando estão nas atividades há assuntos que nós não falamos com eles , porque tem os colegas e tem que haver uma privacidade, tem que haver um sigilo, porque um não tem que saber a vida do outro e porque é que um está e porque e que o outro não está.

Também quando nós os chamamos damos lá algo de e ele de ser importante para tentarmos resolver e ajudá-lo a resolver os problemas que ele... ias como é que hei de. Dizer... as parvoíces porque é normal

na idade dele, a aventura, a adrenalina o colocar uma foto que não deve de colocar. O quão o chamamos a nível individual, que se faz um trabalho individual porque nós estamos mesmo só focados nele, ele percebe que há coisas que nós guardamos segredo perante os outros colegas e que não andamos aqui a falar na vida todos uns aos outros, esta parte do individual.

Entrevistadora (Sofia): Então achas que ajudou?

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Sim, ajudou para a mudança dele, porque por exemplo houve um dia que lhe liguei às dez para as oito da manhã e depois do telefonema ele disse para a mãe “oh mãe, a Tecnico 2 é mesmo preocupada ela nem dorme, já me esta a ligar e ainda não são nove e meia. Isto depois vai tocando, porque eles também sentem...”olha, espera lá eles estão ali para o trabalho, mas estão nos mesmo a querer ajudar”.

Nós também, conseguimos com a mãe motiva-la e alterar a mentalidade, porque a ideia que ela tinha, cada vez que ele fazia alguma coisa, a mãe castigava-o e tirava-o o futebol, conseguimos junto da mãe que seria importante deixar e tentar o futebol para ele espalhar e expandir as suas energias e para vermos até que ponto como ele é responsável, por exemplo : se vai à bola e regressa. É com esses passos pequeninos que dissemos à mãe que seriam importantes para a vida dele.

Entrevistadora (Sofia): Vocês fizeram uma intervenção com o Sam e a mãe também?

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Sim, tipo isto por exemplo: do futebol fizemos nós.

Tentamos ouvir um e o outro, eles sabem que nós falamos com um, não vamos contar ao outro e vice-versa. Tentamos em conjunto, com a situação de um e do outro e a equipa, nós somos uma equipa não é individual em conjunto ver o que é melhor, que seja para um para o outro numa situação e na outra e depois em conjunto damos conselhos a um e ao outro para que funcione.

É muito importante, porque eu uso muito esta expressão que é “eles são nossos um tempo mas da família, dos pais são a vida toda” e ali é que eles têm que se sentir bem e tem que tentar conversar um com o outro para chegar a um acordo, porque neste jovens e nestas situações a pior situação é quando eles entram em ruptura é pelo diálogo, porque a mãe acha que é uma coisa, o pai acha outra e ele acha outra. E depois não se conseguem entender, então por vezes dá a fuga , a saída ou não deixar ou não querer , o não ouvir... então nós tentamos um e o outro ouvi-los tentar ver a equipa e depois ver como é que os ajudamos.

Entrevistada 1(Tecnico 1): Foi criada uma relação, há pessoas que não conseguimos mas uma relação de confiança com a mãe do Sam, eu tenho temos a certeza disso até porque houve uma, a Senhora... isto que a Tecnico 2 está a dizer é assim, a Senhora é uma Senhora que se expressa muito bem que identificou na nossa equipa uma equipa de realmente de proximidade, porque está constantemente nos diz, dizia e nos diz que isto do telefonema, que a Tecnico 2 quando ele sai da atividade dar um telefonema a mãe a dizer “olhe saiu agora deve estar a chegar”, porque a Senhora também é assim, está saturada com alguns serviços com algumas instituições e outras respostas e diz que há pessoas que que falam, falam e intervém muito, mas acabam por não conseguir fazer a diferença.

E nós numa situação de um dia que a Senhora relatou, que ele não tinha dormido em casa nós no dia a seguir fizemos questão de fazer uma visita domiciliária , no sentido de dar ali um, um raspamete pedagógico ao Sam, é dizer ao Sam “olha que isto tem consequências na tua vida, vamos ter que

partilhar também estas informações com o técnico que te acompanha” e depois acabamos por fazer isso pronto que até pronto é assim não são queixinhas, mas são coisas que são significativas e também têm que ser partilhadas. A Senhora acabou por perceber pronto, a aceitar e perceber e até criar aqui alguma empatia connosco, que mais tarde até acaba por nos pedir ajuda numa situação que nada tem a ver com Sam. Tem haver com um alegado adulto que, abusa sexualmente de outras crianças e de outros jovens e o IAC, aí acabou por interceder e fazer o que tem que ser feito e partilhar esta preocupação com as autoridades competentes, mas pronto acho que se fez isso foi porque se sentiu esta confiança também da equipa e isso é meio caminho andado para as coisas correrem bem.

Entrevistadora (Sofia): Obrigada, agora quais as maiores dificuldades na intervenção? Que limites podem existir nesta intervenção? o que é que foi difícil?

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Olha eu vou ser sincera eu não senti dificuldade em nada, porque a mãe estava numa situação tão aflitiva, não saber o que fazer, não saber onde pôr o filho que ela abertamente falou connosco, nós mostrámos-lhe as possibilidades que poderiam haver e outras situações que nós tivemos sucesso e a Senhora aceitou e nunca, nunca senti que ela nos mentisse. Isso porque, às vezes há aquelas mães que escondem isto ou aquilo dos filhos por vergonha, neste caso eu não senti nada disso, senti quando se liga a Senhora se não consegue de uma maneira é de outra... Eu até acho que agora, era ela que me estava a ligar pelo telefone da irmã, porque eu não fazia sentido que se pode ligar, dessa pessoa e ligar para outra e a outra falar com outra... sei lá.. grande confusão.

Por isso, neste casos, eu não senti nenhuma dificuldade. Eles aderiram

Entrevistadora (Sofia): Com Sam?

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Também, ele não mente e eu já me apercebi que ele diz a verdade, mesmo que seja. Ele é mesmo inocente, como diz a mãe. Mesmo que a verdade seja contra ele, ele não mente. É muito vai com os outros.

Entrevistada 1 (Tecnico 1): Eu também, à miúdos que não aderem a nossa intervenção e começam a surgir as propostas e as coisas acabam por não se conseguirem concretizar.

É assim, no caso do Sam eu lembro-me que o primeiro atendimento a Senhora não compareceu, lembra-te Técnico 2? E depois nós dissemos “é pá agora isto já está a começar mal”, mas depois a Senhora justificou-se, teve um motivo não é para não poder comparecer mas, o Sam logo implicado aqui numa atividade até no início ele nem foi logo, ele não foi com o grupo todo porque ele ainda estava de férias e os outros para conhecer o nosso espaço e assim e também é verdade também não se sente propriamente a barreiras, é assim não se sente barreiras porque as coisas até foram fluindo, porque até conseguimos... nem me lembrei disto antes, mas até que um advogado oficioso, que o Ministério Público nomeou para representar o Sam, nós conseguimos conversar e o senhor ficou estupefato e disse “é a primeira vez que eu falo com alguém no âmbito de um processo destes, que também acompanham os jovens” eu disse “não lhe faz sentido que seja assim” e senhor disse “claro que faz”.

Pronto e porquê? Porque o Sam ia audiência, nós queríamos muito que chegasse à justiça o que estava a correr bem, estamos aqui a falar das barreiras e como não sentimos essas barreiras e como ele estava a aderir era para nós IAC, era muito importante que na justiça quando os chamassem, ele alegadamente acusado de um crime, pudéssemos levar a mensagem ao Tribunal de que o Sam está

aderir, o Sam retomou as consultas psicologia, o Sam está-se a deixar ajudar para mudar de escola, o Sam está a incluir-se nas nossas atividades, portanto esse e eu disse, porque fui eu que falei com o senhor e eu disse “o senhor importa-se transmitir isto, faz-me sentido que isto seja assim?” e senhor disse “faz-me todo o sentido não me importo”, porque ele era a pessoa que naquele dia, ia lá estar representado o jovem.

As coisas é assim, as coisas acabam por não se sentir não é às vezes há constrangimentos, até com o nível da parceria com algum parceiro que é menos ativo ou o que não é tão fácil chegarmos até ele mas, aqui neste caso as coisas não têm sido difíceis e acreditamos que é não acreditamos que não é, que a nossa intervenção face ao milagre mas, é assim temos a consciência de que estamos a contribuir certamente para que as coisas se alterem no bom caminho portanto.

Entrevistadora (Sofia): Mas na vida do Sam, algumas coisas que é tipo influencia, para ele, para não chegar mais perto de vocês? Da intervenção?

Entrevistada 1(Tecnico 1): Eu acho que não, é assim

Sofia: que influenciam negativamente...

Entrevistada 1 (Tecnico 1): Há outros jovens, onde o grupo onde estão inseridos, já é tão forte e tão poderoso, que quase que a nossa intervenção fica já mais esbatida e apagada, mas o Sam é aquilo que a Tecnico 2 está a dizer que é infantil e imaturo, um miúdo tem muito que crescer como é natural, não tem que ter essas competências também trabalhadas mas, é um miúdo que também consegue perceber pronto o lado bom, portanto eu acredito, acho que ele não está ainda numa situação...ele tem amigos que não interessam tanto, que podem puxar para outro tipo de caminho menos bom mas, acredito que ele apesar de ser imaturo consegue perceber isso.

Claro que em casa também acreditamos que o facto de ele ser um filho mais perturbador, cria que muitas vezes em casa, não devem correr como deviam correr e que sentimos aqui, sentimos há uns tempos... agora também, eu não tenho falado tanto com a senhora que a mãe do Sam, a Dona Vanda estava a interceder de forma negativa junto do Sam, porque ele não era como os outros filhos, os outros são todos bons filhos e fáceis e estão todos encaminhados o Sam é o perturbador e então acabava... e chegou a dizer à nossa frente algumas frases em que o Sam também estava presente que acabámos por ter que dizer que isso não é de todo o ideal, que compreendemos que ela esteja chateada e que se de vez em quando fique não é descontrolada mas que não é tipo aquele abuso que já vai ali para a questão não é de ferir a integridade, também do filho que não deve pronto não sei ...se a Senhora está um bocadinho mais controlada porque é assim também se o Sam tiver percurso mais mais calmo, a Senhora... mas pronto ela dizia muito “e porque porque é que ele saiu assim ele, é único assim” quer dizer o próprio miúdo acaba por não também enfiar ali uma carapuça do “eu sou mau e pronto e isso também não é... e estes castigos que estavam a ser na nossa opinião, isto que a Tecnico 2 está a dizer, que não deixar ir ao futebol... é assim isso tem tudo menos que fazer qualquer tipo de pedagogia por trás explicámos percebemos perfeitamente que o que lhe queira tirar uma coisa que é boa, mas isto que Tecnico 2 disse, é assim não será certamente o futebol é a melhor estratégia porque, é onde ele liberta as energias e onde ele também se sente bem mas é assim, não sei se a Senhora, a Senhora também ... como tinha sido mãe há relativamente poucos meses, porque o Sam tem um irmão muito pequenino, uma irmã muito pequenina, a nível hormonal também pode estar ali um bocadinho desregulada, alguma coisa mas pronto ..a mãe não estava também da melhor atitude .

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Eles são 6.

Entrevistadora (Sofia): Okay, Obrigada.

Última pergunta, o que poderia ser diferente na intervenção? Algo que, poderia ser para ser diferente? Claro é difícil agora pensar...

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Eu acho, que somos tão disponíveis, estamos tão abertos, deixamos as pessoas à vontade.... eu neste caso.... Eu não sei se diria ser diferente porque, ela agora não tem feito mas, há alturas que me ligam às 8 da noite ou logo de manhã bem cedo e acho que com esta disponibilidade que nós damos, à vontade e como ela, a mãe diz e usa muita expressão de nós eu encontrei um alguém, é uma instituição que a qualquer momento, não chega às 4 da tarde e já fechou, mas pelo contrário estão sempre disponíveis.

Basta nesta situação do Sam nós só poderíamos fazer diferente, se há algum dia à 1 da manhã formos chamados para intervir, também iremos porque já fizemos com outros casos porque, eu acho que a nossa disponibilidade e o deixar estar à vontade as pessoas a qualquer momento podem nos ligar que nós estamos lá, aí acho que nós fazemos a diferença, foi o que ela disse o nosso trabalho que seja o sábado ,seja o domingo, seja o que for a pessoa está lá então.

Entrevistada 1 (Tecnico 1): Eu acho que podia haver aqui ...é assim, a uma dada altura tentámos incluir a mãe do lavn na formação das mães, que é uma resposta que também acaba por dar a conhecer às mães outra realidade de outras mães , onde também existem alguns problemas as pessoas podem procurar amparo , umas nas outras... acabou por ser uma triste coincidência que foi, quando fizemos a proposta e a Senhora, fez uma cirurgia a um ouvido e acabou por não esta receptiva e acho que é uma coisa que podemos tentar insistir porque, faz sentido que o Sam altera alguns comportamentos mas, a mãe também em princípio terá que alterar aqui algumas atitudes que se calhar... não tem também, não tem e também a nível cultural aquilo que recebeu. Foi mais de castigos e castigos corporais, ou outras realidades que não são a realidade portuguesa, pronto e que acabam por às vezes sem nem as pessoas, herdaram isso e depois acabam por querer também aplicar ...acho que era importante para a Dona Vanda, poder ...é importante mas... é importante mas, nós percebemos perfeitamente que com tantos filhos em casa é difícil também acabar por ter ali um período de tempo que disponibilize para esse tipo de situações.

Não fazia sentido que também aderisse até para perceber também.... um bocadinho até se calhar a responsabilidade também do nosso trabalho de uma forma mais formal, que é... com a mãe é mais informal estas conversas também.... também há conversas que têm que ser individuais e como a Lenor disse, não se pode ter... como n a frente todas as pessoas mas, se calhar também... também

O que é que podia ser diferente? Estava aqui a pensar.. é assim, é infelizmente as equipas também que gerem estes processos tutelares educativos que são compostas por técnicos ...não é... e nós temos o privilégio de ter nas instituições técnicos que articulam com muita regularidade no processo do Sam ,nomeadamente, o técnico em questão, eu acho que não... se não formos nós a escarafunchar aquilo ...aquilo que temos... é assim o senhor também, não se vai se preocupar na altura que tiver que elaborar um relatório para tribunal e isso também não me fazia sentido que fosse assim ,mas isto não é uma crítica à direção geral, porque há outros técnicos que fazem isto de uma forma mais regular com estas equipas de proximidade, que somos nós.. este técnico em questão com o processo dele, sinceramente

...se não for nós fizemos a última informação foi no verão que demos feedback desta fuga que ele fez e que ele utilizou esta informação ...pronto , no atendimento, no atendimento que teve ..até na minha opinião acho que até não foi correto , porque assim ele não tem relação que nós temos com o Sam, aproveitou-se...

Entrevistada 2 (Tecnico 2):Nem do Sam, nem com a mãe...

Entrevistada 1 (Tecnico 1): De uma informação nossa que, era pronto ...é natural nós queremos partilhar com ele e acabou por usar essa informação que nós demos da fuga para, amedrontar o miúdo ..."há porque se continuas a fazer isto, vais ter consequências"... acho que não devia ser assim mas pronto, é assim .. Isto é como em todo lado nós todos cometemos falhas e todos fazemos às vezes...e é a visão das pessoas e temos que respeitar mas, acho que não se tem preocupado muito em articular connosco ,nomeadamente, se não formos nós... a pessoa também não faz ...pronto mas, podia ser mais próximo porque, a psicologia ...nós até temos feito esse né , uma vez que que pronto também temos aqui o privilégio de ter o consultório, não é porque pronto quando a técnica que o acompanha a nível psicológico também identifica alguma preocupação, alguma questão também fala connosco.

A nível da pedopsiquiatria também, tentamos nos envolver mas, também não... pronto não ...eu acho que não é falta de receptividade, são tantos miúdos que é difícil também andamos aqui em conjunto articular.

O plano a nível do tutelar educativo por exemplo, não é que ele tem que que é também advém dessa situação do abuso , podia ter como noutras situações...

Entrevistada 2 (Tecnico 2): Não, não foi do abuso

Entrevistada 1 (Tecnico 1): Foi do telemóvel ?

Entrevistada 2 (Tecnico 2): O telemóvel

Entrevistada 1 (Tecnico 1): Do abuso ainda não foi então...

Entrevistada 2 (Tecnico 2): A mãe disse-me, que ele já tem todos os processos resolvidos... temos que averiguar.

Entrevistada 1 (Tecnico 1): Mas esse plano, não é seja lá que tipo de crime ....que seja... podia em articulação com o IAC... não é... isto faz-se não é ,com todos os outros miúdos que é obrigado a ir às consultas psicologia, sugere-se que se envolva nas atividades lúdico pedagógicas com o IAC, que participe... e haver um comunicado em relação a nós "olhe colegas proponho isto"... que pronto essa parte até porque, quando nós articulamos, uma fase inicial com esse técnico, o que o senhor disse foi que pela fraco tempo que tem para poder gerir isto da melhor maneira , agradece muito a nossa colaboração... portanto podia usar o IAC bem como... como até aqui tem sido porque, somos de maior proximidade e com maior disponibilidade também a nível de tempo para casar este plano do tutelar educativo connosco pronto não é assim tanto que já se já foi decidido não é que ele tem este plano connosco... não foi partilhado, eu acho que há coisas que são falta de respeito mas, pronto esta parte podia ser melhorado mas isto é a pessoa em si ..não é porque, há outros técnicos que são espetaculares e articulam... prontos ...Eu Não conheço a pessoa mas eu vou dar este exemplo que, não acho muito bem ..pronto

Entrevistadora (Sofia): Mais? Obrigada, eu estou muito satisfeita

Entrevistadas (Tecnico 1 e Tecnico 2): Se precisares de mais alguma coisa

Entrevistadora (Sofia): Claro, obrigada

## Entrevista 1 Mãe

Sofia: Boa tarde, o meu nome é Sofia. Primeira pergunta, como descreveria a sua filha?

Mãe: Agora ou há alguns anos atrás?

Sofia: Ambos

Mãe: Alguns anos atrás eu descreveria como uma miúda muito problemática, muito problemática, muito complicada ... Até antes dos 13 era um menina muita calminha, portava-se bem era maravilhosa, mas depois dos 13 anos... Depois nasceu a irmã, saiu para o torto, começou a complicar a não aparecer e casa... e...depois nesse...porque ele tomava conta da irmã e já não tinha tempo para passear e conviver com os amigos, então o caminho que ela encontrou era fugir para libertar ... porque, ela dizia: “Não sou mãe, não tenho de tomar conta da minha irmã”.

Passando 2, 3 anos foi mesmo complicado, depois dos 15, 16 já começou ali a direitar, a ter juízo ... começou a trabalhar, nunca deixou de estudar, continuou a estudar e quando começou a trabalhar com 16 anos, começou ali a direitar as coisas... já nem dá para lembrar...quando lembro fico .....coisa que ela me fez....epa...já...

Sofia: E agora?

Mãe: Agora já não... epa

Sofia: Podemos parar, não há problema...

Mãe: Acho que já passou...

Agora não, agora é um miúda ... terminou o estudo, arranhou namorado e foi viver para a Suíça, foi lá trabalhar... agora posso dizer que é uma miúda que qualquer mãe sonha...

Sofia: Quando ela era pequenina, como era ... Como descreveria a Linda?

Mãe: Em pequenina....era uma miúda espetáculo... uma miúda muito gira, um miúda muito amiga da mãe, pois é uma memória que eu criei que permanecesse para sempre, mas pronto...

Sofia: Muito obrigada. Tem alguns percursos de vida da sua filha, que são mais marcantes?

Mãe: Tenho, foi a fuga...Ela fugiu de casa...foi com 15 anos, foi ali que foi mais marcante mesmo,...

Sofia: Ela estava a morar onde?

Mãe: Tava morar comigo, depois saiu e até hoje não sei onde é que a miúda tava ...não sei com quem, se com amigos... ou na casa de alguma mãe... eu pergunto, mas até hoje ela não diz...

Sofia: Antes do momento de fuga, antes da fugas começarem... Teve alguma intervenção?

Mãe: Antes da fuga?

Sofia: Sim, antes da fuga...não só com IAC, mas com outras organizações, entidades?

Mãe: Depois da fuga, entrou IAC e entrou CPCJ... porque eu pedi ajuda quando ela fugiu ... quando ela fugiu eu liguei para a linha de apoio do SOS Criança, depois daí é que o IAC me ligou, encontrou em contacto comigo e depois foi também pedir ajuda à CPCJ...A Santa Casa

Sofia: Okay, então o momento mais marcante da vida da tua filha foi a fuga?

Mãe: Sim foi a fuga

Sofia: Okay e depois... Sim exato, sabe quantas vezes é que ela fugiu?

Mãe: Ela fugiu, não me lembro... ela uma vez fugiu ....duas vezes, mesmo assim foi duas vezes...

A última vez que ela fugiu, eu já estava a desistir dela... porque eu já estava farta... então um dia a policia me ligou ... está aqui a tua filha, está ali na esquadra e esta ali com o pai.

Porque eu acho que o pai a pegou na rua e deu lhe porrada no meio da rua... e chamaram a policia, chamaram a policia e foi para a esquadra e a policia me ligou ...Eu estava com uma filha mais pequena, na altura ela tinha 3 anos....Eu disse “olha, eu não vou , eu não vou lá buscar, se ela está com o pai, está com o pai ...não vou deixar uma miúda aqui, em Alcântara onde eu moro para ir ai até a Reboleira ...não...e não fui ...

Então ,a policia levou-a para casa, quando ela chegou com a policia, eu disse para ela: “ Se ela sair, tenho de avisar a policia?” e eles disseram: “sim, sim”. Quando eu fechei a porta, eu disse assim: “ a porta da minha casa, está aberta quando sai fecha a porta”... então a partir dai ela nunca mais saiu ... Foi a ultima vez ....Já não saiu....

Sai, mas não tem hora para voltar, mas ficar 1,2 dias fora de casa nunca mais .Foi a ultima, foi a ultima vez.

Sofia: Okay, ficou contigo.

Já falamos um pouco sobre isso, mas quais foram os motivos? Que acha que levou a fuga?

Mãe: Eu acho que o motivo,... que eu acho...acho q não começou por ai...foi amizades, queria tar mais na rua, queria ter tempo livre. Porque eu trabalhava e ela saia às cinco... eu precisava de alguém para cuidar da pequena para ir trabalhar à tarde. Então como ela não tinha tempo para passear eu acho que foi mais por ai e também eu tenho um bocadinho de culpa, porque eu não podia deixa ela com a miúda ... também eu precisava e tinha que trabalhar, eu acho que juntou as duas coisas, as amizades e o não ter tempo para fazer nada e a única solução foi fugir ...

Sofia: E agora, calma.... Pode chorar

Quando isso aconteceu, quando ela fugiu como é que você se sentiu e qual foi a sensação ?

Mãe: Foi medo, foi a preocupação ... cada batida na porta pensava que era a policia, cada numero, cada chamada, de um número desconhecido ficava com aquele medo...porque ela tava na rua e podia ser a policia, podia ser o hospital e ficava com aquela sensação de preocupação

Sofia: Teve outra que ajudou você? Outras pessoas, família?

Mãe: Não. Eu não meti a família porque, a família da vezes não ajuda.... Só falavam: “não deu educação para a sua filha”...portanto... eu achei mais certo, pedir ajuda ...quer aqui, na CPCJ e que fizeram alguma coisa....Então acho que funcionou , ajudou.

Sofia: Okay, podemos falar sobre a intervenção do IAC e como tem sido a sua relação com IAC?

Mãe: Como eu costumo dizer, eu conheci o IAC da pior forma.

Era um sitio que eu não gostaria de conhecer, nem nunca ...não gostaria, porque para conhecer o IAC, não é para bom motivo. Porque não é porque os filhos se portam bem, é porque se portam mal...

No inicio não foi fácil aceitar o IAC, não foi fácil...mas depois com tempo fui criando aqui uma família ....é uma pessoa que acolhe, quando quer falar fala e ouve e eu descreveria o IAC como uma família ... uma família ...um apoio...é isso, eu agradeço....

Sofia: Podes me dizer em quê o IAC tem me ajudado?

Mãe: Tipo assim...

Sofia: Mais positivo e também o que foi menos positivo...ou se poderia ser diferente?

Mãe: Eu posso dizer que é mais positivo, porque a minha filha é assim... até hoje temos lá bom relacionamento, mas era tipo uma ponte...ela tá aqui e eu estou aqui.

Antes de conhecermos o IAC, nós nunca chegávamos uma a outra então com a chegada do IAC... então gerou isso mais tarde... a chegar um bocadinho uma a outra, a conversar...porque ficávamos dentro de casa vários dias sem falar e depois o Técnico estava sempre: “ vocês tem que falar, mais isso mais aquilo... tem de deixar orgulho, porque mãe e filha são iguais, nem uma nem outra dão mão atorce...vocês tem que falar” e ajudou muito, ajudou na questão de falar de entrar em contacto com outro... foi bom...ajudou

Sofia: Okay, foi positivo

Mãe: Sim

Sofia: Há outras coisas que poderia ser diferente?

Mãe: Não...até podia ser mas eu não senti ... não acho que poderia ser o outra coisa que podia ser mais positivo do que eles fazem aqui ... não tou a ver...comigo acho que foi um espetáculo...foi ótimo

Sofia: Ainda continua não é?

Mãe: Sim, ainda continua...ainda tenho uma menina com 7 anos ainda foi continuando aqui, se começar a dar para o torto já estou no sítio certo e já não vou errar com a (...) como eu errei como a Linda Já tou aqui e não saio.

Sofia: Também estás na formação?

Mãe: Eu vou tentar arranjar alguma coisa para fazer, eu estava a fazer o segundo ciclo, já terminei... já fui tirar a carta, porque eu a partir dos 40 fazer duas coisas ou menos tempo não dá... ou se trabalha, mas agora vou ver o que posso fazer ...Já terminei a carta ...Graças a deus e agora vou ver...

## Entrevista 2 Mãe

Entrevistadora (Sofia): Boa Tarde, o meu nome é Sofia. Vamos começar.

Como descreveria o seu filho?

Entrevistada (Mom 2): O meu filho é um menino, meigo, atencioso, educado né mas, pronto atendendo a idade não sei... está a chegar aquela idade de jovem, de juventude, da adolescência e começou a fugir com certas... com certas coisas, porque é aquela coisa, quando chega uma certa idade já não querem obedecer às vezes, já não querem ter regras não é.. o que não.. o que não devia e então eu imponho o que tem de ser, porque é de qualquer das formas é menor então é mais ou menos isso.

Entrevistadora (Mom2): Sofia: OK. Que momentos do seu filho, na vida, são mais marcantes?

Entrevistada (Mom2): Ele é um menino muito brincalhão.

O momento mais marcante e praticamente, era toda hora chegava a casa brincava assim, se nos virem assim caladinhos começa a ser " então aqui que tem"... essas coisas assim mas pronto... Como Eu estava a dizer, chegou uma certa idade, onde já tipo sai da escola não vinha para casa... porque está com uns amigos chega tarde e não quer que eu que eu lhe pergunto onde é que tinhas ido amanhã, não vai chegar a essas horas e ele começa-se pronto a ficar ...mais tipo sério... já não brinca como antes mas, quando passa aquela raiva que ele tem as vezes brinca. Também isso tudo vem também de uma certa ..digo assim revolta , depois da ausência do pai né então que ele.. que eu percebi... que ele começa a ficar assim um bocadinho jamais tipo agressivo né, não é agressividade de bater a triplicidade em termos de falar, fala como aqueles tons mais altos e não sei quê...

Entrevistadora (Sofia): Sofia: Qual era a idade dela quando isso aconteceu?

Entrevistada (Mom2): Começa tipo com 13 anos por aí , olha para ai á 2 anos atrás foi quando começou.

Entrevistadora (Sofia): Sofia: Teve alguma intervenção nesse período, nessa altura?

Entrevistada (Mom2) :Intervenção de?

Entrevistadora (Sofia): Sofia: Intervenção mais técnica?

Entrevistada (Mom2): Sim, sim teve.

Porque está a ser seguido no hospital por causa de défice de atenção que ele tem e tinha psicóloga também no hospital e depois mais tarde, como viram que no hospital não abria-se assim muito... se calhar era mulher, mandaram-me para cá que é para poder ter um psicólogo homem ...que se calhar ele abrisse mais

Entrevistadora (Sofia): Sofia: psicólogo do IAC?

Entrevistada (mom2): Sim

Entrevistadora (Sofia): Sofia: Okay, então foi isto. E quantas vezes fugiu ?

Entrevistada (mom2): Foi aquela única vez...

Entrevistadora (Sofia): E qual foi o motivo?

Entrevistada (mom2): Não sei .. sei eu tinha encontrado uma arma em casa, mas pronto é uma arma velha aparentemente não é ? Tudo despedaçado, entre fita cola... ao abrir aquilo caiu com as peças velhas, mas arma é uma arma, nunca sei o que é que já aconteceu com aquela arma então...

Eu não vou cortar aquilo...porquê é o meu filho e não sei o que é que ...porque mesmo que seja o meu filho se fez qualquer coisa de mal com aquela arma que pagasse porque, se calhar também fez uma outra “mãe chorar” ... e não sei ..então eu quando perguntei ele disse, que foi um colega que lhe deu, eu disse então chama a colega ou o colega que é pra eu falar, para me explicar a origem dessa arma e o que é que já se fez... caso contrário eu vou te entregar à polícia.

Então ele como sabe que eu sou, também respira quando digo que faço, uma coisa fácil é então fui trabalhar eu disse-lhe , olha vou te dar até tempo ...foi numa segunda-feira o quê.. eu disse-lhe , então vou te dar até sexta-feira à tarde, quando eu chegar se não me se não me trazer o colega eu vou eu ..vou te entregar à polícia.

Então isso, terça-feira foi trabalhar ao voltar a casa tinha deixado o dinheiro para ir comprar o Pão ou qualquer coisa, já não me lembro assim.. que é no minipreço.. então disse o irmão mais velho que eu vou ao mini príncipe e nunca mais voltou. Quando eu cheguei, eu perguntei “ E o Paul?” .. e o irmão mais velho disse ele desde que ele foi ao minipreço... Eu pensei... a que horas?... ele disse 2 e meia quase 3...

Já eram 17 e tal, espere...18h, 19h e mandei o irmão ligar... eu liguei e não me atendeu.

Mandei o irmão ligar e respondeu o Paul a dizer que não volta para casa vai fugir de casa porque eu tinha dito que iria entregar à polícia. E o irmão disse, “não vai entregar”... ele “não tu conheces a mãe ela vai me entregar à polícia, mas só que eu não posso dizer quem é que me deu aquela arma e eu sei que a arma não fez nada não sei quê, mas a mãe não está a acreditar a única coisa que eu quero que ele me devolva a arma para entregar a pessoa”. Eu disse, “não isso é que eu não vou fazer”, então como ele saiu de casa, no dia seguinte entreguei a arma à polícia.

Entrevistadora (Sofia):Quando ele fugiu, quando ele não voltou para casa, como se sentiu?

Entrevistada (Mom2): Triste...

Entrevistadora (Sofia): Mais?

Entrevistada (Mom2): Não me quero nem lembrar...

Entrevistadora (Sofia): Ok, ok..O que... podemos parar, podemos parar a entrevista.

Entrevistada (Mom2): Não...

Entrevistadora (Sofia):Quem nessa altura, alguém ajudou?

Entrevistada (mom2): Tive ajuda das minhas irmãs, amigas tentamos saber onde ele estava, tentamos em contato com alguns colegas que nós conhecemos, porque eu conheço pouca colegas dele, mas alguns que nós tentamos e tinha uma feira também em Odivelas, onde estavam a fazer festas... andávamos todos os dias à noite, na feira, até fechar a feira para ver se a gente encontrava né.. mas enfim não, não chegamos encontrar.

Até que um dia, ligou-me uma senhora... prontas a dizer que viu o Paul nos Jardim de Belém, mas a filha era conheceu porque foi da mesma turma elas estavam a ir para a praia, viram e o Paul ali... a filha reconheceu e disse “mãe olha Paul” se chamaram.. então perguntou o que é que se passava e o Paul começou a chorar, que saiu de casa, fugiu de casa porque, a mãe tinha dito isto, isto... a Senhora ligou para mim disse, a mim que eu tinha visto o Paul pronto...

Ela não sabia também a minha reação, disse só que o viu ...mas afinal, ela o tinha levado para casa, mas como ela me viu aflita... estava a chorar a tentar explicar.. ela disse-me, “então calma, tu estás na rua?” eu disse” sim, estou a sair do trabalho\2, ela disse-me assim “quando chegares a casa liga-me”... eu ...eu disse “mas a Senhora me ligou com essa coisa... a Senhora me ligou com privado” e ela disse “vou desligar, vou ligar agora com o meu número” e desligou e ligou com numero e fiquei com o número.

Assim que eu cheguei a casa e liguei para ela, ela disse “olha é assim eu sou também mãe, eu compreendo a sua posição vi que a Senhora está a sofrer e eu não vou deixar seguir coisa... O Paul, está na minha casa mas, não posso, para começar não posso ficar com ele porque, ele é menor e também tenho os meus filhos também sou uma Senhora separada e não vou é ter essa responsabilidade, para começar tenho que ter com aquele papel, passar aquela autoridade para ter uma enorme e por isso e também como mãe não posso fazer isso, não sei porque ele não me explicou o que aconteceu... explicou só que uma coisa que me que não ...que não é bom também” e disse” não quero que a intervenção da polícia por favor” e eu disse “não uma vez que a Senhora me deu o seu endereço eu vou lá eu buscar o Paul, não vou buscar com a polícia agora.. se ó vai recusar isso é outra coisa”.

Então foi assim e ela me disse “mas que tenha calma não sei quê” ...mandou-me endereço eu fui lá, com o meu filho mais velho fomos buscar o Paul, ele estava a não quer vir ...ele dizia “não quer ir, porque a mãe vai me entregar á polícia” e o irmão disse “não, não “....

Não tinha lhe contar que eu já tinha entregue a arma... então depois quando nós chegamos a casa, eu lhe contei eu disse “olha assim” .... não até não contei naquele dia, arranjei advogada, marquei com advogada, advogada foi lá a casa ...e que nós sentamos eu e ele ia advogada, falamos a advogada eu expliquei que tinha entregue a arma.

Entrevistadora (Sofia): A advogado do IAC?

Entrevistada (Mom2): Não.

Que eu tinha entregue a arma...arranjei advogada pra para tentar ajudar no que for preciso ... seja o que aconteceu, seja que fez alguma coisa tem de dizer advogada... ele disse que “não, não tinha feito nada nem um colega também... segundo ele...

Eu Não sei, mas a mesma foi entregue está à sobre investigação na polícia.. e olha estamos à espera

Entrevistadora (Sofia):Obrigado então.. Aí e depois disso é que entrou a intervenção do IAC?

Entrevistada (Mom2): Sim, Sim depois daquilo contactei o IAC, porque ele já era acompanhado aqui, depois pediu se eu precisava de apoio jurídico para falar com os senhores juristas e coisa... disse que já tinha uma advogada que pronto, estava ajudar.

Entrevistadora (Sofia): Como tem sido a sua relação com o IAC?

Entrevistada (mom2): Muito bem, muito bem graças a deus... eles tentam ser sempre presentes, atenciosos, qualquer coisas estão disponíveis ajudar e pronto...

Entrevistadora (Sofia): Então o IAC ajudou com a parte jurídica?

Entrevistada (mom2) Sim, mas só com informação ...

Entrevistadora (Sofia): Quem mais ajudou?

Entrevistada (mom2): Ajudaram para conseguir a vaga no curso de formação onde ele está agora e estão sempre a entrar em contacto com a professora, já me acompanharam à CPCJ quando me chamaram...essas coisas assim

Entrevistadora (Sofia): Paul está a fazer atividades?

Entrevistada (mom2): Sim, está a fazer atividades e através dele conseguiram uma pastelaria onde Paul vai tentar aprender, onde ganha mais vontade de ... acabar o curso que ele está a tirar...

Entrevistadora (Sofia): O que considera ter sido mais positivo na intervenção do IAC?

Entrevistada (mom2): Penso que ele está a mudar aos poucos, ainda não tem aquela mudança que gostaria que fosse... mas...

\*Telemóvel toca\*

Entrevistadora (Sofia): Podemos parar... estamos no final.

Entrevistada (mom2): Não

Entrevistadora (Sofia): Quais os fatores com que fizeram isto, coisas positivas para o Paul?

Entrevistada (mom2): Penso isso, essas atividades ... de interagir com os colegas que também estão cá e ...muito motivado com a pastelaria e nem o acordo...ele vai sozinho, penso que é isso.

Entrevistadora (Sofia): Há algo que poderia ser diferente?

Entrevistada (mom2): Não, tá a correr bem dentro dos possíveis

Entrevistadora (Sofia): Obrigada

### **Entrevista 3 Mãe**

Sofia: Boa Tarde, o meu nome é Sofia. Vou perguntar algumas perguntas e estão divididas em três áreas. Primeiro percurso de vida do seu filho? Segundo momento de fuga? Terceiro intervenção de IAC?.

Mãe: Momento de fuga significa o quê?

Sofia: Quando ele fugiu

Mãe: Não, ele nunca fugiu

Sofia: Não foi quando ele ficou com um amigo, não sei... por uma noite?

Mãe: Ahhhh okok, não fugiu. Ele simplesmente foi e depois tinha medo de vir para casa e ficou lá a passar a noite .. Por isso não estava a perceber.

Sofia: Então, primeira pergunta. Como descreveria o seu filho?

Mãe: Em criança?

Sofia: Sim

Mãe: Traquina ,uma criança muito traquina, estava sempre a saltar é uma criança não tem medo de nada... desde pequena sempre vi, que ele ao contrário dos irmãos sempre foi uma criança mais agitada porque, ele pulava todos os muros não tinha medo era desentvergonhado e pronto aí notava logo que ele era diferente dos irmãos, porque era mais agitado mais fraquinho se pode assim dizer...

Sofia: OK e agora como está como jovem?

Mãe: Agora como jovem, está a tentar acertar a personalidade dele... está mais calmo porque tem tido as ajudas não é ...e faz também uma medicação para concentração porque ele também tem um défice de atenção que às vezes em termos de escolar não ajuda com que ele tenha melhores resultados a nível escolar e pelo tipo está mais calmo quando ele não toma a medicação ele fica mais agitado mais agitado que é de estabilizar a aula prontos ....não está quieto dentro da sala de aula está sempre a levantar o deixa cair o lápis ou fala mais alto dessa forma mas quando ele tem a medicação que é um comprimido que ele toma antes de ir para a escola está mais calma

Sofia: E podes contar-me e momentos de percurso de vida do seu filho que são mais marcantes ?

Mãe: O percurso da vida dele mais marcante é mesmo a nível a escolar que é mesmo a nível do comportamento escolar, que é só posso dizer a última situação já agora que ele está na adolescência não é... ou pré-adolescência foi a situação de uma acusação de uma violação e também foi a situação de uma acusação também de um roubo de um telemóvel, no caso que ele estava a passar e confundiram no com o grupo e ele foi acusado e no caso da menina ele estava a namoriscar com a menina e a menina contou essa mentira a outra amiga e quando chegou para mim... para mim acho que foi.... foi percurso mais grave que me deixou mesmo muito, muito, muito triste e não sabia o que fazer... pronto para mim são situações do extremo... para mim mais grave que um mãe não quer ver um filho nessa situação ...se realmente fosse verdade não... não quero ver essa situação para mim ...acho que foi o pico ...de mais porque o comportamento pronto... não sentar estabilizar a aula é mau não é, mas não é tão mau como estas situações para mim foram mais gravosas mesmo.

Sofia: Isso aconteceu na escola?

Mãe: Sim, o telemóvel foi no contexto de amigos que estavam na rua naquele dia que houve essa situação uns fugiram os amigos dele, como não fez nada não fugiu e o moço rapazinho mentiu que tinha sido ele e não foi ele...simplesmente o Sam estava a assistir porque ele... às vezes ele ...é muito custo mesmo... às vezes os problemas que não têm nada a ver com ele vai sempre ver o que se passa até ao fim, ele está lá mesmo a ver até às vezes digo assim “se for um tiro só para tu para te matar olha já estavas morto”, porque ele está sempre lá assistir até ao fim a bom acontecimento mesmo um acidente na rua que ele vê ele vai lá ver e pronto ...e o rapaz o fez propositadamente ou confundiu disse que tinha sido o Sam ... e não foi... e na altura do julgamento ele disse que não... que não era o Sam ... não sei se seria melhor ou não que não tinha sido ele e do da escola foi a situação que andaram ali os 2 a namoriscar não chegaram a ter o atos em concreto né... sexual e ela ...pronto aquilo foi tudo uma bola de neve...

Sofia: E teve alguma intervenção ao longo desse período ?

MÃE: Sim, quando ele começou a ter uns problemas na escola teve a intervenção da CPCJ ... durante 2 anos em que eles foram lá casa viam como é que ele estava, a nível escolar, notas, o comportamento na altura quase que não tivemos nenhum resultado porque ele ainda não tinha medicação e não estava a ser acompanhado por uma psicóloga não nem nada... depois houve uma situação que ele teve na escola toda como como meninas, as meninas deviam ter com eles brincavam puxavam já vão os casacos faziam tudo só que por exemplo, as meninas deviam dar um pontapé se fosse ela devolver claro pontapé de um rapaz já é mais forte do que uma menina dá pontapé ou ou coisas assim situações assim... que uma mãe foi fazer ...chamou a escola segura porque a filha queixou-se que o Sam puxava o casaco, Sam devolvia pontapés que a filha dava e isso tudo então também tivemos o acompanhamento....de um das decisões do juiz, no segundo caso deste a mesma menina...

Primeiro caso, a mãe também foi à escola segura a chamaram nos a na Cpcj, mas eu não quis ficar lá porque, eles não tinham nenhuma assistência o meu filho só me passaram o processo para o Tribunal... desse processo de tribunal houve esses 2 anos com as assistentes a irem lá a casa e ver como é que ele estava e tudo mais.

Na segunda vez, com esta mesma menina que a mãe era teimosa e fazia sempre questão de chamar a escola segura pela conheci as polícias a mãe era segurança privado ...foi segurança privada de alguém importante e tal, então ela conhecia as polícias todos ....então ela sempre ameaçava que ia sempre fazer queixa na polícia, na escola segura... chamava a escola segura que as polícias que ela já conhecia e a segunda vez daí já fomos para o doutor Rogério que acho que faz parte também da equipa mas na altura não ainda... não.... não sabia desta outra parte da equipa que agora a doutora Tecnica e deve também ser acompanhado pelo doutor Rogério(DGRSP) não sei sim... doutor penso que falar o nome bem ele já se reformou o doutor Rogério e teve lá 2 anos

Sofia: Psicólogo?

Mãe: Não, ele é assistente também é eu também assistente social estive lá 2 anos e foi com ele que eu consegui a doutora que ele agora faz a medicação e foi com ele vou consegui a psicóloga... tive uma ajuda mesmo 100% mesmo.

Sofia: Ele foi da CPCJ?

Mãe: Sim.... não ....CPCJ tiveram 2 anos ele esteve acompanhado em casa só sem campanha mesmo sem ajudas só as assistentes iam lá a casa ver como é que ele estava falavam com eles e tudo mai.

Depois desse da segunda vez com essa mesma menina que foi a tribunal, o tribunal aí já ordenou que fosse o doutor Rogério e o doutor Rogério a condenação foi 2 anos né ...passei acompanhando lá para ver os seus comportamentos as notas e tudo mais e no início quando a gente chegou lá eu disse ao doutor Rogério” é só sem acompanhamento nenhum ele não vai lá eu só tenho que ir lá com a ajuda da psicóloga de outras intervenções porque, senão ela não é um só ele não vai conseguir” ... me deu conta disso tivemos lá no início uns meses ele viu que pronto já havia ainda há queixas da escola do comportamento da falta de atenção às vezes ele não ia a sala estava dentro da escola mas não ia às aulas e dos horários às vezes chegava atrasada não sei quantas vezes dava uma falta de presença então doutor Rogério, começou a mexer-se como tinha esses contactos todos da psicóloga, da doutora tudo isso ela acompanhou, encaminhou e também encaminhou ...tentou futebol também depois no futebol sem eu pagar nada... conseguiu eles conseguem têm sempre às vezes respostas não é desses clubes fazendo com que eles possam praticar a atividade desportiva mais sem pagar nada prontos ...e ele foi muito bem aceito tá lá até hoje era uma coisa que ele sempre queria....

O Dr. Rogério perguntava o que é que tu queres ser...ele dizia eu quero muito ser jogador... sim jogador de futebol e tipo pá... ele não gosta muito da escola também se aprende a verdade seja dita... ele não gosta muito da escola então ou não gosta porque talvez do défice de atenção não permite com que ele tenha mais atenção.. ganhe um gostinho nem que seja de alguma disciplina ou por outra ou, é a mesma tal capacidade dele de aprendizagem também pode também fazer com que ele desinteresse da escola acho que está ligado esses fatores todos, ele diz sempre que quer ser jogador de futebol mas, a doutora agora já disse que tu tens que ter uma profissão... vão conversando com ele sobre essas situações, tens de ter uma profissão porque, jogador tem que ser muito ,muito, muito bom e podes não chegar a ser ...né e... é bom que tu aproveite essa fase que tu tens de desses cursos para teres uma profissão e consegues um trabalho daqui em diante.... né e.... consigas ganhar o teu dinheiro e teve no doutor Rogério .... antes dos dos 2 anos, o doutor Rogério mandou uma carta para o tribunal como ele era ficar 2 anos mas como ele disse assim “ó dona Vanda eu acho que estamos a fazer um trabalho tão bom e ele está aderido trabalho tão tá aceitar não é... e o comportamento mudou tudo está a ser tudo muito bom então vamos mandar uma carta do Tribunal para ele não ficar aqui os 2 anos que eu acho que é muito tempo para a idade dele estar aqui, logo 2 anos para ver se o tribunal arquiva o processo “.

Daí o tribunal arquivou o processo ficou com doutor Rogério um ano e meio, foi o ano suficiente que pronto... que o doutor ajudou e depois reformou se e agora com essa nova situações que foram ocorrendo... Porque depois eu não conseguia as consultas com a doutora eram muito difícil de conseguir. Aí ele ficou desacompanhado uns bons meses sem tomar medicação sem nada então, os comportamentos estavam a vir ao de cima outra vez não é... e o que eu digo também... acho que os comportamentos a melhoria não sou do da medicação mas também do procedimento dele eu acho que ele também foi crescendo um bocadinho, amadurecendo vendo que não pode fazer certas situações ou não pode ir mais além mas pronto... há ainda em termos da concentração acho que é mesmo mais forte do que ele que ele, às vezes não consegue mesmo, se não tiver medicação mesmo não consegue talvez daqui a uns anos que ele vai crescendo vai tendo mais esse controle mas, agora ainda acho que ainda não ainda não consegue sozinho.

Sofia: Só para perceber melhor, depois dos momentos mais marcantes na escola qual era a idade?

Mãe: Eu posso dizer que começou com 10, 11 anos... sim, 10, 11 anos foi quando ele porque eu me lembro... que eu noto como mãe que toda a mudança para ele é brutal porque, eu vivo que ele passou da primária para o secundário eu vi que comportamento começou a piorar aí sempre que ele faz uma mudança eu que eu noto sempre que ele faz uma mudança em agora já não tanto porque ele agora foi para este curso profissional... aconselhado pelos técnicos do IAC... já notei o crescimento mas, quando ele fazia essa mudança de alguma, mudança que seja de escola ou de coisa... como se ele explodisse prontos... é isso ...então

Eu que foi desde a primária ou um pouquinho do ano quando ele passou, pouquinho começaram daí prontos ....foi sempre porque na altura agravou-se muito mais, porque as escolas não têm ...não têm psicólogo para todas as crianças que necessitam não há mesmo não há e às vezes é uma psicóloga coitada que também acho que com o Tempo precisa de um psiquiatra porque, também ela não aguenta com tantas crianças... depois é uma psicóloga para não sei quantos agrupamentos ou não sei quantas escolas digamos assim.

E então ele ficou muito tempo sem acompanhamento, desde que eles que está notar o comportamento dele era sempre as cadernetas vinham cheias, cadernetas da escola e era sempre “ sempre fulano fez isso, fulano fez aquilo”.

Ajudem-me então, façam alguma coisa e não têm respostas porque não tem a psicólogas que tinha capacidade.

Sofia: No momento de fuga ... OK... Qual foi o motivo que ele fugiu?

Mãe: Não foi bem, não foi não sei... se posso chamar assim fuga não é... é que é assim...

Sofia: Sabiam onde ela estava?

Mãe: Não, eu não sabia.

Porque lá esta, ele foi num passeio com a doutora Tecnica e mais um outro menino eu, digo que o meu filho “É Maria vai com os outros” porque, ele é muito... é fácil de ser também...como é que eu posso dizer... é fácil de .... ele vais com os é fácil de serem reencaminhado e desencaminhado prontos.... fosse assim dizer apesar de muita gente diz já “vai porque quer” e não ele é muito fácil de ser desencaminhado.

E ele estava com esse menino que morava ao pé de nós, eu não conhecia morava ao pé de nós e eu estava a ver as horas a passar e ele nada, mas como eu sabia que era um passeio demorava um bocadinho mais deixei estar, não chateiei a Tecnica nem nada e por acaso passou um tempinho calhou a doutora Tecnica ligar pra mim e perguntar a confirmar se ele já tinha chegado a casa eu disse: não doutora Tecnica, porque ela dizia sempre a ele quando chegasse a casa, para retribuir a chamada para ela para, confirmar que ele chegou em casa.

E por acaso ela também teve outras coisas para fazer e não sei quê ...não ligou logo em seguida ligou, bem mais tarde eu disse: não ele por acaso ainda não chegou... até ficou surpreendido e disse: eh pá não está a brincar comigo; eu disse: não ela teve ela não chegou para casa... já ia pegar no telefone para ligar para doutora Tecnica para confirmar se a que horas é que tu deixou ele... não porque, eles deixam sempre na paragem onde eles vão apanhar a camioneta ou dentro da camioneta entra.

No caso, foi no metro... não, foi na camioneta viram os 2 a entrar, outro assistente assistiu os 2 ainda na camioneta só que eles, na paragem seguinte ou 2 paragens depois desceram no McDonald's dos restauradores... então tiveram lá ...

Ele esteve lá, como fosse maior de idade, não é... por conta dele ...desceram da camioneta foram no McDonald's estiveram ali a passear pronto... só conviver a fazer o seu convívio e no momento ...mesmo exato que eu estava a falar com a Técnica ele liga a pedir desculpas mas, Eu Não sei porque é que ele ...teve muito medo de ir para casa porque, chegou uma altura que por exemplo, na primária não... quando ele foi mesmo para o 5º ano, quando começaram as queixas, eu não vou lhe mentir... eu batia lhe porque, era muitas queixas... eu também não entendi aí não sabia lidar com esse tipo de situações porque eu, eu vim de Angola, eu tinha outra educação tive uma educação muito rígida mesmo como se diz “só não apanhas que caíram do chão as que caíram no chão” porque eu apanhei muita porrada ...aí posso dizer até fui mesmo maltratada mas, não era isso que eu queria passar pelo meu esposo meus filhos mas simplesmente que eu já não sabia mais o que fazer a gente falava, falava, falava e depois da maneira que a escola fala conosco e começam a pôr em questão a educação dentro de casa e não... Era... Eu sabia que não era porque, eu tinha os outros 2 irmãos mais velhos que ele ...e não tinha nada a ver com ele não tem nada a ver então, para mim também foi tudo novo foi uma novidade.

Eu Não sabia lidar com esse tipo de criança ou com o meu próprio filho não sabia porque os 2, sempre foram muito calmos, muito estudiosos, nunca tive nenhuma reclamação, nenhuma queixa mas com ele já estava a ter todo tipo de reclamações e todo tipo de queixas. Então ele apanhava mesmo, no início apanhava mas depois chegou uma altura que eu parei ...sentei ...conversei com meu marido, o pai eu disse “olha a partir de agora”, por acaso até conversei com uma outra pessoa na rua e ela me aconselhou disse “não vale a pena isso é pior você sabe disso porque também já passaste por isso quanto mais se bate é pior a criança fica mais agressiva, fica mais prontos ...mais frustrada não vale a pena”, ele disse então comecei com o pai eu disse: “olha a partir de hoje não vamos, mais bater vamos só conversar com ele e vamos pôr de castigo, vamos ver as coisas que ele mais gosto de fazer e vamos por de castigo, porque senão qualquer dia nós também vamos ter problemas de outro tipo por estar a bater” ...

Então decidimos não bater por isso é que eu não sei porque é que ele tinha medo de vir para casa porque quando eu ligo eu disse: “então olha estou aqui nesse momento a falar com a doutora Técnica” e como tinha um número em espera para atender, atendi a chamada dele e eu disse: “olha estou mesmo agora a falar com a doutora Técnica e não sei quê”... não sei se ele ficou com medo do que a doutora Técnica lhe ia ralhar ou se eu também lhe ia ralhar... Eu Não sei...

O que é que ele pensou naquele momento ...”aj já estou a ir mãe”... está bem eu fiquei descansada que ele já estava a vir ... ora vem... ora vem.... ora vem... ora vai nada ...eu fui dormir eu sei ....que notícias ruins chegam rápido se fosse sabia que ele devia estar em casa de alguém, ou se fingir de mendigo, porque o que ele estava a fazer é porque ele podia vir para casa porque ele disse “vem para casa já” e ele não veio o acho ou então para ele a brincadeira ainda estava boa não queria ver o convívio... não achou que ainda queria ficar na rua depois conforme foi ficando mais tarde ele depois não conseguiu voltar e ficou na casa ...naquela de ter medo... agora medo de quê? Não sei se era chamada de atenção, pelo menos sabia que estava a decorrer aqueles processos todos que a Técnica fosse falar por acaso... por acaso... as Técnica informou doutor Daniel a situação que tinha acontecido na altura até pensei que não ia informar mas, chegaram de fazer essa informação eu acho que ele está como é que eu disse tudo

...não dá apanhar não é... porque a gente já não batia ... olha fazia muito tempo mesmo a gente às vezes dizia se calhar tem uma boa porrada fazia-te bem como nunca mais a gente usou esse método chama atenção ao para educar então não sei...o que é que se passou.

Sofia: quando voltou ?

Mãe: Quando voltou, voltou na maior tipo...

Sofia: No dia seguinte ?

Mãe: voltou no dia seguinte, porque a Tecnica ficou... teve em contato com o menino já tinha ido para casa o tal amigo dele já tinha ido para casa dele tinha dormido na casa dele e diz que deixou a x horas ....

Depois eu entrei em contato com outro o outro amigo dele que diz que também tinham convivido com ele estavam a conviver com eles mesmo perto de casa. Eu moro Odiveles, tinham convivido com ele na Serra da luz no mesmo próximo ao bairro próximo de casa porque, tinham convivido com ele e ele mesmo assim, não voltou para casa naquela noite ou de madrugada, não voltou para casa só voltou no dia seguinte de manhã

Sofia: Como é que como é que se sentiste quando ele voltou?

Mãe: Ralhei

Sofia: Quando ele não estava lá, mas quando ...

Mãe: Eu tive aquelas horas todas.

Mas ao mesmo tempo sabendo que ele podia estar com alguém em casa de algum amigo ou coisas assim né... e eu quando despertei vi a hora, fui fazer o leite para a bebé notei que ele tirou mochila pela janela... só tirou a mochila pela janela vimos a mochila dele e tudo mas ele até não estava ...

Eu acho que ele devia estar a simular aquele medo devido... isso tudo... e depois acho que um amigo que era que foi com ele que dormiu em casa e tudo mais ligou para ele disse olha ele "é melhor ires para casa que não vale a pena estares a andar, mais horas que isso, não vai adiantar nada... Vais piorar a situação só vai deixar tua mãe nervosa mais, chateada contigo então tens que ir mesmo para casa".

Foi assim que ele foi para casa chegou acho que era 10 e tal ou meio-dia já não me recordo...

Sofia: Nesse dia, nessa altura que mais o ajudou?

Mãe: Quem?

Sofia: Quem ajudou, ligaste à ao IAC, Projeto de Rua ... a Tecnica?

Mãe: A Tecnica, na altura que ele ...que que eu que eu disse que estava chamada em espera, a Tecnica só ligou para outro amigo dele mas por acaso ... antes de ele aparecer ele, ela disse "olha já estou aqui a falar com o técnico para ver se a gente vai de carro e a gente passa nos sítios onde a mãe sabe que ele mais ou menos para, para gente procurar".

Porque ela ficou muito preocupada, ficou quase sentir-se culpada porque ela deixou-os na camioneta e eles fizeram isso ...depositou confiança nos 2 , porque o outro era mais traquina, ligeiramente mais que este... ela juntou os 2 naquela de confiança para ver o que é que dava... os 2 juntos e prontos.... mas

depois eu liguei quando ele apareceu liguei para Tecnica a dizer que ele já tinha Aparecido.... pronto aí ...ela ficou mais descansada se não sabia não era preciso ir lá e para lá que eles já tinham aparecido.

Sofia: Então conseguiste falar com o teu filho durante estes dias?

Mãe: Sim, não conseguimos explicar o porquê ...que ele ....porque é que ele não voltou para casa eu disse: eu chamei mesmo burro na altura”.

A Tecnica diz que não se faz mas eu nós às vezes temos um Coração aqui pela boca e eu diss: “Tu és mesmo burro, uma besteira atrás da outra besteira ... porque é que não voltaste para casa não ia te fazer nada eu ...eu porque... eu também já fui jovem eu sei que me dava 1 hora para chegar em casa, eu chegava outra hora claro que também quando tinha que apanhar ...apanhava... mas Eu Não ia fazer nada ok chegaste tarde mas, vinhas para casa tens que vir para casa, independentemente, desse não fazes uma coisa independentemente se vão debater ou se vão pode castigo tu tens que vir porque, assim pioras essa situação... põe uma pessoa preocupada, nem a ponte se calhar de às vezes e a polícia .... e a polícia está à tua procura e tudo mais e não há necessidade para isso”.

Pus de castigo eu disse : “Tecnica com ele esta de castigo, sem telemóvel na altura e sem sair, se ir ao convívio nenhum ou aniversários e depois de castigo ...depois a Tecnica conversou com ele e disse: “ acho bem que a tua mãe fez, acho bem porque tu quebraste a minha confiança também “.

Sofia: Obrigado podemos passar para intervenção

Mãe: Sim, Sim

Sofia: Como tem sido a sua relação com o IAC?

Mãe: Tem sido muito boa, muito boa... muito positiva porque eles, só não ajudam as crianças, como também ouvem os pais ou as mães, eles também ouvem o nosso lado não impõem nada é tudo muito natural tudo muito simples, eles dão as propostas se a gente aceita se não aceita também está tudo bem para elas por exemplo, é como eu estava como estava a dizer agora situação que tinha algumas atividades, 2 atividades que eles fazem agora no Natal mas, em princípio eles não vão poder eles respeitam essas essa situação de não poder é como por exemplo imagina que ele não pudesse vir ...nem fazer .. ajudar a fazer entrevista também e de livre espontânea vontade.

Acho que não ficam chateadas com isso porque elas conseguem ver os 2 lados eu acho que que são mesmo humanas que conseguem ver sempre os 2 lados e muitas vezes nós estamos desacreditados dos nossos filhos não é.... ou das situações ela nos fazem acreditar, devolvem nos essa confiança e por exemplo, às vezes a gente está a ver de uma forma negativa ela já vem de uma forma positiva e eles respeitam mesmo muito espaço também dos jovens sempre... às vezes nós não respeitamos não é por exemplo, eu gosto de ver o telemóvel do meu filho como ele ...Como Ele É muito traquino já aconteceram essas situações todas então fico muito ansiosa e muito preocupada né... então prontos ...eu pensava como ele é menor ,15 anos que eu poderia fazer isso e aprendi com o técnico que a gente também tem que dar o espaço deles e que se e que era alguma falta de respeito de eu estar a invadir a privacidade dele, estar a ver o telemóvel dele essa situação toda e agora eu aprendi a respeitar já não faço mais isso...

Então acho que tem sido muito bom mesmo, porque uma intervenção tipo estou aqui mas não estou aqui ...NOS deixam ser nós ... Nos deixam ser livres e é como se fossem mesmo por exemplo, uma amiga

porque eu às vezes fico coitado da Técnica eu tive ...assim eu ...vocês têm uma profissão muito, é uma profissão que eu gosto e que eu se eu tivesse cabeça também para a escola que eu gostaria de me formar nessa área de assistente social ou educador de infância eu também gosto muito de crianças e pronto...

E eu digo a vocês têm muita paciência porque, elas ouvem os nossos problemas todos, mais os problemas dos jovens não é ...os jovens confiam muito... o meu filho porque por exemplo, eu estava a dizer ao técnico, confia mais na (...), entre aspas não sei ...até que ponto do que comigo porque eu acho que é como uma mãe por exemplo, nos a explicar aos nossos filhos... uma explicadora porque, eu digo mesmo, eu falo mesmo... eu quando estou a ensinar aqui 2, 3 vezes e não aprendeu... sai mesmo burro... nós temos sempre a tendência “eh pá ainda agora te expliquei e não sei quê ou de levantar a voz” e coisa que a explicadora não faz então é mesma coisa que a Técnica por exemplo, eu falo de forma de mãe não é já falei com ele de uma forma mais leve ,mais leve não... não sei se posso dizer essa palavra de amiga faz me sentir que elas estão presentes e também não têm julgamento nenhum de qualquer coisa que eles possam ter feito. Imagina que todas as acusações que ele coiso é o que o técnico sempre disse, “ imagina que todas as acusações, fossem mesmo verdade, nós aqui não estamos para julgar eles, nós estamos para ajudá-los e encaminhá-los para que eles possam prontos seguir ao seu rumos da vida, que não seja e mesmo parar na prisão ou situações assim do género”.

Então eu acho que tem sido muito positiva porque, eu também vim até elas sem compromisso nenhum porque, muitos jovens veem a mando a mandato... a mando do Tribunal no caso o fim porque, psicóloga que acompanhava o meu filho falou que ainda tinha dentro do grupo deles tinha este grupo que também ela achava que podia ajudá-lo a ter. Eu disse: “por que não falará mais tempo evitava certas constrangimento e certas situações que na altura ele passou, já podia ter um acompanhamento mais reforçado, daquele que ele já tinha com o doutor Rogério, podia ter mais reforçado”. Ela disse: “olha por acaso não pensei, como a mãe falou “...

Porque ate pensei, quando aconteceu a situação da menina da escola eu tinha vergonha de falar com a psicóloga mas, quando foi uma intuição parece que Deus me diz abre o teu Coração e fala com a psicóloga e eu abri mesmo meu Coração e falei com a psicóloga porque eu estava mesmo de rasto ouvir aquela notícia e não saber se é verdade se é mentira eu até fiquei questionada ...Se Eu estava a criar um animal em casa ,ou se estava a criar o meu próprio filho ...acho que é assim mesmo pá fiquei mesmo desesperada mesmo, sabia o que fazer não sabia se batia, não sabia se fazia o quê ....eu fiquei mesmo numa situação sem saber que fazer e aí a doutora disse olha temos um grupo assim, assim não mas olha que eles demoram um pouco a dar respostas mas, eu vou fazer o encaminhamento e por acaso foi tudo rápido... foi tudo rápido a intervenção.

Foi isso que estou a dizer, foi uma coisa elas acolheram ele ...sem... mando.. sem ai sem a mando do Tribunal só assim mesmo por espontânea vontade não é ...porque é um canal é o que acaba diz por exemplo, mesmo no caso não foi o tribunal ...não é que enviou.

E eu sou livre de ficar com elas até o pronto até onde eu achar que sim que... que pronto... que e ajuda.... imagina que ele cresça né ...os comportamentos mudam né.. porque nessas situações há sempre muito mais crianças a precisarem aí crianças e jovens a precisar imagina, que está tudo bem com ele... ele tomou rumo da vida dele tomou juízo, tomou não sei quê , não vai estar ali ocupar um espaço também pode ser para outro jovem para outra criança quando chegar essa altura eu posso dizer eu vejo que não faz mais sentido né , que ele já está um homem feito. Já está a fazer sua vida pronto

pode ficar na mesma contato tudo para eles de certeza que vão deixar essa esse parêntese... aberto né... olha quando precisares, qualquer coisa podes ligar para nós e não sei quê ...porque é que ela diz. Quando chegar uma altura que a Vanda vê, já não é necessária nossa intervenção também pode dizer, pode desistir e não é... não é preciso aceitar tudo que a gente é que a gente põe ...quando é não é não e quando é sim é sim.

Sofia: Última pergunta,o que poderia ser diferente na intervenção?

Mãe: É assim.

Para quem ... para quem imagina que não se não tem conhecimento dá psicóloga eu acho que a nível de psicologia e acompanhamento médico para aqueles que precisam tomar alguma medicação, eu acho que seria o mais ideal porque, eu própria às vezes estou no meu pensamento tipo assim... imagina que eu estou ..Hoje amanhã, estou bem na vida não é... e eu também quero fazer voluntariado quer ajudar outras pessoas e eu ia conversar com o tecnico esse saber, em que parte é que eu poderia ajudar financeiramente imagina que eu tivesse bem devido a um dia financeiramente em que parte porque, eu as pessoas que me fizeram bem e que fizeram bem ao meu meu filho tiveram uma intervenção rápida e eficaz... eu... eu quero ajudar possam jovens e crianças ser ajudados.

É o meu pensamento não é ...e eu vejo que a intervenção médica tem que ser mesmo uma intervenção mais rápida ... porque é a tal coisa e ela coisa de eles quererem fazer mas, o seu impulso o seu pensamento ou sua cabeça não os deixa não permite fazer e essa parte não fica... demorou muito que não teve acompanhamento psicológico e não teve a doutora que é... Eu Não sei usar bem...pedopsiquiatria...

Sofia: Sim, ajuda crianças

Mãe: sim exato para para tentarmos logo com a medicação para ver se ele conseguia e esta a conseguir eu acho...

Sofia: Algo podia ser diferente na intervenção do IAC?

Mãe: Essa situação para mim, se elas tivessem logo estas ajudas também encaminharem logo as crianças que precisassem de psicólogo o que precisassem de medicação para ser logo medicadas ...eu acho que seria essas porque, eu acho que num conjunto acho que já fazem tudo um pouco porque, elas vão elas procuram ajudas, que possam ajudar a criança... eu mesmo muitas vezes eu falo, não sabia que eles tinham essa como é que eu posso dizer... é esse que era tão abrangente assim por exemplo, às vezes a Técnica diz assim "olha tenho que ir com uma mãe ao centro de saúde marcar consulta ".

Eu não sabia que elas faziam isso chegavam se até esse ponto de fazer isso... "olha tenho que ir ao Tribunal também", não sabia que eles tinham esse tipo de ajuda, apoio jurídico não sabia também... está tudo ...está tudo muito completo só faltava acho eu que só faltava mais esta parte de terem logo as verbas da medicação poderem ajudar com apoio psicológico ....apoio psicológico até já tem mas, também acho que não é suficiente, muitas crianças porque eu vejo que a doutora do meu filho às vezes ele vai uma vez por semana só ...e a crianças que às vezes necessitam de vir 2 vezes ou até 3 vezes por semana e que se calhar até para ir em menos pressão da tal medicação às vezes a medicação controla a criança nem faz com que a criança não precisa de ir 3 vezes ao psicólogo ou 2 vezes ao psicólogo não é...

e vejo que a ajuda é pouca quando, em termos de psicologia é pouca porque, ela também não dá conta de tudo...

Acho que o grupo... acho que deve ter 2 psicólogas naquele serviços ou uma não tenho a certeza .

Eu acho que era mais nisso tudo, elas fazem as atividades com eles, conversam com eles, vão almoçar com eles que é uma coisa que também não sabia que faziam muito...

Acho que eles estão ...tudo certo elas procuram mesmo eu vejo que essas são aquelas que eu posso dizer que não ficam com o rabo sentado na secretária porque, às vezes quando se fala de assistente e a gente vai buscar outros campos ...aqui é assim, é aquilo que as vezes deviam fazer, não fazem e aquilo que não devia fazer e que fazem às vezes elas trabalham ao contrário e aqui o grupo eu vejo que não trabalha ao contrário... vejo que elas levam mesmo rabo da Secretária ou quando estão com o rabo na Secretária ligam para os serviços pedem ajudas, não sei,,, está mesmo bem completa não tenho razão de queixa, não tenho...

Sofia: OK obrigada, muito obrigada

## **ET: Entrevista de grupo aos Técnicos do IAC**

Sofia: Boa Tarde, a primeira pergunta. Quais são os motivos que levam um jovem a fugir?

Tecnico 2: Eu apontaria, como principais motivos, uma vez que as fugas são de casa ou das instituições na maioria tem por detrás sempre aqui problemas de comunicação aqui na família por exemplo, em termos da família a alguns problemas entre pais e os filhos de que estão ligados certamente à comunicação mas, também às relações intra familiares não é.... No dialogo, não fazem aquilo que se calhar, não o entendimento entre os pais e os filhos. Os pais acharem que eles deveriam fazer determinadas coisas e os filhos acharem o contrário portanto , quererem alguma autonomia, quererem alguma liberdade ...questões ligadas também aqui a aventura ou os colegas a algumas... Sei Lá... alguma irresponsabilidade também por outro lado mas, também alguma aventura em conhecer e descobrir coisas novas não é ...uns com os outros relativamente às instituições, eu acho que a maioria das vezes fazem fuga porque, não se identificam em estar naquela resposta por exemplo, se calhar pelas condições que a própria instituição tem ou não tem e muitas vezes também se calhar motivados uns com os outros que às vezes não fogem sozinhos fogem grupo ,ou seja, no fundo não aceitam a medida de institucionalização não é ...não sei o que é que se pode dizer mais...

Tecnico 1: Eu só acrescentava, se calhar é uma questão. há também aqui as relações amorosas que é um bocadinho aquela aventura e risco, mas às vezes também querer ir estar com a pessoa de quem gostam ou etc, às vezes isso também potencia essa...o motivo da fuga. E depois porque eu muito estigmatizante ainda hoje ir para uma casa de acolhimento, isso é visto muitas vezes , não como uma medida de proteção mas, como uma medida punitiva não é ...retirar um miúdo, ele sente que está a sair das suas bases das suas raízes é muito estigmatizando desta situação tanto que nós temos por exemplo, os jovens que já fizeram os 18 anos e que podiam beneficiar da continuidade da medida e eles não querem, porque não é que precisem... é porque não querem a assistente social, não querem aquela equipa, não querem aquele que eles sentem que é como controle , eles sentem a instituição como uma forma não de ajuda nem de colaboração, mas como algo impositivo na vida deles, que eles não

escolheram que eles ....não puderam sequer escolher, alguém decidiu por eles que o melhor para eles era ir para a instituição mesmo que até seja o melhor para eles mas, eles não veem isso como um benefício veem isso como uma pena.

Técnico 2: Não aceitam como uma resposta que muitas das vezes é a única resposta que têm, mas não a veem como uma resposta positivo, ou como algo que vem em seu benefício para o seu futuro porque, ali podem estudar, podem ter uma vida diferente têm asseguradas as condições básicas, eles não veem isso como uma coisa boa mas, a privação de liberdade, privação do grupo de paz de fazer aquilo que querem é ....pronto o que no fundo é ter liberdade e estar na rua e muitas das vezes preferem dormir e estar sem condições, não ter até alimentação para o dia a dia mas , estarem na rua porque têm a tal liberdade do que estarem num sítio onde isso seja assegurado ...não é ? No fundo é um bocado isto...

Sofia: E na família se podemos acrescentar mais nas relações?

Técnico 1 : Na família, são situações que se perpetuam no tempo eles não fogem, por exemplo naquele dia x porque o que desencadeou a uma situação foi um dia x... Já um....

Técnico 2: Um acumular

Técnico 1: Exatamente, já passou, já se passaram muitas coisas em que não correram bem... houve várias tentativas por parte dos miúdos e às vezes até dos pais para resolver as situações mas, elas nunca ficaram verdadeiramente resolvidas e depois chega uma altura em que o copo enche ....pronto... vem aquela gotinha com que os faz sair mas, já é um copo que está muito cheio daí também a importância da prevenção quanto mais cedo estas situações fossem identificadas e trabalhadas menos fugas haveria.

Técnico 2: Também com os próprios pais porque, assim depois no fundo acaba por haver já aqui uma relação viciada não é ...entre os pais e os filhos..

Técnico 1: Já doente

Técnico 2: Sim, doente pode-se mesmo dizer doente porque, já não se toleram um ao outro uns aos outros porque já são tantas coisas ,tantas desculpas ,tanta mentira é tanta artimanha digamos assim ....que.... que que acaba por ter que haver o corte e os fios miúdos saem de casa mas prende-se muito aqui com a falta de afeto, se calhar com a compreensão, a falta de diálogo, a falta de comunicação de entendimento ...a própria idade não é? A rebeldia, à idade a eu acho que também acaba por ser um bocadinho transversal a todos os jovens mas que depois nas famílias se calhar mais ...não é organizadas, mas mais ...famílias mais estruturadas que conseguem aqui fazer este equilíbrio porque se nós formos ver todos passam por estas idades e a esta rebeldia natural. Só que depois nestas famílias se calhar é mais visível porque, não há aqui um equilíbrio não se consegue aqui este equilíbrio que é necessário e este diálogo que é importante e esta concessão entre haver aqui cedências da parte dos filhos e da parte dos pais para se dar aqui um equilíbrio estas famílias são esgotadas, saturadas...

Técnico 1: Já não conseguem ser mais criativas o que tentaram não deu resultado e já não conseguem... mais eles

Técnico 2: E elas próprias, eu acho que também muitas delas também já passaram por, portanto acabam por ser pessoas que já tiveram infâncias também muito semelhantes e portanto isto acaba às vezes por se repetir, mas é claro cada situação é ... mas no fundo eu acho que abordamos aqui assim os pontos principais.

Sofia: Há outras razões que não são na família . Outras situações que levam à fuga? Situações mais graves?

Técnico 2: Que levam à fuga?

Sofia: Sim

Técnico 2: É assim à partida, os jovens nestas idades ou estão com a família ou estão instituições , quando falamos de família não tem que ser pai e mãe pode ser a família um bocadinho mais alargada pode ser avós, pode ser tios, primos enfim... alguém da família não tem que ser só a mãe o pai a família tradicional, pode ser madrasta, padrasto enfim... alguém de família não é algum laço familiar à partida estão inseridos ou em famílias não é ou a instituição pronto basicamente acho que é um pouco isto.

Sofia: Quais são os elementos chave de sucesso na intervenção como jovens em fuga ?

Técnico 1: A primeira é a relação. Se nós não conseguirmos ter uma relação de confiança com eles não vale ... não conseguimos dar-lhes mais nenhum passo em frente , a primeira coisa é cativá-los e eles confiarem em nós e sentirem que estamos aqui disponíveis para os ajudar isso é ...isso é o primeiro passo só alguma vez...

Técnico 2: É a nossa metodologia

Técnico 1: Depois o seguinte é ir com eles tentando encontrar algumas respostas.

Perceber o que é que eles querem fazer, o que é que é importante também para eles e ir sempre consciencializando as coisas que nós próprios enquanto equipa e... se achamos que são importantes como a escola, as questões da saúde e etc.

Depois esse é um caminho que se vai percorrendo com eles mas, que não pode ser uma coisa impositiva só porque nós achamos se fazemos não tem que ser ... tem que ser um caminho tem que ser partilhado lado a lado nós e eles .

Técnico 2: Eu acho que aqui é importante... claro sem dúvida ...a relação é fundamental no meio disto tudo .

É também eles sentirem, por causa da ...era aquilo que eu estava a dizer da nossa metodologia no seu todo porque, o estarmos próximos não é... o termos tempo para os ouvir, coisa que se calhar em casa ou na instituição não têm... para os ouvir de outra maneira, para também ver o seu ponto de vista que muitas das vezes não é analisado é só dos adultos.

Portanto eles não, têm digamos assim voz ativa pronto, não os ouvem ...se sentem ouvidos pronto por mais descabido que seja aquilo que pensam e é tentarmos ter o tal tempo para os ouvir e para tentar desmistificar muitas vezes aquilo que eles têm como uma ilusão. Fazê-lo chegar um bocadinho à realidade das coisas e a relação permite tudo isso. Não os condenarmos pelo que fizeram. E não os condenamos por isso, temos o tal tempo sabemos ouvir...

Técnico 1: É compreender também a razão é que os leva a fazer determinadas coisas isso não quer dizer que nós também sejamos cúmplices que que eles fazem...Mas também, compreender às vezes os motivos.... porque é que respondem daquela maneira, porque é que têm determinadas reações e também de ir também temos que ir devolvendo a eles também têm que ter a consciência que às vezes

nem sempre também respondem da melhor forma o que nem sempre fazem as coisas da de forma mais correta .

Tem que ser aqui também consciencializando os jovens também é para esse tipo de comportamentos...

Técnico 2: Estamos mais do problema, digamos assim somos neutros, somos neutros acabamos por ouvi-los, ouvir a sua versão dar-lhes esse tempo de poderem exprimir aquilo que sentem porque eles fizeram e depois como a colega estava a dizer vamos desconstruindo aqui e desmistificando às vezes coisas que eles acham que têm razão em tudo.

Mas ir, também fazendo a tal pedagogia de mostrar também o outro lado e porque é que se calhar os pais ou as instituições funcionam desta forma ou porque é que não deu certo no fundo tentares ver os outros caminhos... não são eles que têm a total razão... e eu acho que é um bocadinho por aí mas, a proximidade, a relação e o tempo... e esperar que eles mudem porque isto depois também não é de um dia para o outro nem é... só com uma conversa eles próprios também têm que estabelecer relação connosco e nos conhecerem não é ...e confiarem porque isso não é assim no primeiro dia nem pouco nem mais ou menos e é engraçado que às vezes....

Sofia: A próxima pergunta...

Técnico 2: É o futuro?

Sofia: Não, quase quais as maiores dificuldades na intervenção?

Técnico 2: Na intervenção com eles?

Sofia: Ou limites

Técnico 1: A maior dificuldade? A maior dificuldade é logo estabelecimento da relação com alguns destes jovens, é muito difícil e leva o seu tempo mas não podemos desistir temos que ser muito persistentes aqui logo nesta fase inicial, porque eles já conheceram muitos técnicos anteriormente, já tiveram muitas pessoas que lhes falharam na vida que a quem eles se calhar até deram algum benefício da dúvida e depois as coisas não lhes correram bem ...portanto há aqui uma resistência natural que nós consideramos natural ...não vemos isso como um obstáculo, sabemos mesmo que é assim.. é com isso que temos que contar e a partir daí que temos que trabalhar com eles, mas essa resistência inicial é assim...

A nossa primeira dificuldade depois, as outras às vezes prendem se também com as respostas que não existem para estas faixas etárias porque, temos jovens que têm baixa escolaridade depois querem uma formação e não existe. Depois formações nas áreas que eles gostam, com escolaridade estão tão baixas.

A nível por exemplo, da saúde mental quando são jovens que precisam de acompanhamento pedopsiquiatra, o psiquiátrico, psicológico os serviços são muito demorosos depois na respostas das consultas são muito espaçadas por exemplo, as medicações às vezes não tem determinados efeitos secundários mas, eles depois só 3 meses depois é que têm uma nova consulta acabam por deixar de tomar a medicação... por exemplo se dá muito sono ou se tiver outro tipo de efeitos é o sistema e entre de saúde a nível do apoio em saúde mental para estes jovens é muito é pobre , nem sempre depois nós também conseguimos tudo aquilo que um jovem precisa em tempo muito útil da vida dele.

Técnico 2: Não se prende só se calhar só com a saúde... para complementar em termos por exemplo, das medidas que têm a decorrer muitas das coisas que já fizeram há muito tempo depois, quando eles até estão minimamente equilibrados a é que é aplicada as sanções digamos assim ...e às vezes os miúdos até estão a fazer um percurso minimamente equilibrado e positivo e desenrola se.... a enfim a aquilo que se passou há muito tempo... e aqueles, portanto depois são sancionados digamos assim...portanto acabam por não ter uma vida estável a este nível, não há estabilidade, não há grande estabilidade,

As barreiras são várias ao longo do tempo ... passado aqui esta parte de nos conhecerem e de realmente confiar, em haver aqui uma confiança digamos assim na equipa e nas pessoas e conhecendo a instituição e qual é o nosso propósito, que estamos para ajudar.

Por vezes, nem tudo corre bem é evidente, as coisas são o que são mas fica sempre uma porta aberta para mesmo que eles possam ir ...e um dia pensem melhor e possam voltar isso é importante e muitos voltam depois às vezes....

É também conseguir motivá-los a fazer coisas diferentes, algo...

A gente propõe determinadas coisas e eles estão um bocadinho amorfos ou seja não parece que não querem nada parece que estão....

Técnico 1: Os miúdos não sabem...

Técnico 2: Não sabem o que querem

Técnico 1: É verdade

Técnico 2: Às vezes até coisas simples.... ou de diferentes que podemos até sugerir e é possível fazer com eles ...

\*Telemóvel a tocar\*

Sofia: Podemos parar

Técnico 2: É uma ligação.

Sim muitas das vezes estes miúdos parece tão assim.. numa apatia nós propomos determinadas atividades ou ações para se fazer com eles ou perguntamos o que é que eles gostavam de fazer de diferente ou coisas que gostassem de fazer simples ...mas eles não conseguem identificar... eles não conseguem isso é complicado e para nós acaba por ser constrangedor, acaba por ser aqui uma barreira que muitas das vezes sugerimos coisas que não queremos sugerir coisas que não vão de encontro aos seus desejos... gostávamos aqui que eles se pronunciassem e muitas das vezes não sabem.... não tem nada que gostassem de fazer e portanto as ambições são muito pobres.

Não adiantam assim muita coisa e isso também acaba por depois ser uma barreira aqui nós e para a intervenção que se está a delinear e para o projeto que se está a delinear com aqueles miúdos não é em concreto.

Sofia: Quando fazem coisas, atividades como eles o que é que tem sido trabalhada? O que é que vai ser trabalhado? Que valores?

Técnico 2: Nós definimos logo, inicialmente quando for possível com cada um deles e mediante o problema enfim... maior não é mediante o problema que se identifica como prioritário a agir.. é identificamos ...temos sempre o objetivo de trabalhar aqui algumas competências, depois podemos formular isto, mas trabalhar algumas competências e nós até definimos por vezes quais são aquelas que nós trabalhamos ao longo do ano que consideramos enfim importantes nomeadamente a autonomia a assertividade....

Técnico 1: E a comunicação...

Técnico 2: Comunicação ... consideramos como sendo aquelas mais prioritárias, ou de maior incidência e que pronto ... de começar a trabalhar, depois claro que cada caso pode se verificar aqui a necessidade de haver aqui acertos não é... mas estas 3 são aquelas que ultimamente nós temos definido para trabalhar com os miúdos.

Técnico 1: É assim, também uma das dimensões que nós consideramos sempre muito importante é a parte emocional dos miúdos , aliás nós aliamos aqui várias coisas.

Por um lado atividades que são do interesse deles e muitas vezes atividades que eles não têm a possibilidade de fazer no seu dia a dia .

Portanto coisas um bocadinho diferentes coisas que eles gostavam , mas que eles ainda não tiveram oportunidade de fazer, porque isso potência logo o nível de motivação e da adesão de algumas atividades não é ...e uma abertura para depois no decurso dessas mesmas ações nós podermos ir conversando com eles, conhecendo também um bocadinho mais as suas histórias de vida os seus interesses e os seus gostos.

Depois por outro lado, indo também introduzindo aqui alguns aspetos que nos parecem importantes serem trabalhados digamos assim, com cada um deles, pois é muito nessa linha das competências da assertividade, da resolução de conflitos porque são miúdos muito impulsivos que respondem logo na mesma moeda e às vezes de uma forma que não... pronto que não é pensada e sempre que no decurso dessas atividades quando nós estamos com eles há um conjunto de situações que vão sendo geridas e que vão sendo reaprendidas por eles não é por exemplo, logo a questões dos transportes eles sabem por exemplo que conosco nunca andam sem um título válido, agora até à questão do pass ser gratuito em Lisboa que é uma coisa recente mas, antigamente não havia isso eles sabem que conosco ...mesmo que seja o IAC a custear por exemplo, os módulos eram sempre validados nunca se vai nos transportes sem ser com bilhete válido portanto, há todo um ensinamento digamos assim que a própria atividade vai proporcionando temos que esperar, temos que estar na fila, entramos quando for a nossa vez , temos que respeitar a pessoa que nos está por exemplo a explicar um sítio mais... Sei Lá ...o museu ou outra questão assim portanto, há uma série de questões que durante a própria atividade vão sendo reaprendidas pelos próprios jovens.

Pronto saber fazer saber estar nas coisas a curiosidade não é todas essas coisas nós tentamos sim.... potenciar

Técnico 2: Eu acho que a par disto tudo, pois também o IAC tem algumas respostas que lhe podem dar aqui também alguma estabilidade emocional, nomeadamente, a o ter o apoio psicológico, porque muitas destes miúdos precisam realmente e já falamos aqui da saúde mental ...precisam aqui de uma do tal equilíbrio, a afetivo emocional e portanto é importante também eles poderem ter aqui essa resposta

a nível mental assegurada ou até uma resposta por exemplo, ou seja, nas diferentes respostas que o IAC tem ,neste caso estou a falar da psicologia, estou a falar da resposta da escola de segunda oportunidade em termos até educativos...pode ser também uma possibilidade para lhe dar aqui alguma estabilidade e para dar aqui também alguma certificação...muitas das vezes estes miúdos já abandonaram as escola ou estão na rua e estão em fuga portanto, há alguns anos e portanto fundo podem ainda ter aqui algumas respostas gratuitas , digamos assim e que podem ser uma boa oportunidade digamos assim para aqui alguma instabilidade afetiva, emocional e educativa pronto ...

Sofia: É isso que é queria saber também porque uma vida de um miúdo ou de uma pessoa é muito complexa temos diversas áreas de contextos, então a relação do IAC com outras ...não só entidades mas a família ou escola?

Técnico 2: Sim, é muito importante, como é muito importante nós dizemos sempre não trabalhamos... claro que o nosso principal alvo são as crianças e os jovens mas, não podemos dissociar esse trabalho... o trabalharmos com as crianças e com os jovens das famílias e das entidades e dos parceiros, não trabalhamos sozinhos e portanto há sempre necessidade de envolver outros, outros agentes , outros atores sociais e ...a família é uma das principais, assim que nós conhecemos o miúdo portanto, é uma das principais grupos alvo portanto, a ser envolvido não é a gente porque há sempre algum elemento da família que também queremos depois conhecer, seja através do miúdo ou não, mas é sempre nossa intenção envolver a família neste processo e depois claro que são miúdos que cada vez nos chegam mais cedo mas, que já trazem como disseste um percurso digamos nos vários contextos onde esteve inserido... em que é preciso realmente envolver a entidades , parceiros seja da escola, seja ligados à saúde ,seja ligados a serviços...uma série de entidades e serviços têm que ser envolvidos porque, o caso não começa do zero, nós tentamos sempre quem é que já esteve envolvido quem conhece o caso, no fundo trabalharmos o mais articuladamente possível cada um com a sua especificidade digamos assim ...

Sofia: E há algumas dificuldades?

Técnico 2: Às vezes há, nem tudo é fácil, porque os serviços também alguns são mais burocráticos do que outros...tem as suas regras próprias mas, de uma certa forma é assim e ....às vezes inicialmente não corre tão bem mas aquilo que podemos dizer é que temos também este papel em termos do IAC, um papel de mediação entre os serviços e o próprio grupo alvo, servimos aqui um bocadinho de ponte de mediar aqui ...não é... muitas das vezes somos a voz das famílias e a voz dos jovens com as instituições porque, também é muito importante porque, nós não temos todos os serviços nem nenhuma entidade é supra suma ....não é ...portanto temos que aqui recorrer aos recursos e que existem e às várias áreas de atuação portanto ...só assim é que é possível e é integrado portanto , é de forma integrada e conjunta conseguirmos analisar aqui o problema ...que nós dizemos agora uma frase bonita que é “que é resolver ... abordar a problemática aqui de uma forma holística”.. e as várias visões e olhares ... para que ...para que consigamos aqui uma melhor resposta.

Sofia: OK... então última

Técnico 1: Não tenho mais nada a acrescentar, acho que nós fazemos mesmo papel de muita mediação entre todos. Ouvimos a família, ouvimos os parceiros, ouvimos os miúdos temos a nossa própria opinião, relativamente, depois às informações que vamos recolhendo e tentamos sempre mediar, articular e consertar aqui a ação entre todos em prol do superior interesse do jovem.

Sofia: Última pergunta sobre o futuro do IAC quais são as ativas futuras do IAC, algo vai mudar?

Técnico 2: Aqui podemos analisar essa pergunta que várias vertentes que vai mudar termos de estrutura ou em termos da nossa intervenção ?

Sofia: Intervenção

Técnico 2: Ligada à intervenção, infelizmente os problemas sociais e por várias razões e nos últimos anos, tem-se verificado... seja de pandemia, seja da guerra... se todas estas situações enfim que não estávamos à espera e que surgiram até não só a nível nacional mas do próprio, que tem impacto depois a nível mundial... a estas situações sociais terminam não é ...infelizmente as situações não ...e... pronto... e por estas fatores a não se prevê que as coisas melhorem, antes pelo contrário. Portanto, todas estas situações sociais têm vindo a ser cada vez mais, aquelas famílias que se calhar estavam mais organizadas ou mais estruturadas mediante estes fatores que foram acontecendo nos últimos anos têm sido aqui afetadas ....não é...

Falamos aqui de problemas também financeiros porque, as pessoas ficaram muitas sem emprego, com empregos frágeis, cada vez o nível de vida cada vez está mais elevado portanto ...é as camadas mais ... é enfim ...onde essas bases não estão asseguradas digamos assim a acaba por ser mais afetadas e de uma forma geral até somos todos ...eu diria que a situação não se prevê assim muito " rosa "...mas pronto... é isso acho que não depende só aqui do IAC, nem das entidades ligadas ao social, acho que são problemas mais transversais e mais globais que requerem aqui uma análise também mais em termos do governamentais. Outros programas de âmbito mais global, mas infelizmente as coisas não se prevêem que venham a melhorar assim nos próximos tempos, pelo menos é a ideia que nós temos é cada vez mais surgem denúncias e sinalizações de famílias que não têm o básico que não têm porque não tem estrutura .....

\*Interrupção da entrevista\*

Técnico 1: Acho que está temática também dos jovens em fuga colocam novos desafios, também a intervenção social e aí concretamente a intervenção da desta equipa. Sabemos que por exemplo, eles nesta fase não tão expostos a nível por exemplo, de permanência em contexto de rua como já tiveram no passado ...também não são tão facilmente identificados por questões de falta de higiene, ou da sua apresentação... são jovens que se continuam a cuidar muitos deles pois encontram em casas de amigos ou de outras pessoas, ou um sítio onde ficar e acho que em termos futuros há muitos desafios que se colocam aqui esta intervenção e que nós próprios muitas vezes refletimos sobre a necessidade de também de adequação da nossa postura, nomeadamente, depois na localização destes jovens que nós fazemos giros... não é.. tanto de dia como de noite, para ir ao seu encontro mas na realidade sabemos que muitos destes giros nós vamos fazendo e raramente encontramos um jovem mas, de qualquer das formas temos identificado que ele não está em casa ou que ele não está na instituição... então e onde é que ele está? esta é a grande pergunta que se coloca também a esta equipa e não é fácil agora com as questões das redes sociais e com ..com facilidade como eles comunicam uns com os outros e encontram também soluções pontuais porque, ora estou na casa do mas tanto podem estar na Amadora como depois no dia seguinte em compatibilizam se com aquelas pessoas que o acolheram e vão por exemplo

para o Barreiro, ou vão para a margem sul para outro sítio... pronto... há uma grande mobilidade deste grupo alvo muito também facilitada pelos transportes e etc.

São muitos desafios que se colocam, muitas questões que nós temos mas para as quais também ainda não encontramos uma resposta ...é difícil também reestrutura ... eu acho que é imperativo reestruturar este tipo de intervenção neste momento acho que não sabemos muito bem como fazê-lo.

Tecnico 2: Pois isso, é isso, é isso... é uma verdade e é uma preocupação que cada vez mais esta equipa tem porque, também não existem assim tantas equipas que estão a fazer o nosso trabalho, portanto existem com quem nós também vamos articulando a equipa dos sem abrigo por exemplo... mas em termos de desta faixa etária os jovens não é ...procurá-los irá ao seu encontro na rua também não existem equipas não é ...e por vezes sentimos aqui também alguma... como é que hei de explicar isto... sentimos aqui que a falta... se calhar de outras equipas que também nos pudéssemos juntar e de forma conjunta ver o que é que podíamos fazer mais e melhor ... Sei Lá ...existem depois outras entidades ,nomeadamente , a polícia as equipas dos sem abrigo.

Sofia: Melhor para encontrar?

Tecnico 2 : Para encontrar aqui algumas sim ....para encontrar os miúdos para ver o que é que se poderia fazer mais, porque eles não estão nas instituições porque fazem fuga, não estão em casa porque fogem mas eles não são encontrados na rua ...eles há uma grande dificuldade em saber onde é que estes miúdos estão ...muitas das vezes ... vão....

Sofia:Onde estão durante a fuga...

Tecnico 2: Onde estão durante a fuga ...durante o dia, durante a noite...

Portanto como é que eles sobrevivem muitas das vezes hão de estar implicados em grupos que se dedicam por exemplo, a roubos ou outras práticas ilícitas... e como chegar a estes miúdos?... não é... é porque se eles não estão em casa, não estão nas instituições têm que estar e é esse lado e é esse lado que nós... esse local que nós não sabemos, portanto pode ser num sítio como noutra da cidade.

A área de intervenção desta equipa é muito abrangente, área metropolitana de Lisboa é uma área muito abrangente e que por vezes sentimo-nos um bocadinho uma gota no oceano, porque podem estar em “N” sítios ...E talvez se se devia pensar numa forma que ...não sei ...não é só o IAC... O iac já apelou muitas das vezes sobre esta questão e refletiu e vários grupos de parceiros e que tratam destas problemáticas.

No fundo, a que se dediquem só para o facto de encontrar estes miúdos e trabalhar com estes miúdos não existem equipas... Como Eu estava a dizer existem ligadas à questão dos sem abrigo ...está bem ...que estes miúdos alguns deles também procuram os sem abrigo e estas equipas que dão portanto alimentação, que dão que dão este este tipo de apoio noturno mas é como propósito... não é ...com aquele propósito a é evidente se eles quiserem sair da rua e ser ajudados claro que há aqui a articulação entre os serviços mas quer dizer não existem equipas na cidade com este propósito só relativamente aos jovens, somos os únicos e isso também nos dá aqui alguma fragilidade e se antigamente eram mais fáceis de identificar como uma a colega já falou ...não é porque eles estavam na rua realmente eram visíveis aos olhos de toda a Gente... Hoje em dia, como também já foi dito por toda a rede metro, por todas a os meios de comunicação, telemóveis etc ...é possível eles eles não estarem concentrados onde

anteriormente isso se verificava e portanto é muito mais difícil encontrá-los para que depois possamos fazer o nosso trabalho... não é ...pronto...E então é muito passar a palavra uns aos outros e ir falando com os parceiros para dizer ...para nos conhecerem e para divulgarem o nosso trabalho, divulgar os nossos contactos e portanto e estar sempre em alerta mas... provavelmente não é suficiente não é ...

Sofia: A polícia

Tecnico 2: A polícia também está... de alguma forma articulada connosco.

Nesta a medida das fugas, nesta problemática... portanto.. porque através da linha do SOS, é acionado sempre que há uma fuga é acionado não só esta equipa de rua mas também os órgãos policiais... portanto para que façam também o seu trabalho... portanto por requer aqui esta articulação isso é feito agora ...não seremos os suficientes não é ...agora o que fazer ? Ou como fazer ? A importância de haver mais equipas sim ou não... de que forma ...de que forma articulada é que se poderia funcionar melhor claro que são respostas que podemos ter mil ideias mas que, depois na realidade não se concretizam porque isso também recia aqui muitos recursos e outro tipo de organização, fazemos aquilo é possível e o nosso melhor.

Não é ...acho que depois é muito por pelo aquele papel de mediação e de pormos os vários serviços a comunicar e agirmos nas várias frentes e às vezes conseguimos ser a diferença... mas claro que nunca será suficiente ..não é ...

Tecnico 1 : Eu acho que é mesmo isso

Tecnico 2: É uma preocupação

É mesmo era uma preocupação nossa e nós falamos muito nisto e assim muitas vezes a gente faz os giros e ai não vimos ninguém, não vimos ninguém...

Eu acho que é assim, isto é a essência ...foi aqui que tudo começou o projeto, começou por aqui pelo giro por este trabalho as coisas também não podem terminar assim agora... nós também não podemos estar a pedir às outras entidades que formem equipas para estarem na cidade e fazerem o nosso trabalho não é isto... Envolveria outro tipo de coisas portanto, temos ...nós gostávamos também... e queremos ser úteis mas também, não temos aqui pessoas e equipas aqui para pormos uma em cada canto e todas as freguesias ...não dá... né ...portanto não sei ...mas a nós também achamos que alguma coisa deveria ser feita... é assim a pessoa até já pertence às vezes a determinados grupos e reuniões e etc ...mas depois também não passam muito do papel... a pessoa vai a reuniões fala-se” a ai sim Senhora” ... mas depois....

Tecnico 1: Deve ser criado um grupo de trabalho

Tecnico 2: Tem que ser diferente

Tecnico 1: se nós conseguirmos se calhar também investir um bocadinho mais nisso às vezes também...

Tecnico 1 : Mas não temos

Tecnico 2: Acho que talvez fosse importante criarmos um grupo de trabalho onde estivesse o IAC, onde estivesse também técnicos dos centros de acolhimento que é também onde os jovens depois também atuam algumas fugas. A própria polícia porque, também tem muito conhecimento real destas situações

da própria polícia judiciária que em situações mais complexas faz depois também a procura destes jovens ...acho que talvez esse grupo pudesse encontrar também aqui mais alternativas pensar na realidade que cada um também traz, ou iria trazer nessa reunião e depois encontrar aqui outras alternativas e estabelecer se calhar canais de comunicação entre todos ....mais... mais fáceis porque os centros de acolhimento por imposição legal fazem a participação das fugas nas esquadras locais mas, essa esquadras locais algumas... a maior ...parte delas nem sabem que nós existimos não sinalizam para nós também, há aqui um bocadinho de falta de comunicação entre todos e um bocadinho também falta de divulgação .Apesar de nós sermos uma instituição com 40 anos mas, também falta um bocadinho de divulgação do trabalho que nós fazemos porque o cidadão comum nem sabe que existe uma equipa na cidade de Lisboa e que abrange a área metropolitana de Lisboa, disponível para este tipo de intervenção ...não é... as pessoas também desconhecem um bocadinho este este serviço penso que deveria ser aqui uma ação concertada e acho que o futuro passa muito também por aí ...também talvez ouvir os jovens que já efetuaram fuga e que também já estão no percurso um bocadinho aquilo que o Radar está a fazer no sentido de ouvir os jovens para , podermos também parecer uma resposta mais eficaz

Tecnico 2: Mais direta, mais eficaz com base na opinião de quem já esteve em fuga... mas isto de tem que ser ....

Sofia: Então algo mais acrescentar?

Tecnico 2: Acho que não ...isto é uma é, uma reflexão que pronto ...que nós temos.

